



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

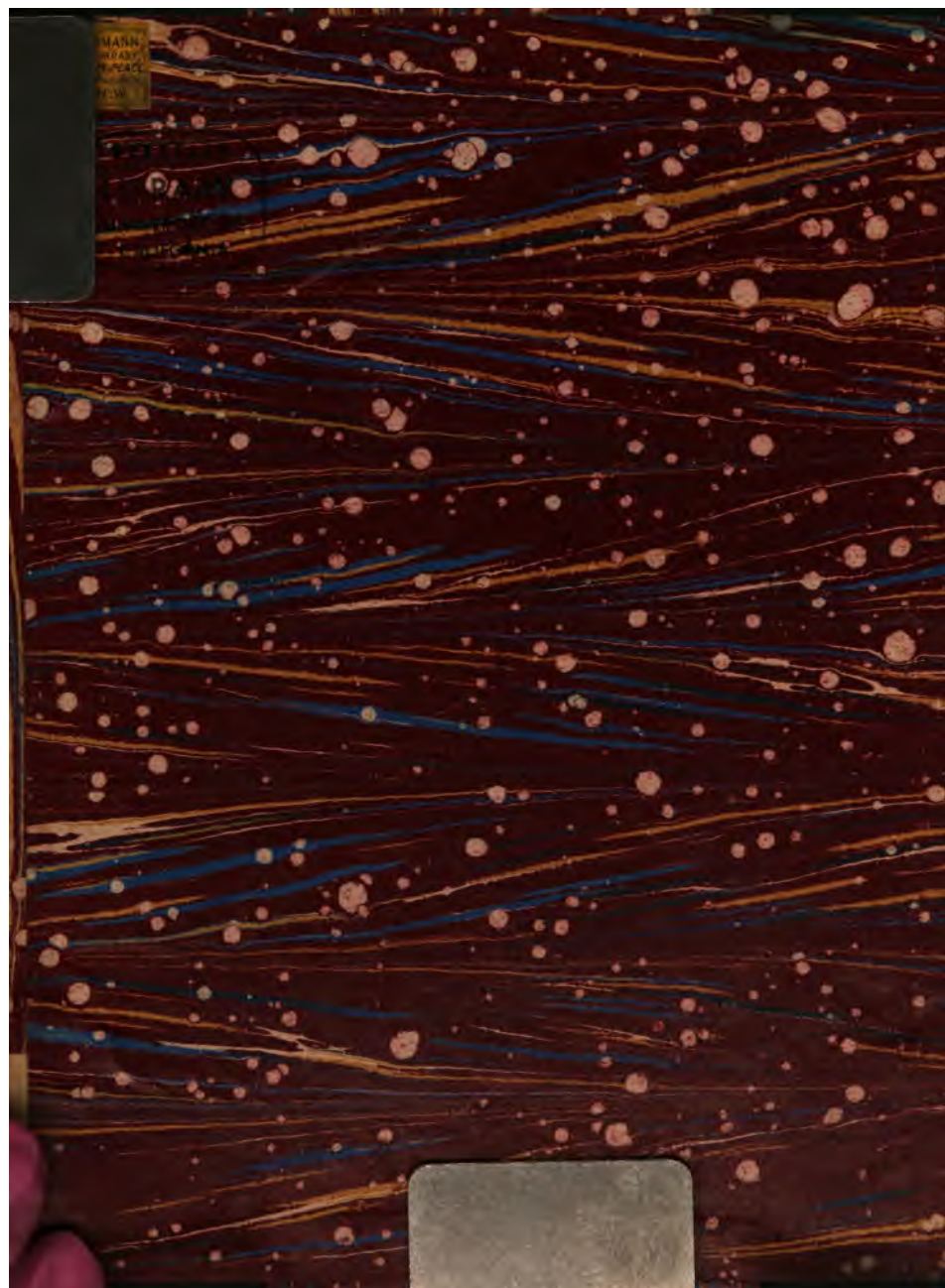
Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

UC-NRLF

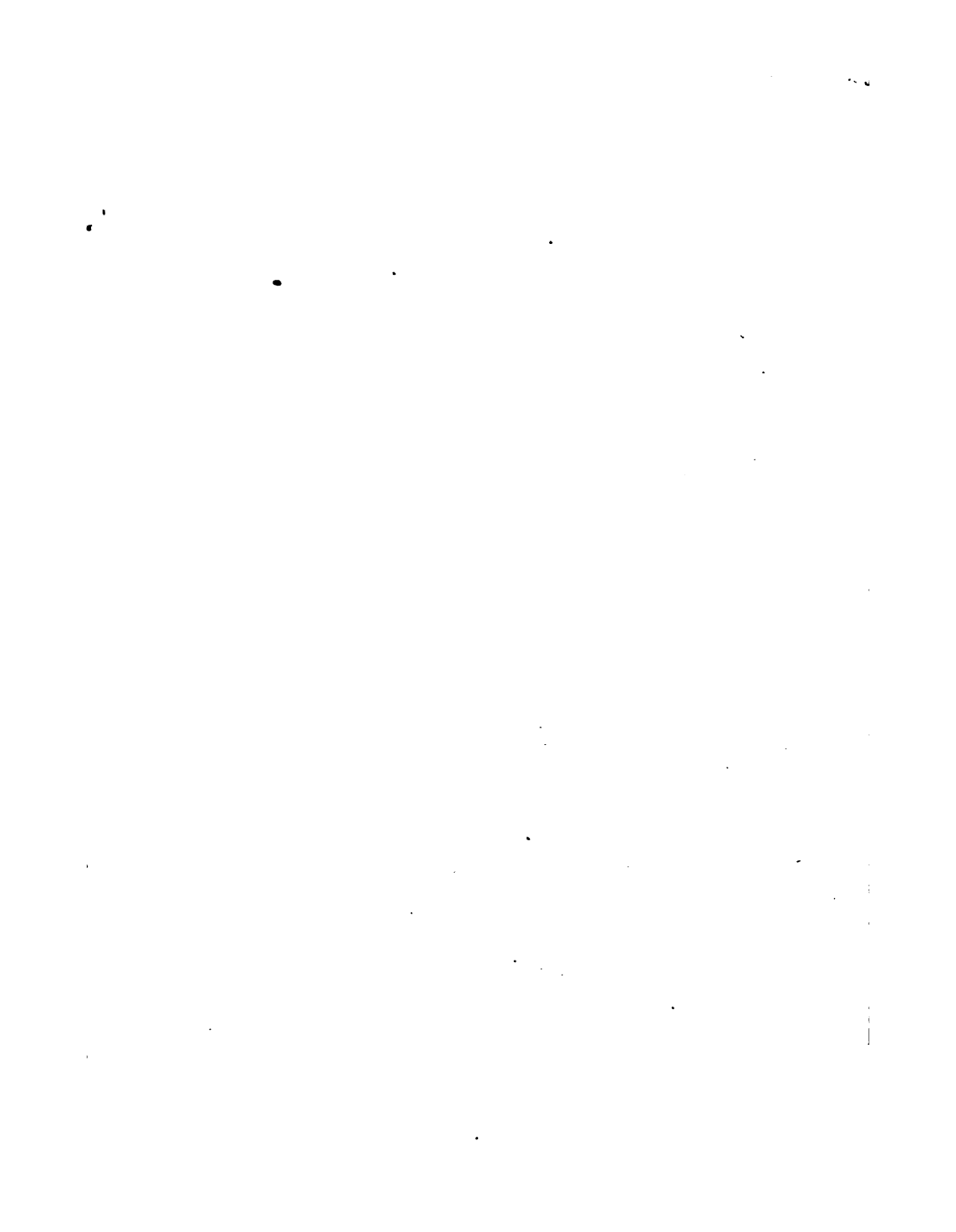


B 3 792 098









AS VÍCTIMAS—ALGOZES
QUADROS DA ESCRAVIDÃO

•
ROMANCES

FOR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

~~~~~  
VOLUME II.  
~~~~~

RIO DE JAMEIRO.
Typographia—PERSEVERANÇA—rua do Hospício n. 91.
—
1860.

LOAN STACK

PQ9697

M15V5

V. 2

2
/

III

LUCINDA — A MUCAMA.

960

I.

Era o dia feliz que marcava o decimo primeiro anniversario natalicio de Candida. A espaçosa e bella caza de campo de Florencio da Silva estava vestida de galla, e resplendendo alegria. A cada momento chegavão carros, conduzindo familias, graciosas amazonas e elegantes cavalleiros, que vinhão applaudir a festa da ditoza menina.

Tanto ardor festival indicava claramente a importancia e o merecimento do pae de Candida.

Florencio da Silva era um honrado, intelligente e rico negociante da pequena cidade de.... da provincia do Rio de Janeiro, e tambem um pouco agricultor por distracção e gosto, possuindo á meia legua da

cidade, onde commerciava, uma chacara esmeradamente tratada, comprara nas visinhanças della extensa situação, e ahi, desde o principio da guerra civil dos Estados-Unidos da America do Norte, explorava com o maior proveito a cultura do algodão.

Bom, affavel e generoso, repartindo as sobras da riqueza que accumulava com os pobres que não erão vadios, e entretendo numerosas relações no seo e nos vizinhos municipios, Florencio da Silva era ainda por isso mesmo poderosa e legitima influencia eleitoral e politica na sua comarca, e intimamente ligado como se achava por laços de estreita amizade e de partido com Placido Rodrigues o mais opulento fazendeiro e capitalista do lugar, não haveria triumpho possivel contra elles em lides eleitoraes, se no Brasil não houvesse o poder magico e despotico da policia que faz da voz do povo echo obrigado e misero da ordem dictada e pelo governo aos falsos, ou falsificados comicios da nação.

Florencio da Silva não sabia como agradecer á Deos a sua felicidade: estimado geralmente, gozando de consideração igual ao seo credito, justo tributo pago ás suas virtudes, tinha no lar domestico, em Leo-

nidia, o thezouro de uma esposa modelo ; e dous filhos, á quem idolatrava, Liberato, o mais velho, que fazia na Côrte os seus estudos de preparatorios, e Candida, que completava então onze annos de idade, sem fallar em Frederico, filho de Placido Rodrigues, que fora creado aos peitos de Leonidia, e que tambem pertencia ao seo coração.

Elle tinha a familia habitando ordinariamente na chacara, o seo paraizo, enriquecida de jardins, de prodigiosa variedade de arvores fructiferas e de ornamento, de lagos e fontes, de arroio natural correndo sobre leito de pedras, de verdura e relva, e melhor que tudo isso, do amor abençoado e suavissimo da esposa e dos filhos.

Era nessa chacara que elle estava festejando os annos da sua querida Candida.

A menina, enlevo e estremecido cuidado de seus paes, mostrava-se naquella idade em que a infancia ainda ri, e a puberdade em longes promessas se annuncia aos olhos maternas que observão, nesse estadio da vida, periodo de insensivel mas progressiva metamorphose, em que duas edades se misturão e se combatem, uma para morrer entre flores, risos e sonhos de anjo, outra para

nascer entre um espanto, cem enleios, mil duvidas, e no labyrintho da innocencia que se confunde, e do coração que ancia uma e outro em santa perplexidade, a menina se mostrava, dizemos, mimosa e linda creatura, que se fazia amar com a pureza dos amores do céu.

Candida era loura: seos finos cabellos cahião em aneis; tinha os olhos azues e bellos e o olhar de suavidade captivadora; o rosto oval da cor da magnolia com duas rozas á ensinuarem-se nas faces,—um céu alvo com duas auroras á romper;—a boca, ninho de mil graças, era pequena, os labios quasi imperceptivelmente arqueados, lindissimos, os dentes iguaes, de justa proporção e de esmalte purissimo, o pescosso e o corpo com a gentileza propria da sua idade, as mãos e os pés de perfeição e delicadeza maravilhosas.

Fazia pena e medo pensar que a proxima metamorphose podia alterar, como acontece muitas vezes, aquella harmonia feliz de encantos e de belleza.

Florencio da Silva educava e instruia sua filha ao lado e sob a vigilancia de Leonidia, que velava por ella com olhos e coração de mãe extremosa: aos onze annos Can-

dida fallava o francez, conhecia o inglez, a geographia, a historia, tocava piano e cantava com sua voz que era já naturalmente canto mavioso, voz da infancia, muzica do lar; dezenhava, bordava de diversos modos e ainda mal sabida em tantos dotes, conservava todos os seos mestres, e com elles apurava o estudo do que apenas aprendera os rudimentos.

Porem o que mais enfeitadamente radiava em Candida era o brilho, a expansão, a segurança, o abandono, o celeste perfume da innocencia, dessa virginal, purissima, sublime insciencia do mal, insciencia que faz da menina um anjo da terra, que arreda e quase iguala os anjos do céo.

A caza de campo de Florencio da Silva já estava cheia de senhoras e cavalleiros convidados para o banquete da festa de Candida, que se abysmava com ruidosa alegria infantil em um oceano de flores, de ramalhetes, de bonecas, de albuns, de livros ricamente illustrados.

E todavia ainda assim Candida não estava plenamente satisfeita; ao contrario almejante, avida, desasocogada de instante a instante corria á janella, e estendia os olhos pela rua principal da chacara.

Florencio e Leonidia rião-se, observando a impaciencia da menina.

Por fim ella vio o que esperava, e batendo palmas exclamou:

— Ahi vem meo padrinho! é meu padrinho!... é o seo carro!...

Era Placido Rodrigues que com effeito chegava.

D'ahi á breves momentos a afilhada correu á atirar-se aos braços do padrinho que muito amava.

Placido recebeu enternecido os abraços apertados da afilhada, beijou-a na fronte, deo-lhe a mão á beijar, e com solemniidade deitou-lhe a benção.

Candida tinha os olhos humidos de lagrimas de alegria.

— E o teu presente de annos? perguntou-lhe Placido.

— Foi o abraço de meo padrinho; respondeu a menina.

— Esse fui eu que recebi, Candida; agora recebe tu, o que te trago.

— Que é, meo padrinho?

Placido Rodrigues dirigio-se emmediatamente á porta, fez um signal com a mão, e logo depois apresentou á Candida uma creoula de idade de doze annos, vestida com apro-

priado esmero, e calçada de botinas pretas.

— Trago-te uma escrava quasi da tua idade, á quem mandei ensinar de proposito para ser tua mucama.

E voltando-se para a creoula, dice-lhe:

— Lucinda, eis-ahi tua senhora.

E logo, fallando á afilhada, acrescentou:

— Toma conta della, Candida, e se te desagradar a figura, e não gostares do serviço dessa creoula, hasde-m'o dizer, para que eu a troque por outra.

Plácido deixou a afilhada que ficára em silencio olhando para a sua mucama.

Em breve Lucinda não poudo resistir á infantil observação da menina, e abaixou os olhos, sorrindo-se com agrado.

Candida gostou do rir da creoula e perguntou-lhe com tom senhoril.

— Que sabes tu fazer, Lucinda?

— Engommo, cozo, penteio, e sei fazer bonecas.

O rosto da menina radiou de jubilo.

Ella tomou pelo braço a creoula, e levando-a até junto de sua mãe, dice:

— Meo padrinho me deo esta mucama que sabe pentear e tambem fazer bonecas!...

Leonidia sorrio-se, e olhou para o` compadre, agradecendo-lhe com os olhos o presente que tanto alegrára a filha.

Candida foi immediatamente mandar que accommodassem Lucinda, como se tratasse de recolher um thezouro.

Que thezouro! uma escrava mucama de menina que em breve hia ser moça!

II.

Entre os noivos é de regra quase sempre invariavel, que ambos almejem com ardor igual, que o primeiro fructo de sua união seja um menino. A razão é obvia: o homem vê no filho o herdeiro e continuador de seo nome que elle não perderá como a filha no acto do casamento; a mulher prevê no filho o retrato de seo marido, e para si um protector no futuro, e ambos advinhão nelle zeloso escudo e garantia da familia, e ambos o sonhão feliz no mundo, glorificado pelos homens, e abençoado por Deos.

Estas considerações algumas das quaes, embora egoistas, são muito naturaes, justificão a preferencia manifestada nos desejos do nascimento de filho varão, preferencia

alias inconveniente e prejudicial quando se faz sentir no amor, e em mais esmerada educação que geralmente nas famílias os filhos gozão e recebem com desproporção notável e não pouco amesquinhadora das filhas.

A observação não é falsa : algumas vezes as filhas como os filhos são igualmente amados pelos paes, e ainda mesmo sem dissimulação de preferencia ; pelas mães quase nunca ou nunca : as mães amão sempre mais os filhos do que as filhas.

No que porém se refere á educação intellectual, e a verdadeira, necessaria e immensamente importante educação da mulher, á que se prende e de que depende em maxima parte o futuro moral, social, o que quer dizer, o futuro politico, todo o futuro da nação, os paes, as mães e com elles o Estado, dão por cego abandono e por direcção e praticas desacertadas e imprudentes vivo testemunho da preferencia iniqua, absurda e fatalissima conferida aos filhos com desvantagem das filhas, ao homem menino e joven com desvantagem da mulher menina e joven ; aos futuros cidadãos com o abatimento, menosprezo e incrível olvido da transcendente e indeclinavel influencia das futuras mães dos cidadãos.

Todavia qualquer que seja o grão de predilecção que no seio da familia tenham de seos pães os filhos varões, ao menos ha para as filhas certa especialidade de cuidados que nas mães é religioso culto de amor que vela incessante, como o das sacerdotizas de Vesta que vigiavão o fogo da pureza, e nos paes uma fonte sublime de melindres e de escrupulos, uma santa exaggeração de estremecido zelo que enubla ou descora os proprios extremos do mais ardente e captivo namorado.

As mães tem o privilegio das flammas suaves de um sentimento beatificador, da sciencia natural do seo sexo, da experiencia de sua vida de moças solteiras, da confiança, da liberdade, da convivencia intima; e pelo ventre que concebeo e nutrio, pelos seios que derão o leite, pelo coração que dá o amor, pelo sexo que faz a mãe irmã da filha, pela intimidade que modera as reservas do respeito e do pejo, tornão as filhas transparentes á seos olhós.

Os paes não podem gozar essa expansão ampla e quasi illimitada do amor das filhas e apenas a invejão nas confidencias que das esposas recebem : elles porém se desforrão na exaltação do mimoso cultivo dos seos botões de flôres.

O pae adora em sua filha a candidez dos anjos: santo namorado embebe nella os olhos, como em divina imagem, tem preza nella o zelo mais susceptivel, e o amor que é todo mimos: no passeio dóe-lhe a pedrinha em que pizou por descuido o pé da sua princeza; teme por ella a briza que lhe desmancha o penteado, o raio do sol que póde offender as petalas de roza ou o branco matiz de suas faces; afflige-se, quando a suspeita pensativa ou triste, vae de noite escutar, se ella geme, dormindo; tem a sua gloria no seo recato; revolta-se, ouvindo pronunciar diante della a palavra arriscada que póde confundir sua innocencia; duvida que ella já saiba o que a natureza faz adivinhar ainda mesmo obscuramente; dá-lhe a educação da ignorancia da missão da mulher, illude-se com as confianças dessa educação; dezeja vel-a casada, mas receia de todo noivo; não dá, concede a filha em casamento e tem loucos instantes, em que olha para o melhor dos genros como para o ladrão do seo thezouro, e logo depois, se o genro felicita a filha, chora de alegria, e agradecido quizera beijar as mãos desse ladrão do seo thezouro.

Era assim que Florencio da Silva, amava Candida.

Não houvera carinho, extremo, escrupulo, inspiração de angelolatria que elle tivesse poupado com a queridissima filha: á par da satisfação de todos os caprichos da menina, desvellou-se na sua educação segundo a pratica admittida; nunca porém se sujeitou á mandal-a para o internato de algum collegio menos pela consideração dos perigos que nessas cazas correm as meninas, do que pela idéa afflictiva de separar-se della: os paes mais prudentes e cautelosos ainda não comprehendêrão sufficientemente as inconveniencias da educação das filhas em internatos, como não poucos dos que temos.

Candida teve no lar paterno e sempre junto de sua mãe, quantos professores e professoras Florencio da Silva imaginou que lhe erão precisos e até pouco mezes alem dos dez annos de idade a companhia inapreciavel e o serviço dedicado de uma boa senhora, mulher pobre, mas livre e de sãos costumes, que fora sua ama de leite e a idolatrava como seos pais.

Mas Joanna, que aos dezoito annos inviuvara, era ainda moça e agradavel, sempre fora honesta, e achando segundo noivo em um laborioso e honrado lavrador, deixou por elle Candida com o maior pezar, mas com

a aprovação de Florencio da Silva e de Leonidia que estimavam o lavrador e que derão a ama de sua filha dote relativamente consideravel.

A menina chorou com desabrimento proprio da sua idade, a separação determinada pelo casamento da ama, que não menos dolorosamente se despedio de sua filha de creação; mas para maior afflicção desta, quasi logo sobreveio a morte de um tio do marido de Joanna, obrigando a este a mudar-se com sua mulher para distante municipio, onde o chamou a herança de importante estabelecimento rural.

Candida triste, saudosa de sua segunda mãe, da creada amiga, da companheira do seo quarto de dormir, não tolerou a idéa de fazel-a substituir pela melhor, ou mais estimada das escravas de sua caza, e até o dia de seos annos em que a encontramos em festa, viveo ou dormio solitaria, onde não mais dormia perto do seo leito a honesta senhora, que desde a sua infancia fora a digna partilhadora de seo amor filial, e como dice ou escreveo um grande poeta portuguez na sua tragedia de Ignez de Castro!

Ama, na creação ama, no amor mãe.

Placido Rodrigues, o padrinho de Candida,

consequira vencer a justissima repugnancia, talvez a instinctiva ou providencial obstinação da afillhada, trazendo-lhe de presente para sua mucama a creoula Lucinda que sabia pentear e fazer bonecas.

Depois da ama, mulher livre, a mucama, creoula escrava !...

Candida tinha perdido a companhã da mulher que era nobre, porque era livre, e o serviço de braços animados por coração cheio de amor generoso, que é sómente grande, quando a liberdade exclue toda imposição de deveres forçados por vontade absoluta de senhor.

E em substituição da companheira livre, amiga, e devotada, recebeo alegre a creoula quase de sua idade, a mulher escrava, uma filha da mãe fera, uma victima da oppressão social, uma onda envenenada desse oceano de vicios obrigados, de perversão logica, de immoralidade congenita, de influencia corruptora e fallaz, desse monstro deshumanizador de creaturas humanas, que se chamma escravidão.

III.

Candida chegara aos onze annos de idade com a perfeita innocencia de sua primeira infancia; seo espirito cultivado pelos mestres e na leitura de livros escolhidos cautelosamente, enchia-se de luz suave, de idéas serenas e preciosas, dentro porém do recatado horisonte da sciencia concedida pelo santo respeito que se deve a idade santa, principalmente em uma menina; seo coração era um altar adornado pelo amor de seos paes e pela feliz influencia da companhia de sua ama, simples, boa e religiosa mulher.

Esta excellente base de educação não fôra em seo elemento principal fructo de sabio plano de Florencio da Silva; mas resultado de uma afortunada circumstancia: sem du-

vida o ensino recebido por Candida, sob a vigilancia protectora de sua mãe, e a pratica prudente de não ter sido a menina levada até então aos bailes, e ás sociedades sem character de reunião limitada á familias de intima amizade e confiança, contribuirão não pouco para aquelle bello effeito ; o essencial porém tinha sido a não pensada, não reflectida, mas ditosa exclusão de mucama escrava, graças ao amor, á terna dedicação maternal da ama, que extremoza quasi ciumenta, tomara para si o cuidado, e o serviço da menina que aleitara em seus peitos.

Candida cresceu sem ter escrava ao pé de si : a ama só a deixava á Leonidia, talvez por que não lh'a pudessem disputar.

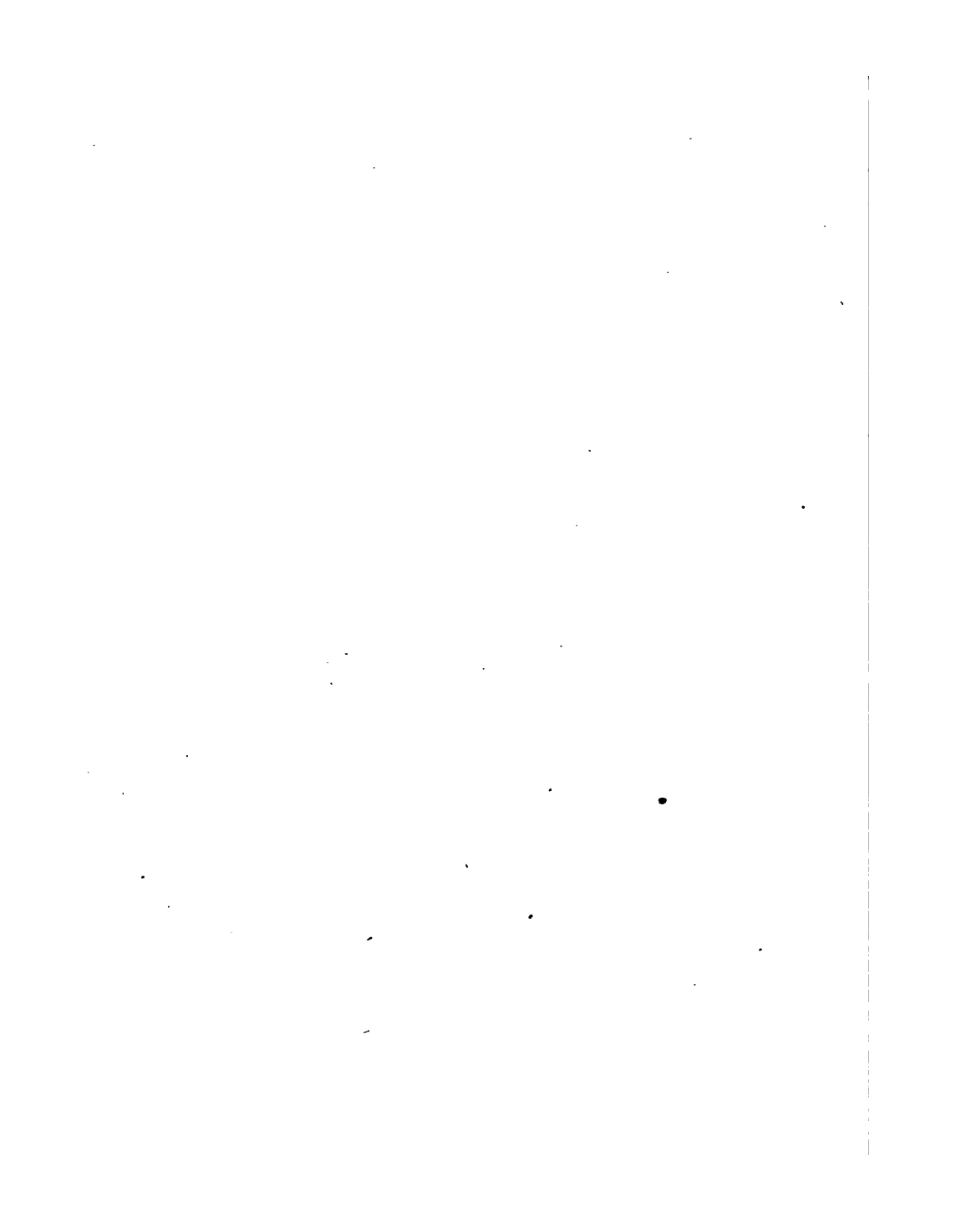
Ditosa, alegre, meiga, expansiva, Candida nem uma só vez mesmo de relance suspeitára ainda da ignorancia que a conservava anjo ; até bem poucos mezes a ama a despia á noute, e ajudava-a á vestir-se de manhã sem que ella hesitasse passageiramente em um instante de confusão, ou mostrasse de leve a côr do pejo accessa em suas faces. Candida ainda não tinha a consciencia, tinha apenas o instincto do pudor.

Nesse estado de admiravel e extasiadora

candura, tendo perdido sua ama, a menina recebeo em breve o presente da mucama escrava.

E que o não tivesse recebido, e que ainda e sempre pudesse ter comsigo a excellente ama, estava perto a idade em que Candida seria apresentada nos salões e exigida pela sociedade, e alli de todo ou em parte havia de ir desmoronando o edificio de sua educação.

Sabeis porque?... porque ainda a mais escrupulosa, a mais digna e verdadeiramente nobre sociedade de paiz onde se tolera o serviço escravo, resente-se por força da infecção terrivel e inevitavel dessa peste que se chama escravidão.



IV.

Imaginai duas hypotheses tanto mais admissiveis, que ellas ahi se realisão todos os dias, uma como excepção, a outra como regra.

Imaginai a hypothese que incalculadamente começara a realisar-se no seio da familia de Florencio da Silva, e que por excepção se observa realisada de plano em algumas casas.

Ahi tendes no Brasil, na capital do Imperio, por exemplo, a familia mais rica e mais sabia, que pela sabedoria não possui um só escravo, nem admite escravo algum em seu lar, e pela riqueza pôde dar a mais esmerada e perfeita educação á filha querida, que é creada e cultivada como tulipa ou rainunculo em estufa.

O sopro envenenado da escravidão não tocou sacrilego, não offendeo o botão de roza.

Chega um dia em que o rainunculo sahe da estufa, em que o anjo baixa ao mundo, em que a donzella entra, apparece na sociedade.

Singela, descuidosa, alegre, avida de suaves e puros gozos a donzella procura naturaes ligações, amigas da sua idade e do seo estado que nem todas que sem duvida bem poucas escaparão como ella ao contacto, á companhia de escravas : eil-a pois em suas relações, em suas ligações, em suas confidencias com essas amigas, exposta e sujeita á sciencia do mal, ás infecções subtis da escravidão, ao contacto mediato com as escravas pela inoculação irreflectida, mas indeclinavel, que lhe vem da intimidade com outras donzellas, que sem má intenção e apenas por vangloria pueril e jactancia louca de mais sabidas, lhe revelão imperfeita e obscuramente segredos de seo sexo, que aprenderão nas atrevidas explicações de suas mucamas.

A curiosidade se inflamma ; a ignorante que começa á corar, pergunta mais, as presumidas sabias doudeirão, querendo adivinhar, to-

das sonhão meninamente, mas já maliciosamente, o céu da innocencia se enubla, a angelica pureza do pensamento bate as azas e foge, e as faces virginaes se avermêlham do pejo revoltado contra o desperto da imaginação, que em tresloucado e escondido arrojo mancha e atormenta, e pouco a pouco destróe a virgindade do coração.

O contagio supprime o contacto immediato : a escravidão influe sempre de perto ou de longe maleficamente sobre a vida das donzellas, perturbando e envenenando a educação dessas pobres victimas.

Agora a outra hypothese, que se realiza na regra geral.

A negra escrava que ahi vai passando desapercibida, mal julgada e não temida, espanta, alvoroça, aterra, quando a reflexão peza e avalia sua influencia tenebrosa e fatal.

A regra é esta : toda familia que não é indigente ou pobre possui uma, algumas ou muitas escravas, e uma dessas escravas é mucama da filha, da menina da familia e companheira assidua da infeliz donzella, condemnada ás infecções da peste da escravidão.

Em muitas casas a escrava mucama dorme

perto do leito da menina, senhora moça, ou á porta do seo quarto. Em algumas familias esta pratica imprudentissima é banida; mas em todo cazo a mucama escrava toma conta da roupa da senhora moça, ajuda-a a despir-se e a vestir-se, é a conselheira do seo toucador, e na costura a executora das modas dos seos vestidos, confidente obrigada dos segredos das imperfeições do seo corpo que se disfarça, e das bellezas de suas fórmás que se fazem sobresahir.

A mucama escrava se recommenda pois á menina, e ganha toda sua confiança pela importancia delicada e até certo ponto confidencial, do myster que desempenha no toucador; a mucama embora escrava, é ainda mais do que o padre confessor e do que o medico da donzella: porque o padre confessor conhece-lhe apenas a alma, o medico ainda nos cazos mais graves de alteração da saude conhece-lhe imperfeitamente o corpo enfermo, e a mucama conhece-lhe a alma tanto como o padre, e o corpo muito mais do que o medico.

A senhora moça torna-se por isso muitas vezes dependente e quase escrava da sua mucama escrava.

Compreheendeis bem toda a extensão dos

abuzos, dos males, das consequencias perniciosas e até mesmo desastrosas, e ás vezes fataes e irremediaveis que podem provir, e que tem provindo da influencia das mucamas escravas sobre a educação, a moralidade, a vida, o destino das donzellas?...

Educae como puderdes, o melhor e o mais sanctamente que é possível, vossa filha, a par dessa educação que corrige os defeitos, aprimora as qualidades, semêa e cultiva virtudes, a despeito dos mestres que ensinão zelosos, a despeito de vossa esposa que solicita vigia, estará ao pé de vossa filha uma hora só, alguns minutos apenas em cada dia, uma escrava, é de sobra uma só, a sua mucama que com a palavra, o gesto, o elogio, a lisonja, a indiscrição, a petulancia, e a protervia dos seus vicios, dos vicios proprios da sua miseravel condição de escrava, comprometterá, arruinará o grande empenho do vosso amôr, plantará no coração de vossa filha a sciencia do mal, muito antes do prazo em que o mundo lh'a devia ensinar.

Embora não durma no quarto, que cumpre ser sacrario de virginal reserva, e muito peor se ahi dorme, e se é por tanto a impune observadora do abandono do corpo da donzella, nas traidoras revelações do somno

agitado ou descuidoso, e a contadora de historias e perigosa novelleira que falla e conversa em quanto ajuda á despir a senhora moça e a distrae com a sua garrulice nas noutes de vigilia, a mucama escrava ganha em breve a confiança e a amizade da pobre innocente, e umas vezes por maldade, e em outras muitas sem consciencia do mal que faz, revela-lhe mysterios cuja insciencia é o matiz da virgindade, põe em tributos crueis e vae gastando o seo pudor com explicações rudes em que não sabe medir o pudor da palavra, falla-lhe de namoros e de casamentos, impelle-a á affeições que podem ser nocivas, leva-lhe os bilhetes do namorado, verdadeiro ou fingido amante e pretendente a casamento, serve-lhe á intriga amorosa contra a vigilancia dos paes, infecciona-lhe o coração e excita-lhe os sentidos com a manifestação de idéas inspiradas pelo sensualismo brutal, em que se resume todo o amor nos escravos, e em alguns casos por avidez de sordido ganho, por demoralisação, por perversidade, e até por vingança chega ao extremo de arrasta-la á perdição, e de facilitar a macula que para sempre nodôa a vida.

Por tanto a mucama escrava ao pé da

menina e da donzella é o charco porto em comunicação com a fonte limpida.

A mãe que foi menina e moça solteira, sabe o que é, e como procede a mucama escrava; o pae que é senhor, sabe o que são e como procedem os escravos; mas á semelhança dos soldados que guarnecem praça sitiada, que a peste invadio, curvão as cabeças e submettem-se á calamidade, a que não podem fugir.

E não podem fugir porque?... porque a escravidão existe: porque o serviço das casas e das familias é feito por escravos, porque as amas de leite são em geral escravas e á ellas se prendem agradecidos os filhos de criação, e enfim porque em paiz onde se mantem a escravidão, é impossivel subtrahir a senhora, o homem, a menina, o menino livres ao contracto immediato ou mediato com os escravos.

E não vos quexeis: a culpa deste grande mal é mais nosso do que dos escravos; porque nós todos reconhecemos que a escravidão produz o aviltamento, a ignominia, a torpeza, a corrupção do homem feito escravo, e nos paizes que mantem a escravidão, os paes collocão o aviltamento, a ignominia, a torpeza, a corrupção aos lados de suas filhas.



V.

Candida se applaudira tanto do presente de annos que lhe fizera seo padrinho que não só para apprazel-a, como em respeito aos dezejos de Placido Rodrigues, Lucinda foi por Leonidia segunda vez destinada para mucama da menina.

Por excesso de zelo, Leonidia cahio no erro, na grave imprudencia aliás muito commum: resolveo recatar a escrava que era ainda tão moça e que devia ser tão frequente junto de sua filha, e não podendo resguarda-la absolutamente da companhia dos outros escravos durante o dia, encerrou-a ao menos á noute, fazendo-a dormir á porta do quarto de Candida.

Era a irreflectida concessão de prompta

e inevitavel intimidade entre a menina inexperienced e a sua mucama.

Lucinda era aos doze annos de idade, uma creoula quase mulher, tendo já tomado as fórmas que se modificão ao chegar a puerpitude: um pouco magra, de estatura regular, ligeira de movimentos, affectada sem excessos condemnavel no andar, muito viva e alegre, garrulla, e com pretensões a bom gosto no vestir, com apparencias de compostura decente nos modos, diligente e satisfeita no trabalho, perspicaz, paciente, e mostrando-se desde o primeiro dia amante de sua senhora, e ufanosa do seo myster de mucama, costurando perfeitamente, engommando bem toda e qualquer roupa de senhora, sabendo trançar, e anelar com papolotes cabellos de meninas, ao que ella chamava saber pentear, fallando em modas e em figurinos francezes, bordando um pouco, exprimindo-se com facilidade e sem notaveis erros na linguagem trivial, e finalmente fazendo bonitas bonecas de panno, tornou-se em poucos dias muito estimada de sua senhora.

O presente que Placido Rodrigues destinara para sua afilhada, tinha sido longamente preparado para que se mostrasse precioso.

Lucinda fôra aos sete annos de idade mandada para a cidade do Rio de Janeiro, e alli entregue a uma senhora viuva que era professora particular de instrucção primaria, e mestra ou preparadora de mucamas.

A pobre, mas laboriosa viuva, ensinava sem paga á ler e escrever mal á meninas pobres, e á barato preço, o myster de mucamas á escravas; tirava porém de umas e outras grande vantagem, porque sendo tambem modista, as meninas e as escravas erão suas costureiras gratuitas.

Exigente e rigida, principalmente com as escravas, quando tratava de ensino e de trabalho, zelava apenas a moralidade das meninas, limitando-se a impedir áquellas de sahir á rua.

As aprendizes de mucamas dormião todas em uma unica sala.

No fim de cinco annos Lucinda que era intelligente e habilidosa, deixou a mestra e tornou a casa de seo senhor para passar logo ao poder de Candida, trazendo as prendas que presumptuosa ostentava, e dissimuladamente escondidos os conhecimentos e o noviciado dos vicios e das perversões da escravidão: suas irmãs, as escravas, com

quem convivera, algumas das quaes muito mais velhas que ella, tinham-lhe dado as lições de sua corrupção, de seos costumes licenciosos, e a inoculação da immoralidade, que a fizera indigna de se aproximar de uma senhora honesta, quanto mais de uma innocente menina.

A creoula, mucama de Candida, era pois já então uma rapariga muito pervertida e muito desejosa de se perverter ainda mais; sabia tudo quanto era preciso que ignorasse para não ser nociva á sua senhora.

Assim pois na casa de Florencio da Silva estava posto o charco em communicação com a fonte limpida.

VI.

Poucos dias depois do seo festejado aniversario natalicio, Candida vio de subito e com alegre emoção transformar-se a sua guarda-roupa, donde forão banidos os vestidos curtos de menina, e substituidos pelos de saia comprida que cahem até os pés como se fosse longa e immensa nuvem do pudor á envolver completamente o corpo da donzella.

O primeiro vestido comprido é a realisação de um dos grandes dezejões da menina, que, sem saber porque, almeja ser moça: para ella, coitadinha, ser moça se resume em trazer vestido comprido, e em sua innocente ambição troca enthusiasmada as vestes leves e graciosas de anjo pela tunica de martyr.

Foi em um domingo que Leonidia fez sua filha trajar o primeiro vestido comprido, querendo que ella tivesse em um dia de folga horas livres, tempo bastante para gozar as impressões dessa metamorphose e começar a habituar-se a ella.

Candida não teve consciencia, nenhuma menina talvez a tenha, do quanto perde em sua graça, e do que ha de desgeitoso nos primeiros dias do seo vestido comprido, e de incompleto durante longos mezes, emquanto outra e natural metamorphose não arredonda e aperfeiçoa as fórmãs que hade tomar o corpo, sujeito ao labor profundo que mysterioso e pouco a pouco se opera: encantada, como se encantão em igual caso todas as meninas, Candida fez rir á seus pais, divertio-os com a alegria que não disfarçava, e com certo ar de gravidade que tomava para honrar o seo vestido do moça, e mostrar-se digna delle.

Todavia essa gravidade pezada, imponente de quietação e de abandono dos brincos e distracções de menina, era affectação impossivel por muito tempo: Candida era travessa e o dia de domingo dispensava os estudos: dezejando ostentar seo novo trajo andou vinte vezes pela caza toda; sentou-se

ao piano, levantou-se depois de breves minutos para mirar-se pela centesima vez ao espelho, rio-se, dançou sosinha, deitou a correr pelas salas como delirantemente, e em uma volta mais veloz enredou os pés na longa saia do vestido e cahio.

Florencio, Leonidia, e Lucinda precepitaram-se para acudir a Candida; que levantou-se, rindo-se; pois não tinha soffrido mal algum na queda; mas.... o seo engraçado rir de repente se apagou: ah!.... ella acabava de ver que rompera o seo lindo vestido; cuja barra se estendia em duas tiras pelo chão.

A menina não se poudo conter; desatou a chorar.

— Que moça que chora assim! dice-lhe o pae.

— O meo vestido!... respondeo soluçando Candida.

— Tens outros muito mais bonitos; acudio Leonidia.

E voltando-se para Lucinda, dice-lhe.

— Vai dar outro vestido á tua senhora.

A menina voou para o seo quarto, e Lucinda a acompanhou.

A escolha do novo ou segundo vestido foi discutida e resolvida, custando muito á mu-

cama vencer o desejo que a senhora teimosamente mostrava de experimental-os todos.

Candida em pé, immovel, estatica, diante de seo grande espelho que reproduzia toda a sua imagem, não sentio a passagem rapida do tempo que gastou a mucama em abotoar-lhe o vestido, completar-lhe o *toilette*, e concertar-lhe o simples penteado.

— Está prompta; dice emfim a creoula.

A menina voltou-se então, mas vagarosamente e emquanto poudo com os olhos fitos no espelho e a cabeça inclinando-se para trás, á mirar-se contente: depois, encarando orgulhosamente a mucama, dice ainda uma vez:

— Estás vendo?... já sou moça.

Lucinda fez um momo e sorrio-se maliciosa.

— Pois não sou?... perguntou a menina admirada.

A mucama pareceo ou fingio-se arrependida do movimento que lhe escapára e respondeo.

— Ah! sim, já é; já tem vestido comprido.

Candida comprehendeo que a sua mucama lhe occultava alguma couza que ella não sabia relativamente á sua condição de moça, e com infantil curiosidade, tornou dizendo:

— Não me enganas; tu pensas que ainda não sou moça á despeito do meo vestido: que me falta então para sel-o?

A escrava estremeceo.

— Eu não dice nada! murmurou ella; minha senhora é que vem com idéas que me podem fazer mal....

— Como? que idéas, Lucinda?...

— E' que se a mãe de minha senhora a ouvisse, havia de pensar que estou ensinando malicias á miuha senhora, e me castigaria, e me separaria para sempre de minha senhora...

Candida ficou por alguns momentos confusa, absorta, e como querendo adivinhar um segredo impenetravel: depois dice:

— Não tenhas medo: eu nada direi a minha mãe.

E de novo, mas ainda por breve tempo reflectio ou scismou.

Lucinda estava evidentemente inquieta: a menina o percebeo, e ainda lhe dice:

— Descansa: não te ouvi cousa alguma, e eu te juro que meu pae e minha mãe nada saberáõ, do que eu te ouvir.

No juramento da menina transudava já o interesse de uma curiosidade natural, mas cheia de perigos.

A creoula habil e intelligente apreciou bem a poderosa garantia de segredo que lhe assegurava o interesse daquella curiosidade despertada, e não teve mais receios de compromettimento.

— Que faremos hoje?... perguntou Candida; que brinquedo inventaremos?... eu quero festejar o meo vestido.

— Faremos o que minha senhora quizer.

— Vamos fazer um baptizado da minha boneca nova, da Luizinha?

— A Luizinha já foi baptizada no domingo passado: agora só se fosse crisma ou casamento...

— Pois bem: seja casamento...

— Como? com quem?... minha senhora só tem bonecas...

— Ora! pois então?

— Seria preciso um boneco.

— Então a Luizinha não se póde casar com outra boneca?...

Lucinda olhou espantada para Candida e dice:

— Ah!... minha senhora aos onze annos de idade ainda é tão tola!

Tola não era qualificativo injurioso nesse caso.

Candida não se suppôz desrespeitada; mas

por sua vez, surpresa, enleada, confundida, e anhelante de explicações, com os labios semi-abertos, com os olhos de bello azul cheios de brando fogo á romper, á destacar-se da prisão das orbitas encarava attonita, pedinte de revelações, sondando abysmos e trévas, sem poder ver na celeste e profunda noute da sua insciencia e pedindo luz, luz que seria para ella raio angelicida.



VII.

A leviandade de Lucinda perturbou não pouco as doces alegrias de Candida naquelle domingo em que ella trajara o seo primeiro vestido de moça.

A menina por vezes mostrou-se distrahida e scismando vagamente: todavia não dirigio pergunta alguma á mucama, nem mesmo, quando se foi deitar; em seo leito, onde sempre tão facil e descuidosa dormia, pensou inutilmente durante meia hora sobre o que lhe pod!a faltar para ser moça.

Despertando no dia seguinte, lembrou as palavras de Lucinda:

— Minha senhora aos onze annos de idade ainda é tão tola!

Recebeo sem desagrado a creoula que veio

ajudar á vesti-la, não deixou perceber que se preocupava do que lhe ouvira na vespéra, e nem nesse, nem nos seguintes dias pediu explicações á Lucinda.

Este proceder da menina era devido á dous influxos diversos, á um nobre e generoso principio de educação, e aos assomos de pueril vaidade.

Candida tinha por norma de suas acções não praticar alguma que pudesse desgostar seos paes que costumavão castigar-lhe os erros, fingindo-se offendidos por ella e manifestando-lhe sua magoa em calculada tristeza: ora Lucinda lhe tinha dito que sua mãe podia suppôr que ella lhe estava ensinando malicias e que havia de punil-a por isso. Era pois evidente que o segredo cuja revelação desejava continha algum mal, e que o seo conhecimento desse segredo desgostaria seos paes.

Por outro lado a mucama a chamára tola, querendo chamal-a ignorante, e ella que recebia lições de tantos mestres, que lia tantos livros em portuguez, em francez e começava a lel-os em inglez, que já estudára geographia e estava estudando historia, ella que sabia tanto, vexava-se, não tolerava a idéa de parecer ignorante á sua mucama, em mate-

ria que todas as moças da sua idade devião saber, conforme se deduzia da observação de Lucinda.

Entretanto á pezar do principio de educação, e do resentimento da sua vaidade de menina, Candida lembrava sempre o momo que fizera, e as palavras que dicera a sua mucama.

A curiosidade impellia essa mimosa filha de Eva, e á porta do paraiso da camara virginal dormia a serpente da perdição.

A menina resistio heroicamente duas semanas, leo e releo livros, consultou seos dictionarios, procurando luz, e achou-se em um labyrintho de idéas incompletas e obscurissimas; tateando nas trévas e sem conductor, chegou a entrar em caminhos de suspeitas vagas de um mysterio cuja existencia suspeitou, e cuja comprehensão e esclarecimentos em vão buscou com ardor em seos livros.

Era demais para a sua curiosidade que augmentava com as longes e duvidosas conjecturas filhas de estudo sem guia.

Uma noute Caudida recolheu-se mais cedo ao seo quarto, e sentou-se á examinar os novos jornaes de modas que recebera de Páris: Lucinda de pé atraz da cadeira sobre

o encosto da qual apoiara a mão esquerda, dobrava um pouco o tronco e avançava a cabeça pelo lado direito de sua senhora para ver também e apreciar os figurinos.

Esta liberdade tomada pela mucama indicava bem o grão de confiança que ella já gozava.

Candida demorou-se á admirar um figurino.

— Que elegante corpinho de vestido ! exclamou Candida.

— É verdade, minha senhora ! dice Lucinda.

— Eu quero um assim para o dia de meos annos.

— Não, minha senhora; ainda é cedo : os enfeites, e o talhe deste corpinho só assentão e sobressaem em *moça feita*.

Candida deixou cair sobre a meza o figurino que sustinha entre as mãos e, sem olhar para a mucama, perguntou abaixando a voz :

— Que é *moça feita*, Lucinda ?...

A creoula poz-se á rir.

A menina levantou-se e dice :

— Não quero que te rias : o teo rir me faz mal.

— Minha senhora ainda é menina ; respondeo a creoula.

— E tu, que és um anno mais velha que eu, tu já és moça?

— Eu já sou.

— E' porisso que sabes mais do que eu; tornou a vaidosa.

— E' porisso e porque sou negra escrava; com as escravas não precisa haver cuidados; nós não temos de casar-nos.

A idéa do casamento atirada alli de mistura com a de *moça feita* confundio ainda mais a pobre e curiosa menina abandonada á companhia da mulher escrava.

— Mas que é ser moça, Lucinda? como ficaste moça? eu heide se-lo tambem dentro em pouco, não é verdade?

— De certo... não tarda...

— E eu que pensei que já o era!... de veras sou tola... mas que me falta?... como é isto?...

A menina não podia mais abafar a sua curiosidade e abatia-se, pedindo a lição forçosamente agreste, escabrosa e immoral da escrava-mestra.

— Minha senhora talvez falle... talvez mostre que sabe, e eu ficarei perdida.

— Não, não fallarei; eu sei guardar segredo; juro por Deos que ninguem saberá, o que me confiares...

— Com effeito parece incrível! minha senhora quasi com doze annos e tão tola assim!...

— Explica-me.

— Pois sim: sente-se minha senhora outra vez, e pegue' nos figurinos.

— Para que?...

— Póde a senhora entrar de repente, e convem que pense que minha senhora me está mostrando os figurinos.

A *senhora* de quem Lucinda fallava, era Leonidia.

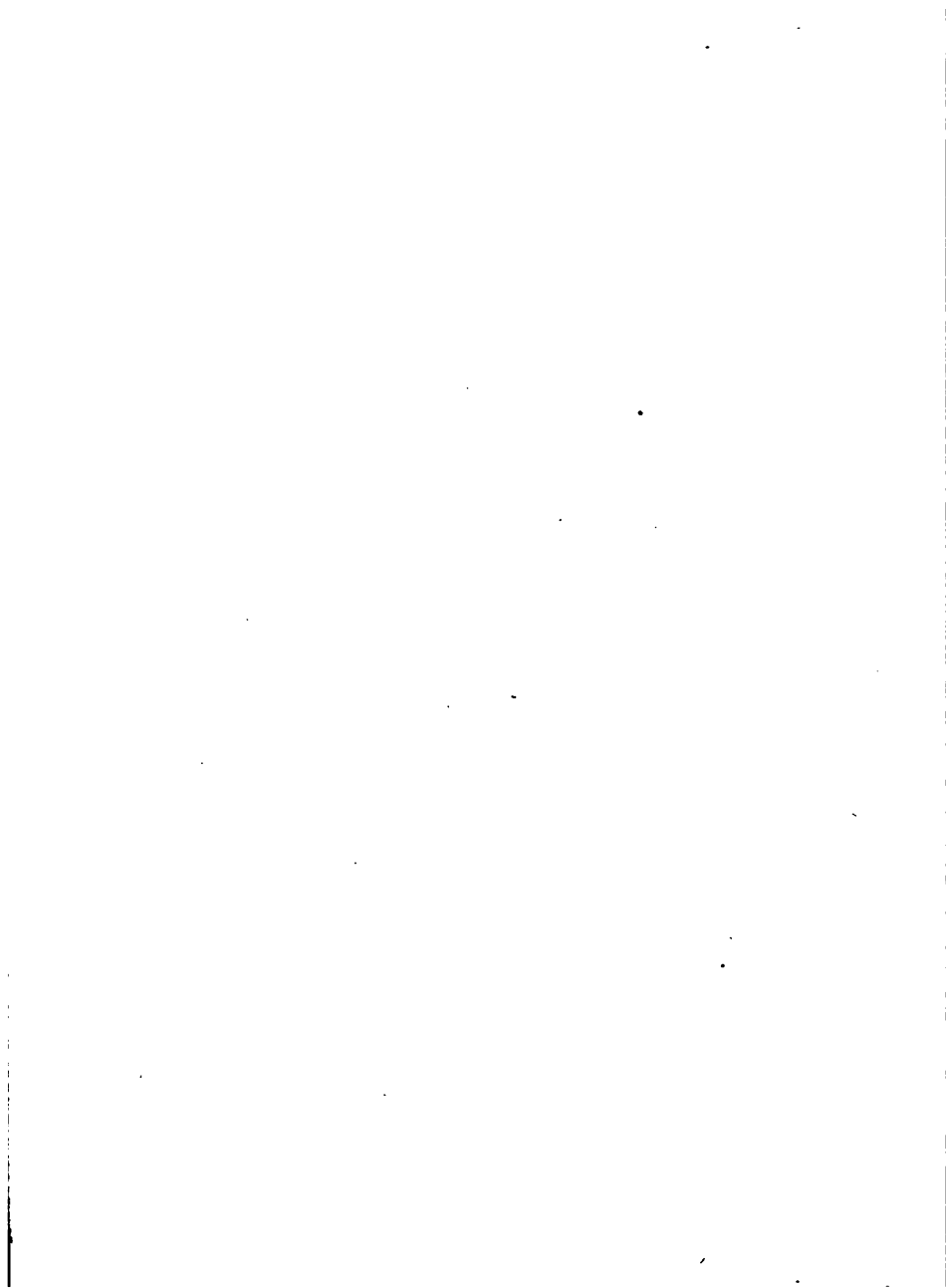
A lição começava pois pelo ardil e dissimulação com que a filha devia preparar-se para enganar sua mãe.

Candida esqueceo logo nessa noute as noções de lealdade, de respeito, de encantado e suave amor que até então soubera zelar e que devia sempre a Leonidia, sua mãe, e portanto a mais segura, dedicada e providencial amiga que uma filha póde ter no mundo.

Desvairada pela curiosidade, escrava de sua escrava; infeliz victima da victima de uma oppressão social, que é punida pela propria corrupção das creaturas humanas, que degrada, desnatura, deprava e empeçonha, mergulhando-as no immundo len-

teiro dos vícios da escravidão, Candida obedeceu á Luciuda, sentou-se, tomou entre suas mãos um figurino, fitou nelle os olhos sem ve-lo, e isso calculadamente para enganar, atraçoar ao amor estremecido, ao cuidado escrupuloso e santo daquella segunda providencia & que se dá o nome de mãe, e abriu os ouvidos e prendeo a alma ás palavras venenosas, ás explicações necessariamente immoraes da escrava.

As aguas do charco inundaram a fonte pura.



VIII.

Candida anciosa e levemente tremula estava pois sentada, tendo o corpo meio inclinado para a meza, sobre cuja borda encostava seos lindos antebraços, e prendendo com o pollegar e o indicador de cada uma das mãos o figurino disfarçador.

A um dos lados estreito da meza, como á olhar de perfil para sua senhora, e dando frente para a porta do quarto se collocára Lucinda um pouco voltada para Candida, e com o tronco em molle inclinação descansando em um dos quadris, tinha os olhos no assoalho, o dedo indicador da mão direita á roçar com a unha a face superior do encosto de uma cadeira, e um quase imperceptivel sorriso maligno á esconder-se nas commissuras dos labios.

Ao quadro faltava uma figura, a de um pae—homem livre deste paiz onde ha escravos—a de um pae amoroso e justamente zeloso da pureza de sua filha, condemnado á immobildade para não se lançar em furia contra a mucama, e á mudez para não bradar por soccorro em favor da menina, occulto aos olhos de ambas e em contorsões de dor e desespero, assistindo á lição da impudicicia, e ouvindo cada palavra da escrava cahir como gota de veneno no coração alvoroçado da filha.

Candida vendo que Lucinda guardava silencio, murmurou com voz tremula e sem arredar os olhos do figurino.

— Anda..... falla....

— Ah! minha senhora tem idéas....

— Quero saber, Lucinda....

— O que, minha senhora?

— Como é que se fica *moça feita*!

— E' pouco a pouco.... de vagar....

— Mas... que é que se passa

— Primeiro.... hia dizendo a mucama.

Mas interrompeo-se e profanou o peito da menina com suas vistas perscrutadoras: depois dice:

— Já começa.... não tarda....

— Não tarda o que?

A escrava deo principio á lição, annunciando os já nascentes e proximos a desenvolver-se duplices pomos que tanto embelezão a donzella, e tão sagradas funcções desempenhão na maternidade,

A mucama não parou ahi: passando além das exterioridades do peito, ouzada foi com a palavra rude penetrar no mais intimo do seio e revelar mysterios que ella só comprehendia pelos soffrimentos e pelo incommodo material.

Inopportunas, precoces as explicações desses phenomenos, dessas funcções naturaes, poderião ser ouvidas e recebidas sem graves inconvenientes pela menina de doze annos, se fosse a delicadeza maternal, ou a sciencia civilisada, decente, respeitadora da magestade da-innocencia, que lh'as dêsse: em tal caso o amor e o escrupulo, o suave culto da virgindade adelgaçarião o veo sem rasga-lo de todo, e ensinarião o conhecimento da grandeza da obra do creador sem baixar ás miserias da creatura; isso porém só se póde fazer com as inspirações subtis do amor de mãe, ou com os melindres da sciencia pudica.

Lucinda, a mucama, deo a lição que podia dar, e o seo discurso, a sua exposição

dos ~~segredos~~ da *moça-feita*, a sua decifração do ~~grande~~ mysterio da puberdade resen-tirão-se da esqualida sciencia de escrava, cujo sensualismo rebaixa a humanidade até nivela-la com a brutalidade irracional.

Candida ouvira a sua escrava, sentindo o coração em sobressaltos e as faces, ardendo em fogo: nas ultimas explicações ensinua-ra-se obscuramente ainda um mysterio, uma incognita, um arcano que se lhe occultava....

A menina submergia-se em confusões de pejo, em vexames crueis; mas sua curiosidade a tiranisava cada vez mais, e exigia, e a arrastava, e a obrigava com violencia irrealistivel á pedir mais e todas as revela-ções....

Foi por isso que á tremer, e com o rosto todo roza de fogo, balbuciou, perguntando :

— E depois?.....

— Está moça feita e póde casar; respon-deo a mucama.

Candida abafou a voz, como se tivesse medo, quase convulsa, e cobrindo o rosto com o figurino, tornou :

— E o casamento?... que é o casa-mento?... que ha no casamento?

.. Oh! isso é muito feio, dice Lucinda: e eu não sou capaz de ensinar, nunca me.

atreverei á ensinar, á explicar cousas feias á minha senhora.

A menina perdida no ultimo dedalo, vergonhosa e audaz, quase succumbindo ao pejo e ainda loucamente curiosa, pronunciou estas palavras :

— Porém tu.... que sabes tanto, Lucinda ?...

— Eu sou negra, e escrava; nisto sou livre.... não corro perigo; respondeo a mucama de treze annos de idade.

Candida deixou cahir a cabeça sobre a meza e pareceo abysmada em triste meditação.

Ella não meditava; sentia vexame invencível de encontrar os olhos de Lucinda.

Como que um remorso pesava-lhe sobre o coração.

Candida acabava de deixar de ser anjo : não era mais innocente ; já corava.

— São dez horas da noite, sem duvida; minha senhora não quer despir-se para se deitar, perguntou a mucama.

— Traze-me um copo d'agua; dice a menina.

Quando Lucinda voltou ao quarto, trazendo o copo d'agua, já Candida se tinha despido só, e estava no leito, cujas cortinas havia cerrado.

— Aqui está a agua, disse a mucama.

— Passou-me a sede ; apaga a luz :
murmurou baixinho a menina com os olhos
fechados.

Lucinda rindo maliciosamente depoz o
copo d'agua sobre a meza e apagou a luz.

Candida respirou mais livremente nas
trévas.

IX.

Lucinda rira-se maliciosamente, porque comprehendera que especie de sentimento acabrunhava sua senhora, e foi deitar-se tranquilla com a certeza de que a sua lição não seria revelada a Leonidia, e segura não menos de que Candida venceria em breve as revoltas de seo pejo, e de novo cada dia mais curiosa se humilharia a pedir-lhe outros e mais audazes esclarecimentos que ella sem duvida estava disposta a dar-lhe pouco a pouco.

Que interesse tinha a mucama, que prazer achava em toldar a candura do coração da menina, e em encher o seo espirito de conhecimentos de funcções naturaes ainda alheias á sua idade, e de pensamentos des-honestos? é facil explical-o.

A escrava abandonada aos desprezos da escravidão, crescendo no meio da pratica dos vícios mais escandalosos e repugnantes, desde a infancia, desde a primeira infancia testemunhando torpezas de luxuria, e ouvindo a eloquencia lodosa da palavra sem freio, fica pervertida muito antes de ter consciencia de sua perversão, e não pôde mais viver sem violenta imposição fóra da atmospherá empestada de semelhantes costumes, e das suas idéas sensuaes; a mucama, pois, collocada ao pé da menina innocente, inexperiente e curiosa, leva-a, arrasta-a tanto quanto lhe é possível, para a conversação que mais a encanta, para as idéas e os quadros do seo sensualismo brutal.

Além disso a mucama escrava, que é sempre escolhida entre as mais intelligentes, compara-se com a senhora, e tendo muitas vezes presumpção de excedel-a em dotes physicos, tem inveja da sua pureza e procura manchal-a para que ella não tenha essa aureola que nunca sentio em si.

Finalmente, a mucama comprehende por instincto que essa profanação da innocencia, essas conversações lubricas que ás occultas de seos paes a menina permite, esta-

belecem maiores condições de confiança, que lhe aproveitão, e por isso mesmo que humilham a senhora, ensoberbecem a escrava.

Lucinda era levada por todos esses sentimentos; mas principalmente pelo imperio que sobre ella tinha o demonio da luxuria.

Aos treze annos de idade a mucama de Candida só respirava lascivia em desejos, acções e palavras de fogo infernal: sua natureza era sob este ponto de vista impetuosa, ardente e infrene: pelo myster de que estava encarregada, Leonidia não lhe deixava a *liberdade do campo*, e limitada ás devassidões disfarçadas e perigosas da cozinha, desforrava-se da sobriedade imposta com a incontinencia da imaginação, e com apaixonado gosto das fallas, apreciações e descrições libidinosas, que na cozinha erão repugnantes e hediondas, e na camara de Candida serião apenas comedidas pela necessidade de serem toleradas.

Placido Rodrigues tinha feito á sua afilhada uma doação fatal.

A menina accordando na manhã seguinte e vendo-se só, apressou-se a tomar seos vestidos: a mucama porem não tardou a entrar no quarto.

Candida corou, abaixando os olhos.

— Minha senhora não quer que a ajude a vestir-se? perguntou Lucinda.

— Quero.... sim...; dice Candida.

Mas evidentemente ella se vexava diante da escrava.

— Minha senhora não faz idea do corpo bemfeito que tem! d'aqui a dous annos....

— Veste-me, Lucinda.

— E que cabellos finos e longos! minha senhora hade ser a perdição dos moços! tomára eu já....

A mucama provocava a menina, e esta vergonhosa e perturbada, mas gostando do que ouvia, deixava-a fallar.

— Minha senhora parece triste... ficaria hontem enfadada comigo?

— Não... não; mas dormi mal... estou indisposta...

— Ah! já sei... é o enleio... a confusão... ora! ..

— Estás insupportavel hoje! dice a menina.

Diante do toucador, Candida via a imagem de Lucinda, que se sorria e que a não poupava, e esta como que se deleitava a contemplar a imagem de Candida que se abraçava nas flammas do pejo.

— Mas minha senhora ainda é tola?... porque se envergonha assim?... todas as

meninas da sua idade sabem tudo quanto eu lhe dice hontem á noute, e mais ainda, e não se vexão por isso...

— Todas sabem?... perguntou Candida.

— Ora!... não são couzas do outro mundo: minha senhora que nunca esteve em collegio, e é aqui creada como tola, faria rir ás outras pela sua simplicidade...

As rozas do pudor abismárão-se, sumirão-se nas faces de Candida.

— Nos collegios se ensina *tudo aquillo*?... tornou, perguntando a menina que se voltou para Luciuda.

— Ora... por certo que não ha professoras disso; respondeo a mucama; as meninas porem ensinão umas ás outras, e nenhuma dellas é tola.

O qualificativo *tola* repetido pela mucama offendia a *tola* vaidade de Candida.

— Mas então porque sou educada assim?...

— Pois minha senhora pensa que os paes ensinão ou mandão ensinar essas couzas ás filhas?...

— E no meo cazo? se não fosses tu?...

— Se não fosse eu, e minha senhora ainda não sabe tado... mas se não fosse eu, quando minha senhora se cazasse, seo marido havia de julga-la simploria... e tola.

A escrava immoral, se não fosse immoral, teria dito :

— Seu marido havia de adora-la anjo.

Candida recebeo, adoptou o sophisma da mucama, como verdade incontestavel.

— Tens razão, Lucinda; dice ella.

Nesse momento Leonidia entrou no quarto de sua filha.

— Em que é que Lucinda tem razão?... perguntou.

Candida mostrou á sua mãe o jornal de modas que ficára aberto sobre a meza, e respondeo :

— Lucinda diz que este corpinho de vestido é lindissimo, e que me convem um vestido assim para o dia de meos annos.

Leonidia examinou o figurino, e logo depois dice :

— A tua mucama não sabe o que diz : o corpinho deste vestido não é talhado para uma menina da tua idade.

Leonidia beijou a face de sua filha que lhe beijára a mão e sahio.

Candida tinha corado de novo.

Era a primeira vez que mentia á sua mãe.

A escrava devia estar ufanosa da mentira, e por tanto do aviltamento da menina livre, da baixeza á que descera sua senhora.

X.

Lucinda tinha começado á vencer as revoltas do pudor de Candida: em taes cazos a primeira victoria por mais simples que pareça, é sempre segura precursora de outras.

A menina vergonhosa e atarantada nos primeiros dias, depois attenta, mas fingindo-se apenas tolerante, e porfim já sem disfarce curiosa e provocadora, prestou-se á conversação da escrava licenciada, que cada vez mais atrevida, ultrajou impunemente a castidade dos seus ouvidos, poupando-os sómente ao patuá immundo da cosinha.

Custa a admittir que uma menina que se educa, que por pouca instrucção que tenha recebido e pela sua posição e costumes tão

superior em intelligencia, tão elevada moral, e socialmente se acha e se reconhece em relação a mucama, se deixa influenciar e induzir por esta, á ponto de sacrificar o seu pudor para ouvir-lhe a lição perversa, que a sua propria consciencia reprova, pois que ella a esconde de seus paes e de sua familia.

A curiosidade vivissima e natural das meninas é a chave que abre á porta da influencia das mucamas; o conhecimento dos primeiros segredos é incentivo irresistivel para o desejo de saber outros; finalmente tão simples, tão natural se afigura esclarecer-se logo sobre o que hade por força ser esclarecido mais tarde! a mucama é pois um recurso para a curiosa, a mais aproveitavel das reveladoras, pois que revela expontaneamente, e sem necessidade de rogativas que vexão.

Pobres meninas de paiz onde existe a escravidão!...

Candida não sentio surpresa, nem perturbação, quando um dia se achou *moça-feita*, conforme as previas explicações de Lucinda: teve apenas de apparentar ignara confusão aos olhos de sua mãe, que então ensinou á filha muito menos da metade do que a filha já sabia..

A mucama fora a primeira a applaudir o acontecimento, e insistindo em conselhos que desde algum tempo se esforçava em fazer aceitar, disse :

— Agora não póde mais continuar esta vida de freira, que minha senhora leva : é preciso ir ao theatro e aos bailes, para que os moços vejam e adorem a formosura de minha senhora.

Lucinda calculava com a liberdade em que a deixariam os bailes e as noites de theatro, e principiava a sonhar futuros dependentes do casamento de Candida.

A donzella não menos dezechava sarões e festas : já tinha feito treze annos, reputava-se formosa e deslumbrante e na verdade era linda.

Florencio da Silva annunciou á Candida a sua primeira noite de baile ceremonioso e formal.

Candida ia pois iniciar-se na vida elegante, artificial, e esplendida das sociedades : sahio para o baile vestida com a mais falsa simplicidade ; o seu vestido branco era mais rico e mais caro do que dous ricos vestidos de seda : entrou no salão tremula e palpitante, o sussurro levantado pela admiração que causara sua belleza confundio-a á prin-

— Que eu sou bella, encantadora, anjo da terra, perfeita formosura...

— E nenhum lhe apertou a mão?...

— Oh! nenhum se atreveo á isso....

— E que mal havia, em que lhe apertassem a mão?... nenhum lhe pedio uma violeta do seo *bouquet*!

— Nenhum.

— Nenhum a abraçou pela cintura mais fortemente do que era preciso, dancando a valsa?

— Nenhum.

— Em tal caso minha senhora sahio do baile sem ter feito a conquista de um só namorado.

— E então?

— Oh, minha senhora! é uma couza triste ir ao baile e não deixar nelle um namorado!... é como se não a tivessem achado bonita!...

— Pensas isso?

— Certamente.

— Mas todos exaltarão a minha belleza.

— Não basta. Exaltar a belleza de uma moça é apenas dever de cortezia: ás vezes até se diz que é linda a moça a quem se acha feia.

— Isso é escarneo.

— Não, minha senhora ; é de uzo e costume nas sociedades.

— Mas essa pratica de mentira é horri-
vell!... em que pois uma senhora terá a pro-
va segura, de que a julgáção verdadeira-
mente bella ?

— A prova está nas conquistas que ella
faz, no numero dos namorados que ella
captiva nos bailes.

— E portanto, eu não capturei nem um !

— Quem sabe?... parece-me impossivel.

— Asseguro que nenhum me apertou a
mão, nenhum me pediu uma violeta do meo
bouquet, nenhum me abraçou pela cintura
mais apertadamente do que era preciso na
valsa, nenhum me fez declaração de amor.

— E' incrivel ! disse a mucama.

E pareceo reflectir sériamente.

Candida sentida do que acabava de ou-
vir á Lucinda, affastou-se do toucador, e
tratou de despir-se e de acolher-se ao leito.

A mucama ouviu-lhe um triste suspiro.

— Não se desconsole, minha senhora ; eu
já sei, já adivinhei, como foi tudo.

— Como foi ?...

— Minha senhora aturdiu-se no baile,
não soube olhar, nem rir, nem conversar,
e pareceo tola.

— Lucinda!

— Ha de ver que foi isso : não podia ser outra cousa, sendo minha senhora formosa como é.

XI.

Na cidade de.... erão raros os bailes de grande cerimonia, como esse em que fôra Candida apresentada, e que se dera com a maior solemnidade e ostentação em obsequio ao presidente da provincia, que viera pessoalmente (caso raro) examinar a direcção e as conveniencias de uma importante estrada que se projectava.

Desse baile fallar-se-ia dez annos: cada qual guardou suas recordações da brilhante noute de festa, e Candida não esqueceo que o presidente da provincia exaltára diante de seo pae a sua belleza, modestia, e innocencia, felicitando-o por isso.

Nenhuma outra donzella merecera elogio igual: a distincção inflammou a vaidade da menina.

Em feliz compensação da falta de bailes cerimoniaes, havia na cidade de.... frequentes reuniões e saráos, além de uma companhia dramatica, dando duas vezes por semana representações toleraveis, porque erão o unico divertimento publico. Em duas épocas do anno emfim, nos mezes de Junho, e de Dezembro a Janeiro, nas noutes de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, e nos dias que correm do Natal até os Reis as festas se multiplicavão, principalmente nas fazendas, onde as reuniões de familias não achão o entretenimento e o gozo suave de algumas horas do dia ou da noute, como se observa nas cidades e nos povoados; mas longa e amena folgança que dura uma noute e um dia, quando não vae além.

Immenso espaço se abria pois aos vãos da vaidade de Candida.

As observações nocivas, ruins que a mucama immoral tinha feito sobre as declarações de amor, e os namorados, preoccuparão durante o resto da noute do baile a donzella, que facilmente se convenceo da importante significação desses tributos rendidos aos seos encantos que reputava inexcusaveis; a afortunada nova que no dia seguinte Florencio da Silva lhe deo do elo-

gio que o presidente da provincia tecera á sua belleza, *modestia* e *innocencia* a encheo de alegria ; mas ao mesmo tempo levou-a a comprehender e reconhecer que a *modestia* e *innocencia* erão mimosas condições do realce e belleza de uma moça.

Ora modestia e innocencia infelizmente faltavão já ao coração de Candida, a modestia banida pela vaidade, a innocencia do pensamento e do sentimento, a innocencia, essa noute edenica do somno sem sonhos do cherubim que não sabe dezejar, consumida pela luz da sciencia negra acesa pelo sopro da escrava.

As observações immoraes, e o elogio honesto e nobre, a lição da escrava e a inspiração do homem livre, os impetos exigentes da vaidade e o reconhecimento do poder e do encanto da modestia e da innocencia não podião combinar-se porque se repugnavão, amalgamarão-se porém á força no espirito já egoista e viciado de Candida, e dessa mistura de principios contradictorios e repulsivos uns dos outros tirou ella, sem o pensar talvez, um systema vil, indigno da sua idade generosa, da educação que devia a seos paes, e da nobreza do seo sexo, um systema que se resumia, e que se resumio em uma palavra — hypocrisia.

Candida não teve consciencia da enormidade e da fealdade do seu erro: quiz ser incensada, amada, adorada, porque era vaidosa, e parecer, fingir-se modesta e innocente, porque a modestia e a innocencia realção a belleza.

O fingimento, a hypocrisia, erão nesse caso um recurso para disfarçar, e encobrir a sciencia repugnante por prematura, os estragos moraes do coração que a influencia, ou a companhia da mucama escrava produzira. Era o rigor implacavel da logica, o erro arrastando a erros, o germen da immoralidade a desenvolver-se, a sementeira a brotar.

Mão de escrava tinha semeado no campo ingenuo e virgem do coração de menina: a colheita de espinhos era certa.

Candida frequentou sarãos e foi muitas vezes ao theatro. Fiel ao systema que se havia imposto, resistio impavida ás flammas de olhos ardentes de admiração ou de amor, ouviu indifferente ou como que alheia confissões apaixonadas, concedeo sorrisos que não explicou com palavras, provocou adorações, olhando sem indicar que as provocava, e brilhou como fulgurante planeta que é foco de luz e não se abraza.

A formosura, a isenção, e a singeleza de Candida encantavão, e desatinavão com corações de mancebos. Ella foi proclamada a bella das bellas, como entre os heróes guerreiros o mais distincto se acclama o bravo dos bravos.

Lucinda era naturalmente a dona das intimas confidencias de sua senhora, que ruminava seos triumphos e suas conquistas, repetindo muitas vezes os ternos episodios dos saráos, em que deixára escravos confessos, e a adoração, de que fora objecto no theatro.

Candida mostrava-se orgulhosa e satisfeita; a mucama porém não parecia contentar-se com tão pouco. Ella dice-lhe uma noute:

— Minha senhora, aproveite o seo tempo, enquanto não se caza: quem sabe com que casta de homem se cazará....

— Mas eu o aproveito como posso, Lucinda.

— Qual! minha senhora não anima bastante a nenhum dos seos apaixonados; é admirada como uma flor, que é esquecida pelos que a admirão, logo que elles deixão o jardim.

— São tantos os que me adorão!

— Porem como?... ouço minha senhora

dizer que tem muitos apaixonados; mas por certo que ainda não tem um namorado.

Candida sorriu-se e respondeu:

— Morrem por mim... eu o sinto no ardor com que me olhão e na ternura com que me fallão...

— E minha senhora?

— Deixo-os olhar e fallar.

— Eis-ahi! desanima a todos com a sua indiferença! no collegio onde eu aprendi á ser mucama, não havia menina por mais feia que fosse, que não tivesse o seu namorado.

— E de que serve animar o namoro de um homem, á quem não se ama, e que não se quer para marido?... basta para meo desvanecimento saber que muitos me adorão.

— E todos hão de fugir de minha senhora cansados de adora-la em vão, e minha senhora nunca experimentará os encantos do namoro; nunca receberá um bilhete amoroso, o retrato de um bello moço; nunca apreciará os ciumes de um que se exaspera com as esperanças de outro...

— Mas é preciso que eu namore tambem, Lucinda!

— Um pouco sem duvida, e sem comprometter-se.

— Sem comprometter-me?... namorar sem comprometter-me?... tu não sabes o que dizes.

— Sei muito bem, minha senhora: a moça que se entrega ao namoro de um unico homem, procura nelle um noivo, e compromette-se, quando não se caza; aquella porém que excita um pouco, e *dá corda* ao namoro de diversos moços, a nenhum delles se prende, e diverte-se á custa de todos.

O que havia de maligno; de aviltante e fallaz no conselho da escrava, não escapou á Candida que fez um movimento de repugnancia.

Lucinda, observando esse movimento, tornou dizendo:

— Minha senhora hade ser sempre criança! qual é a moça que não namora?... vae aos bailes e ao theatro e ainda não reparou que todas as moças namoram?...

XII.

O perverso conselho da escrava, não era mais inspiração de immoralidade sem calculo, era já impulso de maldade reflectida. Lucinda, mucama de quarto de sua senhora, comprehendera que não poderia ser estranha aos mysteriosos empenhos dos namorados desta, e que a sua intervenção se tornaria indispensavel nos cazos de correspondencia amorosa, sendo portanto certas ás compensações, ou as recompensas da sua condescendencia e discrição. A mucama escrava queria negociar, lucrar, explorando os galanteios de Candida, e por isso a induzia á proceder de modo offensivo do recato que é a egide da senhora honesta.

Candida tinha para si que sabia com a

chymica de seo espirito instruido separar perfeitamente a verdade, e os conhecimentos convenientes dos falsos, rudes, e baixos conceitos proprios da ignorancia e dos costumes da escrava; mas na presumptuosa confiança da sua intelligencia e sagacidade recebia sempre e guardava uma parte da lição desmoralisadora.

Embora tivesse ouvido com repugnancia, Candida não poudo esquecer o perfido conselho da mucama, e observando cuidadosa as outras moças nos sarãos, no theatro, nas reuniões, reconheceo que Lucinda havia calumniado muitas donzellas, no absolutismo da sua regra insolente e difamadora; não menos porém se convenceo de que algumas jovens prestavão-se ao galanteio dos mancebos e mostravão aprazer-se delle Fez mais do que observar, procurou com a provocação de gracejos, e com o recurso da intimidade amiga, tão facil de se estabelecer entre as moças, informar-se dos artificios, das emoções, dos inconvenientes, e das consequencias do namoro-entretenimento, e, imprudente e louca, acabou por ver gozos de vaidade no fingimento de amor, na profanação sacrilega do sentimento.

Esse estudo frio e reflectido feito por Can-

dida, assignala por certo a degradação da sua intima castidade, e a ruina da pureza de seo coração tão novo; ella porém se mostrou ainda mais victima da influencia perniciosa da mucama que lhe envenenára o espirito desde menina, encantando-se me- nos do quadro suave e enlevador da modestia, do pudor, e da reserva angelica das donzellas recatadas ou innocentes, do que da expansão ouzada, do olhar provocador, dos sorrisos maliciosos, e desse louco embevecimento, e desses ridiculos esgares das moças namoradeiras, pobres e inconsideradas algozes do mais preciozo dos seus thezouros, — da virgindade do sentimento.

Ouzemos encarar de frente, e atacar sem piedade o grave erro que se condemna, murmurando o que se deve castigar com a sua exposição em nudez, mas em beneficio das proprias culpadas de suicidio do coração.

O gosto ou a pratica do galanteio é um vicio, como o jogo, como a embriaguez, como a luxuria: não amar, mas simular amor, ouvir e dizer finezas, sonhar brincando futuros de duas vidas identificadas em uma, pelo estreito enlaçamento dos corações, trocar suspiros e flores, trocar um anel de madeixa

por um retrato, permittir um aperto de mão e ás vezes paga-lo, tolerar na valsa o abraço não duvidoso para quem o recebe, consentir em que lhe escrevão cartas de amor, e ouzar escreve-las, eis os mais simples, e os menos arriscados atrevimentos do galanteio ou do namoro, que se afigura inculpavel e permittido á algumas jovens imprudentes.

Ai da donzella que incauta ouza tocar uma só vez com os labios na taça envenenada, mas doce do galanteio, comedia sacrilega do amor, ai della! o galanteio por isso mesmo que é um arremedo do verdadeiro amor, têm emoções, transportes d'alma, gozos de imaginação, ciumes, e arrebatamentos, que embora pervertão, inebrião os sentidos, alvoroção o coração; uma vez levada aos labios essa taça enfeitada, e peçonhenta, a imaginação póde mais e o galanteio torna-se exigente, insaciavel, como o jogo, a embriaguez, a luxuria.

Desse vicio do namoro, porque elle se impõe como vicio, resulta para a donzella o reparo á principio mudo e logo depois a murmuração surda da sociedade, as suspeitas que offendem sua virtude, uma turva fonte onde a inveja e a maledicencia vão beber calumnias, o embotamento da sensi-

bilidade que se gasta no fingimento, a frieza enregelada do coração degenerado pelo costume da mentira e da violencia dos sentimentos, e mais tarde a hezitante confiança, ou a triste e dissimulada desconfiança do marido, se a donzella chega á cazar, porque a moça namoradeira é em regra a que mais difficilmente consegue conquistar um noivo.

Até aqui as consequencias menos funestas do vicio do galanteio: as outras mais graves não se podem medir; porque são susceptiveis de ir até aquelle extremo infortunio, que priva a donzella do seo direito ao titulo honroso de *senhora*.

O gosto, a pratica do namoro por divertimento é mais, é peor do que a profanação do amor, divina flamma que sublimiza a mulher, é a chave que abre a porta ás suspeitas aleivosas, ou a mão sinistra que ás vezes arrasta para a deshonra a mulher, e nessa deshonra determina e realiza o suicidio moral da donzella.

XIII.

Instinctivamente Candida reprovou o delirio, com que duas ou tres moças indiscretas e reprehensíveis, mentindo a sua educação, ou por infelicidade mal educadas, provocavão censuras, pela franca vangloria de seos namoros faceis: nesse alarde louco de immodestia, que chega a offender a decencia, ella vio impressa a marca da desestima geral; mas além do escandalo agreste do galanteio desatinado, que alias é raro nas boas companhias, havia o galanteio apurado, subtil, ou mal-patente, o galanteio elevado á arte de gozo de vaidade, e esse transviou-lhe a razão e a empurrou para o erro.

Até então Candida fora louvada, incen-

sada, cortejada com fervente empenho, cu-
vira confissões de amor apenas dissimuladas
nas reservas do receio, da duvida e do
respeito, e que proromperião ostentosas e
vehementes á mais leve animação, ou á um
simples signal de condescendencia; ella
porem continha os impetos apaixonados,
intimidava, e fazia hesitantes os adoradores
de suas graças com o fingimento daquella
perfeita innocencia, que ainda não compre-
hendia, nem sabia sonhar amor; mas d'ahi
em diante modificou o systema que se im-
puzera, e com habilidade, cuidado, e deli-
cadeza prestou-se ao culto dos seus thuri-
ficadores, deixou-se requestar e amar por
elegantes cavalleiros, sem prender-se a ne-
nhum delles, e prendendo-os á todos por
esperanças vagas que alimentava sagaz e
que podia negar mais tarde, e por esses
mil, rapidos, e fugazes incentivos que a
galanteadora artista acende ligeiramente,
deixando sempre incompleto o estimulo, e
a nuvem de uma duvida para defeza fu-
tura, fallando menos com a voz, do que
com os olhos e os sorrisos, com artificial
mas silencioza comoção, e com apparencias
de enleio ao escutar suave juramento, pa-
recendo prometter muito, e não promettendo

couza alguma, não dando, mas perdendo opportunamente, ou esquecendo na cadeira a flor que lhe pedirão, e fugindo á uma resposta instantemente exigida com a graça de um gesto que enfeitiça e que póde significar sim e não.

Candida reputava-se superior á todos os riscos do galanteio, procedendo assim, e pouco a pouco embriagada pelos cultos que recebia, pelas suaves emoções que experimentava, e pelo numeroso cortejo de escravos que se curvavão ante a magestade de sua belleza, tornou-se a mais activa, a mais hypocrita e disfarçada namoradaira.

Não tardou que um pressuroso apaixonado dezesasse escrever á formosa e supposta esquiua donzella, tentando seduzir um dos pagens de Florencio da Silva, para faze-lo mysterioso portador das suas cartas.

O escravo não precisava ser seduzido para encarregar-se da commissão : não tinha em estima o reço de sua senhora moça ; não quiz porém receber a carta antes de entender-se com Lucinda.

A intelligencia entre o pagem e a mucama foi facil, e bazeou-se no segredo, e na partilha das gratificações.

Candida recebeo a primeira carta de amor

mais curiosa do que perturbada; entretanto abriu-a com as mãos tremulas, leu-a para si tres vezes; mas logo depois rio-se e fe-la ouvir á mucama.

A' essa, outras cartas seguirão; como esse namorado, ou sincero e amoroso pretendente á mão da donzella, outros escrevêrão também suas cartas de amor, e nem todos tomarão por portador o mesmo pagem; Lucinda porém foi sempre a unica e exclusiva medianeira junto de sua senhora.

Candida recebia indifferentemente, mas sem repugnancia, todas as cartas, fazia dellas vangloriosa collecção, como se fossem louros de victorias, e considerava-se á coberto de todo reparo, porque não respondia á nenhuma.

A donzella se enganava: a sua reputação devia soffrer por tolerancia tão reprehensivel.

Somente ao noivo, ou ao homem digno de confiança e com quem espera casar é dado á donzella permittir que lhe escreva em segredo: ainda em semelhante tolerancia ha imprudencia, e no segredo desobediencia aos paes, que tem direito sagrado ao perfeito conhecimento das acções da filha; mas este erro que o amor desculpa, o casamento absolve depois.

A donzella é flor que tem por matiz o recato e o pejo: uma carta de amor de seo proprio noivo alvoroça-lhe o pudor, e não acontece assim somente quando ella é apenas physicamente donzella, e já traz profanado o sentimento. O amor é para a senhora honesta sentimento—religião, culto purissimo da alma, vida de sua vida, céu branco que a mais tenue nuvem obscurece; deve haver no amor da mulher a virgindade da unicidade: para a mulher do amor puro e sublime o amor não tem plural; porque ella o não sente nunca por mais de um homem. Cartas amorosas que se recebem, são contactos moraes e physicos que se tolerão: mais de um homem á escrever que ama, e uma donzella á ler esses atrevimentos de amor vero ou fingido; á tolerar, á receber esses contactos de amor no coração, que significão?... significão um escandalo, um opprobrio, cujas proporções a leviandade não mede: significão, é preciso dizer-lo, a prostituição do sentimento menos vergonhosa do que a prostituição do corpo, só porque é recondita; e muito mais profunda, porque é a corrupção do que a mulher tem de mais nobre, a corrupção do principio que não pertence a terra, e que

anima a mulher como o homem com a flamma, cujo foco está no céu.

E ao pé do grande erro de Candida a primeira punição estava no protervo juízo dos escravos portadores das cartas que lhe mandavão e que ella não repellia. Os escravos não comprehendem o amor platónico, nem os limites que as moças habil ou rudemente namoradeiras, impõe ao galanteio dos seus namorados: para elles não ha intriga amorosa, nem cultos rendidos por cavalleiro á senhora sem reservado calculo physico, que sómente a falta de occasião contrasta, e a lingoa dos escravos é lima surda de murmuração e de aleive, que não sentida, mas activa, adianta o seu trabalho de estrago e destruição.

Os escravos de Florencio da Silva forão os primeiros á propalar na *cosinha*, e logo depois nas *vendas* a multiplicidade dos namorados de Candida, e a extraordinaria sagacidade com que esta entretinha, encorajava, e enganava á todos elles.

As revelações dos escravos na *cosinha* e nas *vendas* espalhárão-se alem, e Candida sem o suspeitar teve em breve estabelecida e firmada a sua fama de astuta e consummada namoradeira.

E ao pé de Candida, impune, constante e inseparavel della volteava, como serpente, Lucinda, a mucama escrava, a fonte maldita, onde bebera a agua da desmoralisação desde seos annos de menina, a pobre donzella que incauta se adiantava por aquelles desvios, que podião conduzi-la até o abysmo da extrema degradação.

A escrava já tinha feito da menina innocente, donzella maliciosa, e sabida de mais do que para sua gloria podia ignorar ainda por alguns annos.

Da donzella maliciosa fizera depois moça hypocrita e fallaz.

Da moça hypocrita acabara por fazer indomita namoradeira.

Matara-lhe a innocencia, destruiu-lhe a virgindade do sentimento, viciara-lhe o coração, sensualisara-lhe os sentidos, desvirtuara-lhe a educação, e já lhe atirava o nome e o credito aos insultos das murmurações e da malidicencia.

A influencia da mucama escrava produzia seos naturaes resultados. A arvore da escravidão envenenava com seos fructos a filha dos senhores.

A victima era por sua vez algoz.

XIV.

Cegos pelo amor, orgulhosos da educação que haviam dado a Candida, desvanecidos da sua belleza e da impressão que ella causava onde quer que apparecesse, Florencio da Silva e Leonidia não se apercebião do condemnavel proceder da filha.

A consideração e respeito que o honrado e rico negociante gosava e era um escudo que livrava Candida dos golpes de censuras francas: não havia quem se animasse á offender Florencio da Silva e sua digna espoza, negando ou poupando demonstrações de estima a sua filha, que em attenção a elles, era mais lastimada que detrahida nas sociedades.

Todavia Florencio da Silva por mais de

uma vez apesar do seo amor julgou ver desgostoso no facil e embora sempre dubio acolhimento, que Candida concedia aos seus namorados, quebra da modestia e do recato desta.

Nestes cazos são os olhos dos paes que primeiro enxergão, como são os corações das mães os ultimos que se convencem.

Florencio dizia então tristemente a Leonidia :

— Tu não reparas em nossa filha ; eu creio que ella começa a abusar do dezejo de ser admirada.... a vaidade a está perdendo...

— Que idéa !

— Não viste como a cercarão esta noute ?.. eu detesto todos esses atrevidos que ousão aproximar-se de Candida, fallar-lhe á sorrir, olhal-a abrasados em fogo com tanta liberdade, e encontrando tanta tolerancia....

— Querias que ella deitasse á correr, fugindo da sala ?

— Queria que ella não encorajasse essa corte de... eu sei ! talvez de namorados.

— Em serem elles tantos á corteja-la está a prova de que nossa filha não prefere, e não encoraja nenhum.

— Mas faz máo ver... eu te juro.

— O unico recurso é priva-la do theatro,

e não leva-la á reuniões: formosa como é, onde apparecer, achará cultos e sem duvida apaixonados.

— Entretanto Candida podia conter á distancia respeitosa esses moços que a não deixão um momento e que...

— Conserva-los á distancia no baile, onde danção e valsão com ella? tu tens ciumes de nossa filha, Florencio; é natural: eu tambem os tenho...

— Aconselha-a. Leonidia...

— Não me esqueço nunca de o fazer; mas nem é preciso; por ora Candida é um anjo; cuida sómente em divertir-se e brincar. Florencio da Silva respirava desafrontado, e de longe abençoava a filha á quem já suppunha dormindo, e que no seo quarto, negligentemente meio deitada no leito com o cotovello firmado na almofada, a face apoiada na mão, os cabellos em ondas á cobrir-lhe a espadua e o peito, referia á mucama que em silencio a invejava, os recentes gozos de sua noute de sarão, suas recentes conquistas, e todos os seos ardiz, e todas as finezas e todos os desvarios e atrevimentos dos antigos e novos namorados.

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

XV.

Candida contava já desesseis annos quando chegarão da Europa Liberato e Frederico, que depois de haver terminado no Rio de Janeiro seos exames de humanidades, e obtido no Imperial collegio de Pedro II os diplomas de bachareis em letras, tinham ido para o velho mundo civilisado, fazer nas mais famosas e competentes escolas, estudos regulares de agricultura.

Florencio da Silva e Placido Rodrigues destinavão sabiamente seos filhos á tranquillã, feliz, e moralisada vida agricola ; mas querendo-os lavradores illustrados e perfeitamente sabidos em agricultura os havião mandado a enthezourar sciencia e theorias relativas, preparando-lhes no Brasil vasto e facil campo

para que elles as applicassem, corrigissem, e aproveitassem na pratica.

Florencio da Silva e Placido Rodrigues davão, procedendo assim, exemplo louvavel e digno de imitação á seos concidadãos.

A familia de Frederico era bem limitada : resumia-se toda em seo pae viuvo no dia em que sua mãe lhe dera a vida ; essa desgraça porém o tornára irmão, collaço de Liberato ; porque Leonidia repartira com elle o leite que pertencia a Liberato. Frederico era filho unico de Placido Rodrigues.

Liberato e Frederico tinham a mesma idade, sendo o primeiro apenas alguns dias mais velho que o outro : amavão-se como os irmãos que se amão, tinham ambos fraternisado no leite materno, no berço, nos brincos de infancia, nos estudos da escola primaria, no collegio de instrucção secundaria, e no bacharelamento, e ainda na Europa nas escolas agricolas ; devião ainda vizitar e estudar juntos durante dous annos a industria agricola dos Estado-Unidos da America do Norte e das Antilhas. No Rio de Janeiro, no velho mundo, em toda parte tinham morado juntos, e vivido inseparaveis, e era justo e util que assim procedessem ; porque sendo irmãos de creação e pela ami-

zade mais estreita nenhum dos dous prescindia do outro, porque cada um delles completava o outro.

Erão ambos intelligentes e estudiosos, mas Liberato excedia tanto a Frederico em brilhantismo de imaginação, quanto este o sobrepunjava em reflexão fria e segurança de juízo; o primeiro era bonito de rosto e elegante de figura, o segundo tinha a fronte magnifica, a face porém descarnada, de ossos salientes, pallida, desproporcionada, e melancolica, os olhos ardentes, porém em fundas orbitas, e o corpo alto, magro com exagerado desenvolvimento da ossificação, e com os musculos seccos; em Liberato predominava a coragem impetuosa sem baze na força material, em Frederico a energia sem audacia e com o vigor de braços de ferro; aquelle seria capaz de uma vingança atroz em um momento de furor, mas desarmado pelo tempo tornava-se inoffensivo inimigo; este reflectido, e indomavel recordador da offensa, meditando o desforço e a punição sem os calculos do medo e com a convicção rigida do cumprimento do dever severo; ainda o primeiro generoso por instincto por intimo e natural movimento até a levandade; e ainda o segundo generoso por

caracter e sem exageração ; dedicado somente a seus amigos, mas na dedicação capaz de ir até á heroicidade.

Liberato era o enthusiasmo, Frederico era a razão, e, como sempre se observa e é força que assim seja, cada um delles com os defeitos correspondentes ás suas nobres qualidades.

A amizade intima, fraternal que unia os dous irmãos collaços era abençoada pelos paes de um e de outro e naturalmente se adivinha que Florencio da Silva e Placido Rodrigues devião calcular com um laço ainda mais estreito que sagrasse com segunda fraternidade a alliança apertadissima desses mancebos.

Os dous velhos amigos já havião sonhado juntos com a suave dita do casamento de Frederico e Candida: Liberato já tinha sondado o coração de Frederico, e achara nelle o santo amor que o tornaria duas vezes irmão de seu amigo.

A idéa de uma imposição era estranha por certo ao animo de Florencio da Silva, e não pairava no de Placido Rodrigues, que amava a afilhada quase tanto como ao filho ; ambos porém fazião votos ao céu para que desabrochasse no coração de Candida o terno

sentimento que começava a aditar o coração de Frederico.

Nenhum dos generosos interessados nesse projecto inspirado pela amizade, tinha delle fallado á Candida; ella porem advinhára com o seo instincto de mulher os desejos e combinações de seos paes e de seo padrinho, e guardára para si o segredo que havia descoberto, quando seo irmão adoptivo já estava na Europa.

Candida amava desde a sua primeira infancia a Frederico, e nessa época preferia-o até a Liberato que era menos condescendente com os seos caprichos de menina; continnuou sempre a amal-o com expansão suave, porem só com amor de irmã.

Aos treze annos de idade, ao tempo em que Lucinda tinha já encetado as maliciosas e desmoralisadoras explicações de sua natureza e da sua missão de mulher, Candida se apercebera da terna afeição, do amor que não era mais de irmão, que ella havia inspirado a Frederico: não ouvira a este nem fallas apaixonadas, nem ternas promessas, e ainda mais ternas rogativas de sonhada e desejada união em breve futuro; mas em certo constrangimento respeitoso, no ardor do olhar, na contemplação

suave, na doçura do fallar, no leve tremor da mão que apertava á sua, reconhecera que era amada.

A mocinha deixara-se amar assim, e sorria docemente á Frederico, embora não o achasse bonito: logo depois a retirada dos dous jovens, que seguirão para a Europa, interrompeo o desenvolvimento, e deixou no berço esse amor apenas nascente.

Frederico dicera, chorando, ao abraçar Candida em despedida:

— Oh!... não te esqueças de mim, Candida!

E então não a chamou *irmã*.

Candida, no fim de tres dias lembrava-se de Frederico somente como seo irmão adoptivo.

Passados tres annos voltárão emfim da Europa os dous mancebos.

Aos vinte e dous annos Frederico chegara ao seo completo crescimento physico e a perfeita e firme determinação de seo character: o viço mais fulgente da juventude não lhe engraçara a figura, mas robustecera-lhe a tempera nobre e generosa do coração; e dera-lhe á alma, a rectidão do juizo, e a prudencia da reflexão.

Candida, sabendo da chegada de Liberato

e Frederico á cidade do Rio de Janeiro, contou com um namorado mais; em breve porem só achou em Frederico um cavalleiro que respeitoso e discreto a amava sem fallar-lhê de amor, e como que estudando-a, e esperando para cahir-lhe aos pés uma hora, que a razão estava encarregada de marcar ao amor.

A vaidosa resentia-se do que lhe parecia frieza.

Tambem a leviana donzella, estimando sempre muito á Frederico, julgou-se incapaz e muito longe de poder amal-o: alguns dias de convivencia na casa de seo pae, ou na de seo padrinho a convencêrão de que esse joven podia e devia ser o seo melhor amigo, seo irmão, como d'antes; porém nunca seo marido. Candida via bem que Frederico era feio, mal feito, e desagradado; mas habituada desde a infancia ao seo aspecto desagradavel, perdoava-lhe facil e sem esforço os senões da figura, admirando-lhe a energia persistente do character, a ás vezes a força physica evidente do deforme Alcides; não era pois a fealdade do mancebo que fechava a este o coração de Candida.

Mas a bella e severa intelligencia de Fre-

derico, a profundeza do seo juizo, uma certa gravidade varonil já dominando os arrojos da idade impetuosa, impunhão á Candida respeito, invencível reconhecimento de superioridade, que contradizão o sentimento do amor no animo leve, inconsiderado, imprudente e viciado pelo sensualismo da mucama, e pelas degradações do namoro.

A irreflectida moça, pensando em Frederico, sentia como uma especie de temor d'aquelle homem tão serio: menos ligeira e precipitada acharia no desenvolvimento desse sentir, que se lhe afigurava temor, a fonte purissima do amor que lhe parecia impossivel e que se bazearia na estima perfeita das grandes e nobres qualidades do amado; ella porém afastava do seo espirito a imagem daquelle feio *moço-velho*, e sonhava com um marido bailarino, apaixonado de sárãos, e de theatros, escravo de seos caprichos, complacente, primeiro incensador de sua vaidade, e até cumplice louco ou cego com a ostentação de sua formozura exigente de cultos na sociedade elegante.

De seo lado Frederico não comprehendeo a donzella que amava, vio-a com os olhos, julgou-a com as apreciações de seo pae,

padrinho perdido de amizade pela afilhada, e de Liberato, irmão extremoso e exaltado, julgou-a por si mesmo com as lembranças da innocencia da infancia da menina, e adorou-a com o suave, mas deferente culto que é devido á pureza.

Esse modo de exprimir amor chegava tarde á alma daquella moça de desezeis annos: em vez de beatifica-la, atormentou-a: anachronico e involuntariamente cruel despertou em sua consciencia o primeiro remorso.

Era um amor que envergonhava e vexava a namoradeira: não podendo rir-se de Frederico, a louca, experimentando na santidade daquelle amor virtuoso e reverente, uma punição da sua immodestia e garridice, odiou-o, por não lhe ser possível despreza-lo.

Odiou-o ainda mais, porque o respeito indomavel á que a obrigava a estima em que tinha, e a *especie de temor* que lhe inspirava Frederico, levou-a forçadamente á esquivar-se dos namoros, que em todas as reuniões provocava, á resfriar as flammas, á escacear as liberdades, que tolerava em seos galanteadores, e á affectar o recato que alias nunca devera ter esquecido.

Fazendo sobre si mesma essa violencia,

que attestava por certo o poder e a influencia do feio *moço velho*, Candida em breve revoltou-se contra elle, e o aborreceo, ou suppoz aborrece-lo pelas privações que se impunha.

Estes sentimentos contradictorios, esse respeito e especie de temor, e esse odio pelo flagello da consciencia, esse recato obrigado e esse supposto aborrecimento pela privação de levianos e indesculpaveis gozos, provão que uma hora de reflexão em Candida, dez minutos de mais experiencia da vida artificial das nossas sociedades, e das exigencias vaidosas da imaginação da donzella formosa e leviana em Frederico, farião encantada e como que milagrozamente realizar de subito os benignos e generozos planos de Florencio da Silva e Placido Rodrigues.

No respeito, *na especie de temor*, no odio, no supposto aborrecimento que Candida estava confusamente votando á Frederico escondia-se, aprofundava-se o amor mais sereno e mais seguro, aquelle amor que não arrefece nunca, o amor que fica e não voa, o amor que se consagra pela estima.

Frederico poderia ter encantado Candida.

Mas não houve quem fallasse á pobre moça, - quem a esclarecesse, quem a diri-

gisse. Em seo quarto de dormir e ao lado do seo toucador ella tinha a mucama escrava á impelli-la para o mal: nos salões, nas reuniões, ella tinha a thurificação da sua vaidade, e o tormento das reservas medrosas que augmentava o preço e a magia dos thuribulos arredados.

E ainda nos salões de reunião, e fóra delles nos colloquios de amizade quase fraternal Frederico, procurando com escrupulosa delicadeza inspirar e merecer o mais terno sentimento, sem o pensar deprimia Candida, exaltando-a pelos thezouros moraes que ella já não possuia, e amedrontava-a com apprehensões da vida tranquilla, séria, e nobremente recatada, que o dever e a virtude regulão e que a leviandade desama.

Tudo pois concorria para afastar Candida de Frederico.

XVI.

Não tinham faltado festas e obsequios aos dous mancebos recém-chegados da Europa que erão pelos paes apresentados com orgulho.

Liberato e Frederico devião demorar-se apenas quatro mezes com seos paes, seguindo depois para a America do Norte, onde durante dous annos estudarião com observação solícita os systemas, processos, instrumentos, machinas e fabricas ou *engenhos* de agricultura nos Estados-Unidos e nas Antilhas. Elles tinham chegado em Novembro, e estava marcado o mez de Março seguinte para a nova viagem.

Erão pois como estudantes em ferias.

Na casa de Florencio da Silva não havia

cuidado que se poupasse no empenho de tornar ameno, alegre, feliz, o curto periodo que Liberato hia ali passar.

E tambem a petulante Lucinda se esforçava por agradar ao bonito senhor moço, e por attrahir-lhe as vistas. Semelhante ouzadia é tão trivial em paiz, onde ha escravos, que á ninguem mais admira.

A mucama vestida sempre melhor que as outras escravas, e ostentando faceirice tanto mais facilmente, que os vestidos ainda pouco usados de sua vaidosa senhora, passavão á pertencer-lhe, e alem disso menos agreste e desageitada que suas companheiras, pelo muito que aproveitava, servindo á engraçada e desvanecida Candida, presumia-se de *tentadora*, e ardia por *tentar* o senhor moço: immoral, viciosa e lasciva, apenas contida pelo medo, passava quantas vezes podia por diante d'elle, indo e vindo pela caza, dava-se pressa em acabar a costura que tinha em mãos para leval-a á Candida, quando esta conversava com o irmão, e não perdia ensejo de atravessar a sala, onde por acaze Liberato se achava só.

Uma noute em que Candida lia á sua mãe o formoso romance « *A cabana do Pae-Thomas*, » Lucinda, suppondo Florencio ainda

não chegado da cidade, onde ás vezes se demorava, e Liberato á fumar na sala de entrada, como costumava, para não incomodar Leonidia que aborrecia o cigarro, esgueirou-se sorrateira, e dirigio-se com sub-tis passos pelo corredor que hia terminar naquella sala; sentindo porém o sussurro de duas vozes, que em confidencia se entendião. parou á porta, e applicou o ouvido curioso e indiscreto de escrava.

E' regra que o escravo não receia expor-se, e daria alguns dias de sua vida para apanhar um segredo de seos senhores.

Lucinda escutou pois, tendo os olhos accozos, a boca entre-aberta, e abafando a respiração.

Florencio e Liberato conversavão em voz baixa sobre o dezejado casamento de Frederico e Caudida, Entre o pae e o filho não podia haver opposição de idéas em materia sobre a qual estavão ambos do mais perfeito accordo; em um ponto porem Liberato pareceo hesitar.

— Mas ainda faltão dous annos, meo pae !
dice-lhe.

— Que importa ? tua irmã tambem é ainda uma criança; respondeo Florencio.

— Perdão; mas por isso mesmo em dous

annos a cabeça de uma mulher criança pode um dia doudejar.

O amoroso pae abaixou ainda mais a voz e dice :

— Talvez tenhas razão; mas que remédio?... o casamento, realizado já, perturbaria ou impediria o complemento dos estudos do nosso Frederico; porque nem era rasoavel que elle levasse a noiva em viagem de laboriosas observações, nem, apartando-se della, ainda tão recentemente casado, poderia viajar e estudar com perfeita tranquillidade de espirito.

— E' assim, meo pae : e depois.... Candida nunca olvidará a sua educação e o seo dever..... nunca desobedecerá....

Florencio cortou a palavra ao filho.

— Conto com isso; mas em todo caso não admitto a idéa de casamento de minha filha, sem a livre e plena determinação da sua vontade: Frederico seria o genro da minha escolha; terei grande desgosto se elle não fôr meo genro; tudo porem depende do coração de Candida.

— Mas nem tudo deve abandonar-se á cabeça da mulher criança, meo pae.

— Sim.... sim.... e eu previnirei riscos possiveis.... tu pensas bem, e creio que não tenho sido bastante acautelado...

— Como?...

— Desde dous annos frequento demais o theatro da cidade, e não tem havido mez em que faltasse um baile em festejo de baptisado, de casamento, ou de commemo-ração de natalicio ou sob mil pretextos, para obrigar-me á levar Candida á sociedade...:

— Ah! tambem é preciso que ella se re-creie.... Candida não é freira.

— Mas a mim me cumpre ser mais pru-dente: eu o serei depois que vocês partirem para os Estados-Unidos.

— Meu pae desconfia de alguma incli-nação?... notou algum acto leviano?...

— Oh! não! juro que não; acudio Flo-rencio.

E logo começou entusiasmado á fazer o elogio da innocencia e das virtudes de Cândia.

Lucinda aproveitou o fervor do elogio para retirár-se pé por pé e sem ter sido percebida por alguem na traiçoeira escuta.

A mucama estava alvoroçada pela idéa daquelle casamento, furiosa contra o empenho de seos senhores, e meditando já sobre os meios de contrariar-o.

Meia hora depois, Lucinda atravessava pla-cida e alegremente a sala de jantar, onde

Florencio e Liberato acabavam de ouvir com Leonidia a leitura do ultimo capitulo da « *Cubana do Pae Thomaz.* »

Leonidia e Candida tinham lagrimas nos olhos.

Lucinda entrou no quarto de dormir de sua senhora, e d'ali poudo ouvir o que foi dito.

— Pois vocês chórão por isso? perguntou Florencio.

— Meu pae, dice Liberato; este romance concorreo para uma grande revolução social; porque encerra grandes verdades.

— Quaes, meu doutor?...

— As do contra-senso, da violencia, do crime da escravidão de homens, como nós outros que nos impomos senhores; as da privação de todos os direitos, da negação de todos os generosos sentimentos das victimas, que são os escravos; as da insensibilidade, da crueldade irreflectida, mas real, e do despotismo e da oppressão indeclinaveis dos senhores.

— Admiravelmente, meo doutor: o tal romance, bello presente que fizeste á Candida, e que eu já tinha lido, mostra e patentea o mal que os senhores fazem aos escravos.

— E muito mais ainda, meo pae...

— Embora; mas demonstra isso: e tu já pensaste no mal que os escravos fazem aos senhores? já o mediste, e o calculaste?...

— Consequencia do flagello da escravidão: as victimas se tornão algozes.

— E que algozes!...

— Que se quebre pois o cutelo! exclamou Liberato.

— E como? perguntou Candida.

— Banindo-se a escravidão, que nos desmoralisa; que é nossa inimiga natural, que nos faz mal em troco do mal que fazemos: porque o escravo condemnado á ignominia, dá o fructo da ignominia á sociedade que o opprime, e pune a oppressão, corrompendo o oppressor

— Basta: dice Florencio.

Liberato calou-se, mas com ar de triumpho.

E Lucinda que ouvira tudo da porta do quarto, murmurou com os dentes cerrados.

— E portanto... eu sou victima.

XVII.

A escolha do noivo de Candida, era questão de maxima importancia para Lucinda, pois que a ella se prendia naturalmente a do dominio de um senhor, e a do systema de vida em que sua senhora e tambem ella terião de submetter-se.

A mucama de Candida já conhecia Frederico, e o aborrecia pela completa indiferença com que elle havia mostrado quase ignorar a sua existencia.

As escravas tambem tem suas vaidades, embora torpes: são as vaidades que lhes concede a escravidão, torpes, como ella.

Além desse resentimento, que aliás abonava a moralidade de Frederico, o grave character deste, o seo proceder, as claras

disposições do animo circumspecto e frio, indicavão que o seo viver, seria como o seo character, modesto, zeloso de sua reputação, serio, e reservado, e que na sua caza a honestidade, a prudencia, e o sabio culto do dever, moderarião a impetuosa paixão dos gozos da vaidade de Candida, e por consequencia imporião ordem á familia, respeito aos costumes sãos, e não darião margem aos calculos de expansão libertina, e aos dourados sonhos de um dia *achar fortuna*, com que a mucama muito se preocupava.

O que convinha á Lucinda, era para sua senhora um noivo estouvado, libidinoso, extravagante e rico; era o chefe de familia desgovernando, na caza a licença aproveitando a desordem, e o desatino dos senhores facilitando a devassidão dos escravos.

Candida, entrando para seo quarto, leo no rosto da mucama annuncios de novidade.

— Que ha ? perguntou.

— Importante segredo, minha senhora.

— Dize-o.

— Querem cazar minha senhora, com o filho de seo padrinho.

— Devéras ? é commodo : sou poupada

ao trabalho de procurar marido; dice Candida negligentemente, sentando-se e offerecendo os pés, para que a mucama lhe tirasse as botinas.

Lucinda curvou-se, e enquanto descalçava a senhora e punha em seus pés mimosos, lindas chinelas de pellica bordada, reflectio sobre a indifferente frieza da resposta que recebera.

— Ah! minha senhora já sabia? ... mas sou capaz de apostar que ignora as condições....

— As condições? ... quaes são?

— Minha senhora que tem já dezeseis annos, hade esperar solteira mais dous... vale porém a pena....

Candida, que não se demorava em pensar no casamento com Frederico, ainda não tinha calculado com esse *sacrificio* de dous annos de espera.

Lucinda saboreou a impressão que produzira no espirito da senhora, o que acabava de dizer-lhe: logo depois proseguio:

— E como em dous annos, a cabeça de minha senhora póde doudejar, e onde ha mais perigo de endoudecer é nos bailes e nos theatros, já se sabe porque, logo que meo senhor moço e o Sr. Frederico torna-

rem a partir, minha senhora irá muito poucas vezes a taes divertimentos....

— Não entendi bem.... dice Candida, sentindo-se offendida.

Lucinda repetio palavra por palavra a sua traiçoeira informação.

— Tu gracejas, Lucinda! tornou a moça, fitando olhos brilhantes de colera no rosto da escrava.

— Uma palavra descuidada de minha senhora poderia ser-me fatal.

— Nunca te comprometti, e preciso do teu zelo, e dos teos serviços. Falla: diz-me tudo que sabes.

A mucama relatou a conversação de Florencio da Silva e de Liberato, azedando o que podia ser desagradavel á senhora, e esquecendo de plano a generosidade, com que o pae protestara respeitar e defender a plena liberdade de sua filha, na decisão do seo casamento com Frederico.

Candida, tendo os olhos pregados nos labios de Lucinda, escutou-a até o fim com os supercilios quase cerrados, e atormentando os dedos em nervoso aperto das mãos ontrelaçadas. Custava-lhe sobre tudo duvidar do amor de seo pae, acreditando nas combinações de prepotencia e imposição,

que a mucama deixava claramente entrever.

Grave, um pouco sombria e como suspeitosa a donzella perguntou:

— Onde meo pae e meo irmão conversarão assim?...

— Na sala da entrada.

— A que horas?...

— Logo que anouteceo.... as sete horas talvez.

— Póde ser... Liberato tinha ido fumar... eu ficára á ler... mas meo pae não tinha chegado ainda... e então?...

— Tambem eu pensava que elle não tinha chegado; dice irreflectidamente a escrava.

— Tambem tu?... pois sim: e d'onde ouviste a conversação?...

— Da porta que communica a sala da entrada com o corredor.

— E que tinhas ido fazer ao corredor?...

Lucinda não soube que responder, perturbou-se, tentou mentir e não poudé; quiz fallar e não passou de repettir:

— Eu hia... eu hia... eu hia...

Candida corou fortemente: comprehendera enfim o motivo que levára a mucama ao corredor, mas em vez de revoltar-se contra a petulancia viciosa da escrava, achou

sómente nella uma prova da veracidade da relação que acabava de ouvir.

— Que me importa o que foste fazer ao corredor!... exclamou.

— Minda senhora perguntava....

— Que me importa!...

E, levantando-se, Candida avançou um passo para Lucinda, e voltando-lhe as costas, dice-lhe:

— Despe-me.

A mucama estendia os braços, quando a moça tornando-se de frente, com rapido movimento, encarou-a de novo e perguntou:

— Não mentes?... o que dizes é verdade?...

— Eu juro que é verdade, e minha senhora hade exprimentar as provas do que eu dice, na vida que lhe vão dar.

Candida rompeo a rir.

— De que ri, minha senhora?

— Não vês que me dão dous annos?... ah, Lucinda! querem governar o tempo; e quanto tempo? dous annos!...

E, trocando sem explicavel transicção o rizo por seriedade pezada; pareceo começar á reflectir; logo porém levantou os braços e com as mãos desmanchou accelerada o penteado e dice á mucama;

— Despe-me: preciso dormir.

XVIII.

Tinhão chegado as festas do natal, os dias de jubilosa commemoração catholica, em que com as solemnidades da igreja docemente se apadrinhão os regozijos profanos, que principiando á 25 de Dezembro vão até 6 de Janeiro, e ligão assim em laços de flores o anno que cahe no passado e o que avança para o futuro, o anno velho que deixa desenganos e o novo que favonêa esperanças.

Esses dias do natal marcão a época mais alegre, e as festas por excellencia *da roça*: quem póde, foge das cidades; as povoações do interior e principalmente as fazendas e habitações ruraes, abrem o seio hospitaleiro e amigo, ás familias que vão gozar os en-

cantos, beber o ar puro da natureza campestre e esquecer por breve prazo o borborinho, a etiqueta fatigadora, a vida artificial, á que tem de voltar logo depois.

E' na roça o tempo das cavalgatas, e das romarias de fazenda em fazenda, para em serie de banquetes e de funcções, ser satisfeito o empenho de obsequios, que os fazendeiros disputão entre si, repartindo os dias para repartir a gloria da hospedagem festiva.

Florencio da Silva e Placido Rodrigues recebêrão, um em sua caza de campo, o outro na sua fazenda, familias amigas, vindas da Côrte a convite de ambos. Liberato e Frederico tivêrão em alguns antigos companheiros do collegio seos hospedes especiaes.

Com tres estudantes do curso juridico de S. Paulo convidados de Liberato viera tambem um joven francez de nome Alfredo Souvanel.

Como que a fatalidade, ou o destino aproximavão Souvanel de Liberato e Frederico: os dous mancebos tinham-se encontrado com elle pela primeira vez, havia dezoito mezes, em uma breve excursão que os levára á Suissa, á vizitar alguns azilos agricolas, e separan-

do-se no fim de tres dias, quando apenas se conhecião, de novo, passadas algumas semanas, se achavão reunidos com Souvanel no mesmo alojamento em Stuttgart, na Alemanha, onde seguião os estudos theoricos e praticos do Instituto Agricola de Hohenheim.

Ahi na capital do Wurtemberg estreitá-rão-se naturalmente as relações dos dous brasileiros com Souvanel, que se dizia proscripto politico, e que viveo vida vadia e alegre com os estudantes da escola agricola, até que ao cabo de alguns mezes e de repente, despedio-se dos amigos na mesma hora em que se partio, sem dizer para onde.

De volta da Europa chegando ao Rio de Janeiro em Novembro, Liberato e Frederico esbarrárão com Souvanel em companhia de amigos e antigos collegas seos, estudantes que vinhão de S. Paulo em ferias.

Alfredo Souvanel devia contar cerca de vinte e seis annos, de estatura regular, louro, de olhos scintillantes, era de aspecto agradável, bem talhado de corpo, apurava-se no trajar tanto, quanto lh'o permittião seos fracos recursos. Dizia-se bacharel em letras, tinha instrucção superficial, mas intelligencia facil, espirito, e genio alegre; jogava

com destreza o florete e a espada, atirava com admiravel precizão a pistola, e melhor que tudo isso, era habilissimo pianista, dispunha de excellente voz de baritono, tocava e cantava como tocão e cantão os mestres, que alem do perfeito conhecimento da arte, tem o segredo do sentimento que a sublimiza.

Pretendia elle ser uma das victimas do despotismo de Luiz Napoleão, e amigo particular de Louis Blanc; dizia ter sido activo collaborador de mais de uma gazeta em Paris, e fallava com enthusiasmo da França, e da republica socialista; adorava Lamartine poeta, e detestava-o politico; porque em sua opinião Lamartine sacrificára a revolução de quarenta e oito.

Souvanel se apresentára em S. Paulo á procurar discipulos de musica, e das linguas franceza e ingleza; ganhou porém muito mais com a recommendação de proscripto politico na sociedade dos estudantes, de quem astuto se aproximou.

Quem diz estudante, diz generosidade. Os academicos de S. Paulo protegêrão Souvanel, a victima do despotismo perseguidor e cruel, o martyr das idéas liberaes; estenderão-lhe as mãos da mocidade credula,

mas ainda nobre e grandiosa nessa credulidade, que testifica a magestosa incapacidade de hypocrizia e de perfidia, na insuspeita da hypocrizia e da perfidia: a mocidade; e na mocidade principalmente os estudantes academicos manifestão a nobreza e altitude de seos corações nas bellas illusões, em que se enganão com os homens e o mundo. Elles se enganão, porque ainda são melhores do que os homens e o mundo que os enganão.

Os academicos de S. Paulo adoptarão Souvanel: para disfarçar a beneficencia, derão-se a aprender o jogo do florete e da espada, pagando as lições que recebião, e em breve enthusiasmarão-se pelo joven francez, que era o mais alegrão, travesso, original, espi-rituoso e endiabrado companheiro de folganças.

Em poucos mezes Souvanel fallou portuguez, como se vivesse á vinte annos no Brasil, e chegadas as ferias, deixou S. Paulo, e acompanhou os estudantes que vinhão e lhe pagarão a passagem para o Rio de Janeiro, em cuja capital esperava melhorar de fortuna, como professor de piano e canto.

Os estudantes, amigos de Liberato, exaltarão os merecimentos de Souvanel, que alem

disso recommendado pelo infortunio, pela pobreza, e pela jovial convivencia de alguns mezes em S. Paulo, recebeo com aquelles, convite para passar as festas do natal na caza de Florencio da Silva.

O joven francez não se fizera rogar.

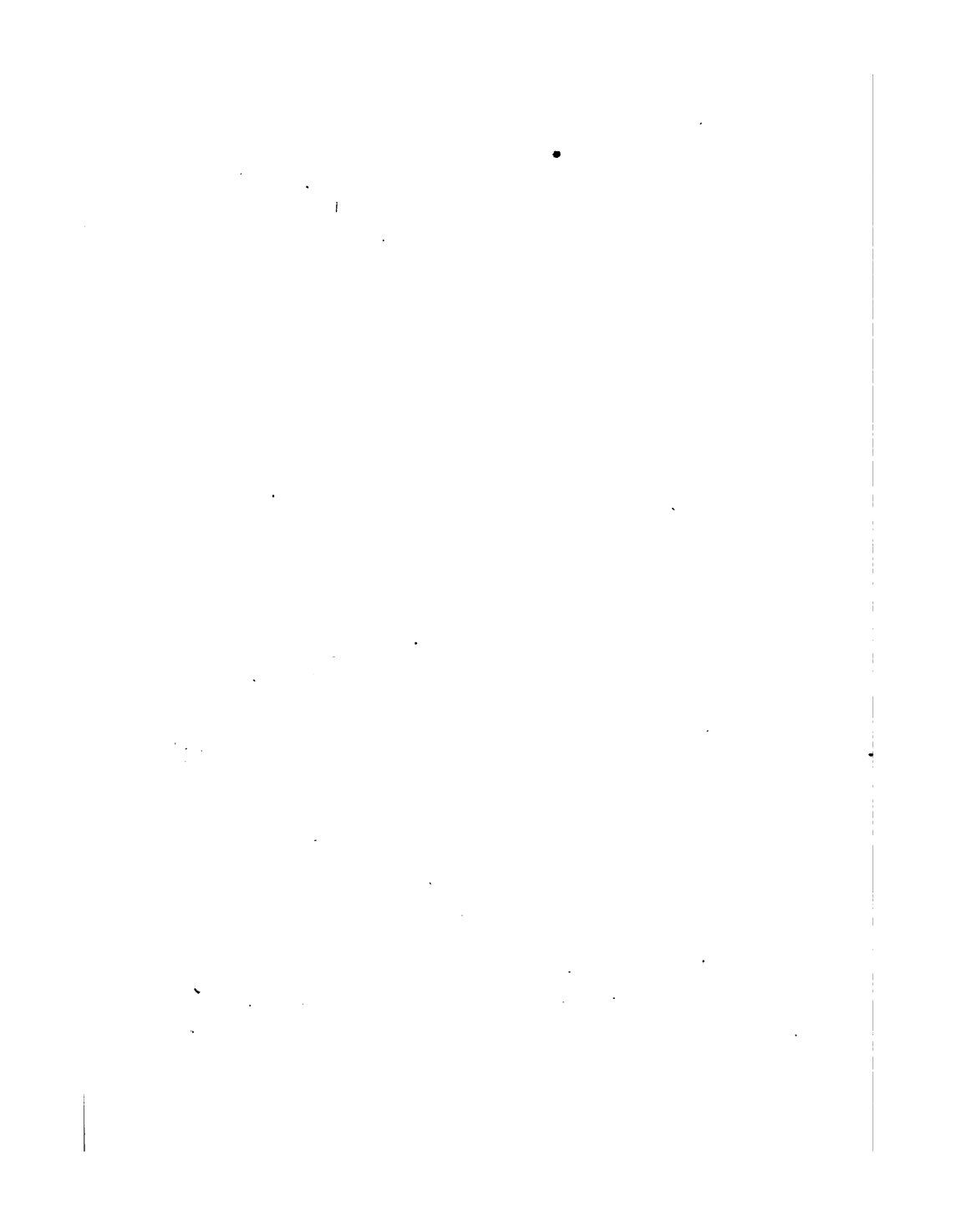
Bastarão poucos dias para que Souvanel se tornasse a alma das funcções do natal, na companhia em que se achava, jucundo, condescendente, infatigavel era o vivificador dos sarãos, o ordenador de contradanças variadas, o rei do piano, o interprete fiel das musicas de Bellini, de Donizette e de Verdi, nas arias e duetos de suas melhores operas; nas caçadas brilhava como o primeiro atirador, nas cavalgatas ostentava habilidade gymnastica, fazendo prodigios de equilibrio em pé sobre o sellim, ou aos saltos ao pescoço e á garupa do cavallo; á noute nos salões inventava jogos, lia a *buena-dicha* nas mãos das senhoras, e côm um baralho de cartas realisava proezas de empalmação, e de resoluções de problemas de calculo, que parecião inexplicaveis.

Souvanel eclypsou os proprios estudantes: onde hia, entregavão-lhe a direcção do banquete, do sarão, de toda festança: as senhoras o lisonjeavão para que elle as fizesse

dançar, cantar, brilhar ; os estudantes o atropellavão, exigindo os entretenimentos que mais lhes convinhão; os amphitriões o tomavão por arbitro e animador das amenas funcções; em suas mãos emfim estava o fio de Ariadna daquelle labyrintho de ruidosos mas innocentes prazeres.

Dir-se-ia que Souvanel, o indomito traquinas, o espirituoso, e alegre francez, sempre tão atarefado, tão exigido, tão distrahido, e por assim dizer multiplicado para attender e servir á tantas senhoras e senhores, não poderia ter tempo, olhos, contemplação, e talvez calculo para ver, distinguir, amar, ou fingir amar, alguma das muitas bellas jovens, que se reunião naquella sociedade festiva e ambulante, que andava de romaria de fazenda em fazenda.

Entretanto não era assim: logo nos primeiros dias, depois da sua chegada á casa de Florencio da Silva, Souvanel encetára amoroso enleio que se foi entretecendo imperceptivelmente para todos.



XIX.

Florencio da Silva tinha dado á seos hóspedes um dia para descanso da viagem antes de faze-los entrar na vida de festas e passeios; mas o joven francez era incansavel e tambem apressado em recommendar-se.

Acabavão apenas de levantar-se do almoço, quando Souvanel, vendo na sala um magnifico piano, correo á elle e executou de cór e com pericia magistral uma peça brilhante: depois, e em quanto o applausião, examinou os livros de musica, e exclamou :

— Quem canta estas musicas ? sem duvida mademoiselle.....

A pergunta e a observação erão como um convite para cantar : Florencio e Leonidia desejárão muito naturalmente, que o

notavel mestre apreciasse o talento musical de sua filha, que elles suppunhão cultivado com esméro.

Candida cantou, acompanhada ao piano por Souvanel, a aria final da Sapho.

O mestre para quem todos olhavam depois dos cumprimentos de cortezia, ou de sincero louvor, teve de enunciar o seu juizo de autorisada competencia.

— E' uma voz admiravel ! dice elle; uma voz suavissima e ao mesmo tempo volumosa, extensa e afinada !

Candida pareceo encantada do elogio.

— Não te desvaneças, Candida; acudio Liberato, rindo-se; repara que Souvanel encareceo sómente a tua voz, mas deixou de elogiar teu canto : póde-se ter boa voz, e cantar mal.

A donzella olhou para Souvanel, que perturbára-se ou fingira perturbar-se um pouco.

— Falle o mestre, e não o cavalleiro, que por cortez é menos franco; dice Florencio da Silva.

Leonidia instou, Candida pediu; Souvanel fallou.

— Com a voz que possui, e a pratica severa que tem do solfejo, mademoiselle em duas horas de estudo bem dirigido, cantaria.

esta mesma aria de modo á fazer acreditar, que é outra.

— Opéra esse milagre, Souvanel ! dice Liberato.

— Se mademoiselle quer perder duas horas.....

A experiencia conveio á todos.

— Esqueção-se de nós; porque o estudo é enfadonho, e esgota a paciencia.

Ninguem se afastou.

Souvanel comprehendeo todo partido que poderia tirar daquella exposição viva do seo methodo de ensino e extremou-se na lição : fez Candida repetir dez e mais vezes cada compasso, explicando nota por nota a idéa contida em cada uma, revelando os segredos da expressão e do sentimento, desde o gemido até o grito, desde o murmurio e o soluçar do *tremulo* até a perfeita segurança na graduação da tenuta, ensinando a respirar na occasião competente, e encher de ar as amplidões pulmonares para o arrojo vehemente das paixões em musica.

A bella discipula, rica de intelligencia e de voz, ávida de saber, vaidosa para mais ardentemente dezejar ser admirada, absorveo-se na lição, admirou o mestre, e ad-

mirou ao mestre ; porque no fim de pouco mais de duas horas, cantou com effeito a aria quase com perfeição, e, como Souvanel o dicera, de modo á fazer acreditar que era outra.

Souvanel acabava de fundar a sua reputação de mestre exímio.

E' claro que desde esse dia, sempre que as conveniencias da sociedade o permittião, antes ou depois dos passeios, na manhã, ou na tarde, que mediavão entre as folganças geraes, Candida tomava á Souvanel uma ou duas horas para preparar as arias que devia logo depois executar.

Mas Souvanel tambem cantou e fez *furor*.

Naturalmente as vozes quizerão combinar-se, diversas senhoras cantarão duettos com Souvanel ; Candida dezejou canta-los, e appellou para o mestre que se exaltava, achando na discipula uma adivinhadora dos segredos mais subtis da arte.

Raramente embora, Souvanel e Candida ficavam uma ou outra vez á sós no piano.

Em uma dessas occasiões o joven francez dice com fingido ou real enthusiasmo.

— Que voz ! penetra e fica no coração de quem a ouve !

Candida interrompeo o canto.

— Prosiga ! exclamou o mestre.

— Oh ! não ; respondeo a moça com enlevamento ; eu quero que a minha voz repita tres vezes ainda este *alegro*...

E ella o repetio tres vezes requintando a doçura e o sentimento que commovida e inspiradamente dava ao canto.

— Isto faz esquecer de que se vive na terra, e imaginar que se está no céu, ouvindo um anjo ! murmurou Souvanel.

— Anjo ! respondeo em voz baixa a imprudente donzella ; anjo ! como, se nem tenho azas para voar e fugir ?...

— Oh ! mas para mim, pobre proscripto, está tão alta, que nem posso chegar com os meos labios a seos pés !...

Nesse momento Leonidia se aproximava.

Souvanel apontou com o dedo o signal de um compasso e dice imperturbavel :

— Perfeitamente, mademoiselle ! agora aqui a respiração, e depois o sentimento contrahido pelo receio ; mas transpirando no tremulo, e preparando-se para a expansão sublime....

Não havia nem receio no sentimento do canto, nem tremulo na musica, nem expansão a preparar....

E todavia Candida não se mostrou sur-

prendida, e continuou a lição, improvisando um tremulo mal cabido, que Souvanel não corrigio.

A filha enganava a mãe.

O mestre começava a enganar a todos.

XX.

Em outra lição, e em outros breves momentos de liberdade, Souvanel mostrando um terno e doloroso pensamento da inspirada *Favorita* de Verdi, sorrio docemente e dice malicioso a Candida.

— Deixe sahir o coração na voz gemente.... gema com o coração nos labios....

— Arreceio-me.... balbuciou a discipula.

— Porque ?

— O coração exposto assim ?... e se m'o roubassem ?

— Ah ! mademoiselle ! por mim eu seria ladrão de consciencia.

— Como ?

— Para não deixal-a pelo roubo infalli-

vel com o peito vasio, pediria de joelhos a gloria de uma troca de corações....

— Não entendo bem esta musica; dice Candida, sorrindo meigamente.

E sem duvida para conter no ponto a que tinham chegado, as finezas que o mestre lhe dizia, cantou; mas cantou com apuro de ternura, e com verdadeira ou bem simulada commoção, a musica tão repassada de sentimento da *Favorita*.

Para tanto ouzar, ouvir e dizer, era evidente que andava já adiantado o galanteio entre Souvanel e Candida.

A musica arrebatava a alma, embriagava os sentidos.

Não ha seductor mais perigoso do que um mestre desmoralizado, e entre os mestres capazes de tentar seduzir o mais perigoso é o de musica e principalmente o de canto; porque elle ensina as fallas que fallão ao coração, arrebatão a alma e embriagão os sentidos.

Souvanel achara Candida bonita, e, tendo logo razão para julgar-a romanesca, acreditou-a susceptivel de deixar-se apaixonar, vio nella um calculo de futuro, e medio as vantagens materiaes que esperavão ao genro de Florencio da Silva. Para elle não podia ser isso obra de prompta reflexão: estran-

geiro mal conhecido, com a sua vida passada em nuvens de duvidas, sem garantias da honra do seu nome, sem fortuna, sem abonador de sua moralidade, á principio nem concebeo a idéa de possibilidade de casamento e apenas por distracção explorou a sensibilidade, e brincou com o coração da que suppunha simples e inexperiente moça da roça; mas á medida que Candida namoradeira, parecia fraquear deixando-se arder em flammæ de amor, o joven francez exaltava suas esperanças e pouco a pouco foi chegando ao calculo, do que na propria consciencia, julgando impossivel, não se atrevêra á imaginar nos primeiros dias.

Egoista e frio especulador, descrente em religião, alheio ás noções do dever, desdenhando dos brasileiros em refalsado segredo, ambicioso de riqueza, escondendo nas dobras do agrado perfido, nas artimanhas da docilidade, da condescendencia, das magias da musica, nas têas subtis do espirito vivo e travesso a baixa urdidura da lisonja, da adulação, do servilismo, para achar protectores, ganho mais facil e fundamento de fortuna, Souvanel não hesitou em abusar da confiança de seus hospedes, em esquecer os favores que recebera de Liberato; mas cau-

teloso, dissimulado, traiçoeiro, laborou no mysterio de rapidas e fugitivas provocações de amor, de confidencias velozes de apaixonado extremo, e de paciente, lenta e habil propinação do veneno da seducção.

Souvanel não sabia que fallava, não á sensibilidade, mas ao resentimento e ao desvario de Candida, no ensejo mais opportuno e favoravel.

Desde a noute em que Lucinda repetira á sua senhora com fallaz inexatidão, o que haviam conversado Florencio da Silva e Liberato sobre o projecto de casamento, Candida se tornara suspeitosa das intenções de sua familia, revoltada contra a idéa de oppressora privação dos sarãos e dos theatros, e disposta á resistencia e á opposição á vontade de seos paes.

Desconfiada de todos e de tudo, reparára e observára com animo prevenido; seo pae e sua mãe não lhe fallarão de Frederico e continuárão sempre á abysma-la, como dantes, no diluvio das delicadezas do mais estre-mozo amor; Liberato porém, discorrera por mais de uma vez em sua presença, atacando a inconveniencia dos bailes frequentes, para uma donzella modesta e recatada, e ferira com exagerados sarcasmos o thea-

tro ruim, grotesco, e immoral da pequena, mas já rica cidade de....

Ouvindo Liberato, Florencio da Silva e Leonidia tinham defendido fracamente, e deixado condemnar sem protesto, as duas arenas onde triumphava esplendida e maravilhosa a formosura de sua filha.

Candida ouvira, o que chamava sermões de Liberato, com desprezadora indiferença silenciosa, que admirava á seos paes; ella porém ouvia com a revolta n'alma, reconhecendo nas observações de seo irmão a verdade das revelações da sua escrava.

Candida em impulsos de reacção detestou, ou pensou detestar Frederico, e jurou a si mesma que jámais consentiria em ser sua esposa.

Em dous annos de sacrilegio do sentimento, em dous annos passados em fingimentos de amor, em tolerancia, provocações, e pratica indesculpavel de dezenas de namoros, Candida conservara o coração livre e como inhospito do sentimento que absorve a vida da mulher: dir-se-ia que o habito de fingir lhe embotara o sentir. Até os dezeses annos não tinha amado; nem um só mancebo, nem o mais bello dos seos namorados conseguira atear o fogo em sua alma enregelada.

Candida tinha vontade de amar, dezejo louco de experimentar esse sentimento que perturba a razão, põe em incendio o coração, escravisa uma, desatina outro; lêra já em vinte romances dos melhores autores a philologia e a autopsia do amor, e ella não o conhecia ainda, como o aprendera nos romances; dezejava amar e não amava.

Suspeitando, acreditando emfim, que seos paes querião impôr-lhe em Frederico um marido, e que nesse empenho planejavão rouba-la ao culto dos seos adoradores, por instinctivo incitamento de resistencia e de opposição dezejou ainda mais amar, e não amava!...

Candida não amava; porque em vinte ou trinta thurificadores que queimavão incenso á seos pés, ella que recebia as thurificações de todos, quando procurava distinguir um entre tantos, esquecia vinte nos gelos da indifferença pelo demerito delles, confundia dez no pezo igual do merecimento, e nunca chegava a preferencia de um só, marcado pela escolha do coração.

A namoradeira tinha almejado amor de-véras por tresloucada curiosidade, e passára finalmente a almejar ainda mais, á querer,

á pedir ao céo esse captiveiro d'alma por vingança da supposta oppressão.

Foi nesse estado de espirito, nessas circumstancias determinadas por injustas prevenções, nesse doudo empenho de amar, que Souvanel se mostrou aos olhos, aos ouvidos, e ao coração aberto de Candida.

XXI.

A chegada dos hospedes de seo pae e de seo irmão, e no primeiro dia que foi como que de apresentação dos estudantes e do joven francez, que não erão conhecidos da familia, a figura de Souvanel não produzio impressão sympathica nem antipathica no animo de Candida; claramente porém, agradarão-lhe mais os academicos, cuja posição era definida: o estrangeiro recommendado só por suas habilitações de pianista e cantor, pareceo-lhe antes um recurso para divertir a sociedade, do que um amigo trazido como igual para o seio della, e esta consideração o amesquinhou á seos olhos.

A primeirn lição tornou Souvanel interessante: a vaidosa moça attendeo ao en-

sino sem attender a pessoa do mestre, e reconhecendo que muito podia ganhar com as explicações do insigne professor, lisongeou-o, ameigou-o, sem idéa alguma de merecer-lhe cultos, e só para mais condescendente acha-lo, sempre que lhe pedisse o favor de alguma lição.

Mas Souvanel cantou, e sua voz era como o sentimento, deslizando suave como arroio murmurante, ou troando impetuoso, como a catadupa despenhada: era impossivel deixar de olhar o homem que cantava assim, e Cândida vio no rosto e nos olhos de Souvanel todas as doces flammæ, e todas as lavas abrazadoras da paixão.

Na segunda lição o mestre explicou as notas, os compassos, o andamento, as modulações da voz que devião exprimir amor, e o fez com eloquencia tão viva e insinuante, que a donzella começou á sentir alguma couza de novo em seo coração, ouvindo Souvanel, e ainda leviana, explicou certo pendor que a inclinava para elle, pelo seo costumado empenho de avassallar sempre novos adoradores; dezejou ser cortejada e requestada por esse mancebo, que sabia fallar tão doce e fervorosamente de amor, e, insensata, deixou ver o primeiro

sorriso e ouvir a primeira palavra, que não sendo provocação manifesta, autorisárão com tudo louvores, á principio apenas ternos, logo depois mais palpitantes de affectuoso interesse, e enfim annunciadores francos de galanteio, ou de amorosa chamma.

Candida deixou-se amar e animou com seos gracejos maliciosos o mestre nos momentos em que ficava á sós com elle e embeveceo-sé nesse enleio, que se lhe afigurou simples namoro, como tantos outros, mais delicado e romanesco, porem, por se esconder medroso no encanto do mysterio.

Souvanel, encorajado, desenvolveo com arte consummada, todos os ardiz e todos os laços da seducção: poucas palavras bastão para mostrar os immensos recursos, o poder temivel, e a victoria muitas vezes facil da mais perigosa das seducções; escreveremos éssas palavras que á muitos podem parecer até ridiculas e que entretanto revelão seria observação: *Souvanel seduzio pela musica, e fez-se amar pela musica.*

Dez dias depois da sua chegada á caza de Florencio da Silva, Candida cantou com Souvanel, na fazenda de seo padrinho, o bellissimo e amoroso dueto de *Torquato e Eleonora* da opera de Donizette, e em seo

transporte de fiel interpretadora daquella admiravel e apaixonada musica, desfez-se em lagrimas de indizivel enternecimento.

Acabando de cantar, a donzella fugio aos applausos, correo para a sala do *toilette*, e atirando-se sobre um sophá, murmurou tremendo:

— Meo Deos! que homem!

Candida acabava de reconhecer que amava perdidamente Souvanel.

Algumas senhoras chegarão, procurando a bella cantora, á quem abraçarão.

— Cantou, como nunca, D. Candida! cantou á fazer chorar!...

— Tambem eu chorei....

— E' explicavel.... a commoção.... a sensibilidade....

— Sim; foi isso; dice Candida melancolica e pensativa; é isso; aquelle dueto faz um bem que parece mal.

Quando as senhoras voltárão á sala, trazendo a fugitiva e triumphante cantora, todos a cumprimentárão e a applaudirão de novo, todos, menos um unico cavalleiro e amigo, menos Frederico, que grave e pensativo se fôra debruçar á uma janella.

Liberato foi bater no hombro de seo irmão-colaço:

— Em que pensas, intempestivo philoso-
pho ?..

Frederico voltou-se e respondeo :

— Occupava-me em resolver um problema.

— Ao diabo a geometria e o calculo !
vamos dançar.

— Tens razão, Liberato ; dancemos.

E Frederico avançou até o meio da sala,
e, batendo palmas, chamou pares para uma
contradança.

Souvanel dirigio-se logo ao piano.

— Deixa o piano, Souvanel; dice Frede-
rico: tu quase nunca danças; agora quero
eu tocar.

Souvanel tomou parte na contradança; mas
Candida não foi o seo par, nem dançou
defronte delle, e nem o joven francez e ella
se olhárão.

E Frederico tocou; preocupado poreu,
com a resolução do seo problema.

XXII.

Frederico amava Candida: o seo amor era uma sublime mistura de dedicação fraternal e de paixão de amante extremoso: o seo amor era um monumento, em cujas bases entravam Leonidia, que lhe dera o leite de seos peitos e o cuidado maternal de seo berço, Leonidia, sua segunda mãe; Florencio da Silva, que na sua infancia o igualára á Liberato, no zelo da educação e nas caricias; Florencio da Silva, seo segundo pae; Liberato, seo irmão colação, seo irmão na escola, no collegio, e no coração; Candida, menina, a idolatria de seos innocentes amores de irmão mais velho, Candida moça, a belleza peregrina e a celeste virtude, que devia e podia fazer-lhe da vida paraíso.

Frederico amava Candida com o mimoso culto da gratidão, com o nobre culto da virtude, com as puras magias da infancia, com as poesias da mocidade, com as flammaz ardentes do amor que inspira a formosura.

Era um amor em que se identificavão tolos os grandes amores do homem.

Em Frederico, tinha Candida dous energicos e poderosos amores, o amor do coração e o amor da razão, ambos igualmente fortes e generózos pelo character do virtuoso mancebo.

Frederico sabia que era desagradavel de figura e receiava por isso não ser amado por Candida: esse receio atormentava-o: ver Candida amante e esposa de outro homem, era a apprehensão de uma noute perpétua na sua vlda; mas para elle, o sacrificio da filha de Leonidia e de Florencio da Silva, da irmã de Liberato, da sua amada menina da infancia, o sacrificio de Candida sua esposa, por obediencia e sem amor, era um crime de ingratição, um sacrilegio que lhe tornaria a vida peor do que noute perpetua, remorso perpetuo. Elle sentia-se capaz de defender o coração de Candida contra si, embora perdido para si esse co-

♦

ração, o mundo se lhe antolhasse insupportavel.

Na grandeza e na generosidade do seo amor, o prudente mancebo não se confundira com os indiscretos apaixonados, que dão em espectáculo a donzella que amão, obrigando-a á publica ostentação de affectos que ainda não tem a sagração que os autorisa á face da sociedade, nem em suas conversações com a adorada moça, offendêra a santidade do seo sentimento, procurando exprimi-lo e faze-lo sentir por meio desses ademanes artificiaes e vulgares, e dos discursos bombasticos e do diluviu de juraamentos, que são a eloquencia sublime dos namoradores de officio e dos namorados ridiculos.

Zeloso porém, anhelante e completamente captivo dos encantos de Candida; Frederico a acompanhava de continuo com os desvelos do coração, com a vigilancia do receio, e com aquella visão do espirito que acha luz nas proprias sombras do disfarce, e penetra os véos da dissimulação, adivinhando a verdade escondida.

Assim foi que antes de todos, suspeitou elle do galanteio ou do amor nascente de Candida e Souvanel: não podia dizer qual era o fundamento real da sua suspeita; mas

em seu animo como que presentia galanteio ou amor naquellas lições de canto, na atmosphera que cercava o mestre e a discipula, e na propria serenidade que ambos affectavão.

Frederico quiz duvidar; mas a suspeita o perseguia indomita. O dueto de *Torquato Tasso* veio indiciar nas lagrimas de Candida, o sentimento que ella já abrigava no coração.

O nobre e amoroso mancebo, tocava quase á certeza do seo infortunio; nas ancias tormentosas do seio, cavou silencioso a sepultura do seu magnifico amor; soffreo como soffrem as grandes almas; reflectio porém, ou Candida amava realmente Souvanel ou se prestava á comedia sacrilega do fugimento de transportada paixão: em ambas as hypotheses era lamentavel a levandade com que a donzella se comprometia, prendendo-se ou simulando prender-se á um estrangeiro, cujo passado ninguem esclarecia, e cuja moralidade se patenteava negativa por essa mesma solicitude amorosa, que era ingrato abuso de confiança: em ambas as hypotheses portanto, Candida perdera muito na estimação que lhe merecêra: na segunda hypothese, não podia mais ser

sua noiva, pois que nunca tomaria por esposa, quem tão facil se abandonava á indignidade do galanteio: na primeira do mesmo modo o seo casamento se tornára impossivel, pois que outro homem enchia com a sua imagem e suave dominio a alma dessa mulher que elle tanto adorava.

Que lhe cumpria fazer?... fugir de Candida, apressar sob qualquer pretexto sua viagem para a America do Norte?... Frederico repellio essa idéa: á força de muito reflectir e talvez ainda tendo o seo amor agarrado á uma tenue esperanza, pensou que bem podéra o ciume ter illudido o seo espirito, inventando o que não existia, e calumniando innocente donzella: e quando tudo fosse verdade, quando a paixão mais louca estivesse incendiando o seio da pobre moça, elle tinha o direito de não a querer mais para sua noiva: tinha porém o dever de velar como amigo, pela filha de Leonidia, sua segunda mãe, pela filha de Florencio da Silva, que em seus primeiros annos lhe fizera as vezes de pae extremoso, pela irmã de Liberato, seo colação, e seo fiel amigo.

Nesse melindre de sensibilidade, nessa poetica aspiração de pureza, de angelica virgindade de coração na mulher com quem

tivesse de casar-se, nessa grandiosidade de sentimentos que lhe impunhão o religioso dever de dedicar-se ainda á Candida, como amigo, depois de senti-la amesquinhada na sua estima, Frederico obedecia ás inspirações de sua natureza heroica, e á virtude de seo grave e admiravel character.

Amando extremosamente Candida, reconhecia-se capaz de toma-la pela mão, e de leva-la ao altar, para ahi ver com os seus olhos o sacerdote abençoar os laços de sua união com outro homem, que fosse digno della, e por ella amado. Na immensa dôr desse sacrificio, acharia consolação na felicidade de Candida, e, lamentando a propria desdita, seria amigo leal do esposo da filha de Florencio e Leonidia, e da irmã de Liberato.

Mas Souvanel quem era?... que homem era?... Frederico tambem se relacionára com elle na Allemanha; nunca porém o honrára com a sua confiança, e mais de uma vez dicera a Liberato, que a pretendida proscripção politica, podia ser tão real, como embusteira, e que no supposto proscripto havia a decifrar um inigma, ou de homem exaltado, mas honesto, ou de especulador sem consciencia.

O especulador sem consciencia, principiava á revelar-se á observação de Frederico, que ainda querendo duvidar, porque amava, e convencer-se até a evidencia, porque era prudente e justo, depois de triste e longa noute de reflexões, resolveo esperar, ver, e friamente assegurar-se, e ser senhor do fatal segredo, que o ciume lhe tinha já revelado.

Frederico não precisou esperar muito.



XXIII.

As festas, os banquetes, os saráos, não terminavão, apenas se interrompião.

Florencio da Silva tomára para si dous dias, os ultimos das grandes commemorações religiosas, a vespera e o Dia dos Reis : os ultimos e por tanto os mais ardentes de alegria, os precusores da despedida dos amigos, das familias, que se devião separar.

A caza de campo de Florencio da Silva estava cheia de convidados, que devião gozar dous dias de banquetes e de saráos, e á noute da vespera do Dia dos Reis, fogo de artifício ás onze horas, e mais tarde recebimento de companhia cantadora dos Reis que se annunciára.

Era geral o jubilo, e como que havia delirio de exaltação.

Entre todos, só Frederico melancolico se obumbrava, embora ás vezes revoltto contra a propria tristeza, em reacção calculada, se atirasse com ardor não costumado ás contradanças, e aos jogos espirituosos de sociedade.

A noute de 5 de Janeiro se adiantava no meio de innocentes folguedos.

Annunciou-se a hora do fogo.

As janellas erão apenas sufficientes para as senhoras: quase todos os homens descêrão para o terreiro.

As diversas peças de fogo dispostas com arte, ião arder em pontos destacados, projectando enchentes de luz sobre o jardim, o lago, os repuxos d'agua, as arvores e a relva.

Havia multidão de curiosos, enchendo as ruas da grande chacara.

Frederico preocupado e melancolico, logo que chegou ao terreiro, afastou-se dos companheiros e foi para um lado da caza, onde o isolamento era mais certo, porque d'ali menos se apreciaria o fogo.

Nesse lugar de passageiro retiro, vio elle grande numero de carros, descansando no chão os varaes: os cocheiros e lacaios tinham ido admirar o fogo, em ponto mais favora-

vel: um unico pagem ali se deixára; esse porem dormia profundamente em estado de completa embriaguez.

Frederico vagou pensativo por entre os carros por algum tempo: de repente a luz de brilhantissimo fogo inundou o espaço, e o mancebo que parecia aborrecido da festa, abriu a portinhola de uma carroagem, subio para ella, e cerrando as cortinas, submergiu-se em suas reflexões.

Passados breves minutos, duas vozes a principio abafadas e logo mais livres se fizeram ouvir ao pé da carroagem, e arrancão Frederico ao seo triste meditar.

— Podemos fallar...

— Vê bem...

— Todos estão vendo o fogo e eu tambem quero ir ve-lo: anda depressa: Entregaste a carta?...

— Entreguei.

— E a resposta?...

— Minha senhora não quer escrever...

— Então sinha-moça não gosta do francez?

— Está douda por elle: nunca se mostrou tão cahida com os outros namorados que tem tido: agora sim, creio que minha senhora cahio no laço.

— E como não escreve?...

— Não tem tempo, não pode.

— Que diabo! o francez tinha-me promettido boa molhadura.

— Espera... eu tenho um recado.

— Vamos a elle, Lucinda; eu quero ver o fogo.

— Dize quanto antes ao francez, que apenas entrarem os cantadores dos Reis aproveite a confusão e vá immediatamente ao gruppó de acacias do lado esquerdo do jardim, onde alguém lhe irá fallar alguns instantes.

— Lucinda! exclamou o pagem; isto é o diabo! pois sinha-moça se atreve..... e depois?...

— Que te importa o mais?...

— E nós? se meo seêhor souber?... se o francez....

— Guarda tu segredo: vai depressa..... o francez te dará a molhadura, e eu amanhã te darei um abraço.....

O pagem rio-se, fez a Lucinda um affago obsceno, e seguiu por um lado, em quanto a mucama de Candida retirava-se por outro.

Frederico estava quase suffocado dentro da carroagem, faltava-lhe o ar, abriu a portinhola, saltou no chão, e ficou em pé e immovel por algum tempo.

Com a mão agitada por convulsivo tremor, acudia a fronte, como querendo com o passar e repassar dos dedos, desbastar a multidão de turvas idéas que ondeavão nella.

Frederico nunca se preceptitava: sentia-se possuido de indignação e de cruel responsabilidade. Acabava de testemunhar o despedaçamento da reputação de Candida pelas linguas-punhaes ervados, de dous escravos: acabava de saber que a donzella que amava, e tão recatada presumira, já era conhecida por namoradeira, já tinha tido diversos namorados, já se aviltára, abandonando-se a má fama, que as bocas peçonhentas da cozinha e das sensalas, sem duvida propalavão; acabava emfim de ouvir um recado abjecto, pelo qual Candida matára a honra de sua alma, e expunha á morte a honra do seo corpo.

O nobre mancebo descrêo do brio de Candida, e julgou-se ao menos curado, de um amor immerecido e que pudera ter-lhe sido fatal. A desestima, talvez o resentimento, aconselhavão-lhe com o desprezo o completo abandono dessa mulher indigna; essa mulher porem, era mais do que filha de Florencio da Silva, mais do que irmã de Liberato, mais do que afilhada de seo pae,

era filha de Leonidia, á quem Frederico amava com extremo, com uma espécie de religioso culto, com aquella dedicação, com aquelle devoto esquecimento de si, que acendem a flamma que sublimiza a fé dos martyres : Frederico adorava em Leonidia a mãe, a bondade, e a virtude.

Só por Leonidia, elle ainda pensou em Candida: os erros do passado da desastrada moça, erão factos e não podião ser prevenidos: o perigo tremendo á que ia expor-se ainda felizmente estava em tempo de se atalhar; mas de que modo?... a denuncia da vergonhosa entrevista, sendo feita a Frederico da Silva e a Liberato, chegaria á provocar imprudente desaffronta; levada ao coração de Leonidia, seria horrivel desencanto de sua gloria maternal: nada era mais facil do que impedir por qualquer meio o encontro escandaloso dos dous amantes nessa noute, nada mais difficil do que preveni-lo em alguma outra, fallar á Candida, esclarece-la sobre a baixeza e o escandalo do seo proceder, fôra talvez o alvitre mais sabio; repugnava porem á Frederico o dirigir-se áquella moça de coração estragado e de bello rosto hypocrita.

Espiar, era para o honesto e altivo man-

cebo acção ignobil, e todavia nas circumstancias em que se achava, não vio expediente capaz de satisfazer seo empenho de poupar tormentos á Leonidia, desforço violento á Florencio da Silva ou a Liberato e perdição irremediavel á Candida, senão surprehendendo os dous amantes na entrevista, punindo com a confusão a donzella, e impondo a Souvanel prompta, e immediata retirada da caza, que ameaçava com a ignominia.

Tendo assim pensado e resolvido, Frederico sahio do meio dos carros, e voltou á companhia dos amigos, no meio dos quaes encontrou Souvanel que lhe pareceo exaltado de jubilo.

O fogo de artificio terminou com applausos estrondosos.

Meia hora depois a cavalgata dos cantadores dos Reis parou á porta da caza de Florencio da Silva.

Frederico sahio desapercbidamente, foi direito ao grouppo de acacias, e submergió-se em um grouppo de outros arbustos, que perto se destacavão.

XXIV.

Havia luar: em falta do clarão brilhante da lua plena, o começo da phase crescente espancava as trevas. Frederico podia ver, e ávido olhava.

A musica dos cantadores dos Reis soava docemente. Frederico não a ouvia, tinha então a alma concentrada nos olhos.

Uma mulher appareceo, avançou sem medo, e cruzando os braços, parou atraz do gruppó de acacias.

Frederico vio, distinguio bem essa mulher: era uma negra.

Alguns minutos morosos se arrastárão, e veio vindo cauteloso, e como tomado de receios o vulto de um homem, que estacou diante da mulher de côr preta.

— Quem é?... perguntou em voz baixa o homem que chegára e surprehendido ficára. Frederico reconheceo Souvanel.

— Sou Lucinda, a mucama da senhora dona Candida, minha senhora.

Frederico reconheceo tambem pela voz a escrava, que pouco antes dera o recado ao pagem.

— Ah! dice Souvanel com um tom que denunciava o mais desagradavel desapontamento; ah! então és tu?...

— Sim senhor, sou eu.

— E á que vens? trazes-me algum recado?

— Não senhor, trago-lhe um conselho.

— Qual?

— Minha senhora o ama; mas vossa merce a compromette, confiando os segredos do seo amor á um pagem: deve entender-se comigo, que sou a mucama de minha senhora, e á quem sirvo com a maior fidelidade....

— Mas.... eu não sabia....

— Fica sabendo agora; tornou a creoula rindo-se, e aproximando-se a meios passos e com meneios lascivos do corpo á medida que fallava; eu sou apenas um anno mais velha que minha senhora, que me confia

todos os seus segredos, e me toma por conselheira... se porém o senhor prefere o pagamento...

— Oh! antes quero a ti que és mais esperta; dice Souvanel, pondo-lhe a mão no hombro.

Lucinda recuou, como a defender-se.

— Não me toque com a mão; murmurou ella.

Souvanel chegou-se para a creoula e perguntou :

— Foi dona Candida que te mandou aqui para te entenderes comigo sobre a correspondencia e o segredo do amor que...

— Foi... não foi... para que mentir?... fui eu mesma que vim...

O joven francez rio-se.

— Quer dar-me algum recado para minha senhora?... dice a creoula, abaixando a cabeça.

— Quero; respondeu Souvanel; escuta.

E travando-a pelo braço, achegou-a mais para si.

Frederico tinha já ouvido e visto bastante, e repugnando-lhe a scena que adinhava; recuou subtil por entre os arbutos e arvores, e foi procurar occulta retirada em rua distante, quase applaudindo a victoria libidinosa da negra escrava, pela

deliciosa convicção da innocencia de Candida, naquelle ajustado encontro, em que elle tão injustamente a acreditára desmoralisada e voluntaria victima.

Fazendo longa volta para tornar á caça, Frederico demorava o passo, meditando sobre o que se passára a seos ouvidos e a seos olhos desde a hora do fogo.

Eis ahí pois, pensava elle, uma escrava, perversa e devassa como todas as escravas mais ou menos o são, compromettendo o nome e a reputação de uma donzella, sua senhora, para attrahir um homem branco, e satisfazer seo vicio escandaloso; o pagem que levou o recado a Souvanel, convidando-o para a entrevista nocturna, sem duvida imagina sua *senhora moça* nos braços do seductor, e irá murmurar de seo opprobrio, conversando com os parceiros, promptos como elle, a acreditar na infamia que póde manchar os senhores.

Mas que muito era, que o pagem rude e immoral, deixando-se enganar pela mucama, tão facil criminasse sua *senhora moça*, se Frederico, o reflectido e illustrado mancebo igualmente a considerava culpada?... Que juizo estaria elle tambem formando de Candida, se levado pela indignação que lhe

causára o recado, que da carroagem surprehendera, houvesse logo partido para a fazenda de seo pae, fugindo á caza e á familia, que não receber a nodoa da deshonra?...

Frederico sentio-se mordido pelo remorso de sua credulidade aleivosa, tremeo, lembrando que em sua alma illudida calumniára Candida, o seo primeiro amor, a sua aspirada noiva, a filha de Leonidia: impellido pelo arrependimento para idéas suaves, risonhas, e lisongeiras relativamente á donzella, perguntou a si mesmo, se não era possível que tambem se tivesse enganado, suppondo-a namorada, ou apaixonada de Souvanel; se não era possível que a malvada mucama, fingindo levar a sua senhora os recados e cartas que de Souvanel trazia o pagem, inventasse respostas verbaes, e entretivesse o ingrato francez em illusões que convinhão á sua depravação.

Aditado por esses pensamentos, filhos de generosa reacção, Frederico subio a escada e penetrou com difficuldade na sala da entrada que estava cheia de gente, que acompanhava os cantadores dos Reis.

Agora é indispensavel dar em breves palavras a topographia de parte da caza de Florencio da Silva.

A sala de entrada mediava entre duas outras lateraes e muito maiores, para cada uma das quaes abria uma porta, e no fundo communicava-se com um corredor, que tambem rasgava portas para vastas camaras, dependentes daquellas duas salas, terminando enfim na de jantar.

O grande salão do lado direito e suas dependencias, tinham sido destinados á hospedagem, e defezo retiro das senhoras.

O salão do lado esquerdo pertencia á dança, á musica, a reunião geral, á todos: suas dependencias, suas camaras que erão salas ornadas com riqueza, e luxo, estavam entregues ao dominio masculino.

Cada salão tinha duas camaras, e para cada camara uma porta.

Frederico, animado, alegre, não podendo entrar no salão do lado esquerdo, onde dançavão suas contradanças figuradas os cantadores dos Reis, avançou pelo corredor, e foi procurar o recurso da introduccão pela primeira e respectiva camara.

Tinha apenas dado um passo para dentro da camara, e parou, annuviando a fronte: eis o que vio.

No salão a dança, o aperto da multidão, a hora da surdez e da cegueira de todos

pelo excesso do ruído e da luz, a camara deserta, um só homem nella, Souvanel meio escondido a um lado da porta aberta por metade; na metade aberta da porta uma cadeira fechando-a, nessa cadeira Candida reclinada negligentemente, com o rosto para o salão e para a dança, que ella sem duvida não via, com um braço atirado para traz, descansando a axilla no encosto da cadeira, e abandonando a mão á Souvanel, que a apertava entre as delle, que meio curvado a beijava e que entre os beijos lhe dizia mil finezas.

Frederico revoltou-se, vendo essa branca e mimosa mão de donzella á receber os apertos das mãos, e os beijos dos labios que pouco antes tinham apertado, e talvez em transporte brutal beijado as faces da negra torpe.

O amor de Souvanel e Candida era pois uma realidade!...

O generoso e altivo mancebo não poudé mais resistir á evidencia, e profundamente golpeado, despedaçado em todas as fibras do coração, ficou á olhar, e a saborear vingança naquelles fingidos extremos de paixão de Souvanel, que erão cansados restos da vida physica, extenuada nos braços deshonestos e

negros da escrava, que era rival da senhora.

Candida tinha os olhos na dança, e a mão febril e tremula perdida nos lascivos beijos de Souvanel: este contava de mais com a solidão da camara, e embevecido, esquecia o mundo e a prudencia á devorar aquella mão tão branca e tão setim, e á dizer envenenadas ternuras, quando não a beijava.

Frederico ciumento, invejoso talvez, com a alma em raiva adiantou alguns passos, chegou quase ao pé das mãos, que se apertavam, e não foi sentido....

Esse abandono, essa imprudencia, essa embriaguez, essa cegueira e surdez de amantes, irritou-o ainda mais... inspirou-lhe odio, furor; porque lhe parecêrão signaes, perdições, abysmos de amor, que elle não merecêra....

Sentio um impeto de arrojada colera... ia atirar-se entre aquellas mãos; de subito porém se suspendeo...

Em frente da porta, por onde entrára na camara, vio o desconcerto de sua physionomia na imagem reproduzida por grande espelho, e horrorisou-se da decomposição dos traços de seo rosto....

Como endoudecido deixou-se a olhar ao

espelho, e á inquirir se era a sua imagem essa imagem turva e sinistra que estava vendo....

De subito estremeceo, encontrando no espelho a figura de Liberato.... ah ! Liberato era a providencia que chegava para ver a loucura e a perdição de Candida.... Frederico ficou immovel.

Mas ao lado de Liberato, o espelho mostrou dous estudantes amigos, á passar alem da porta da camara....

A virtude venceu a raiva, a lembrança de Leonidia, e talvez o ultimo melindre do amor dominarão o ciume....

Frederico deo um passo ádiante, com suas mãos convulsivas separou, desenlaçou a mão de Candida das de Souvanel, que a apertava, e com voz comprimida dice :

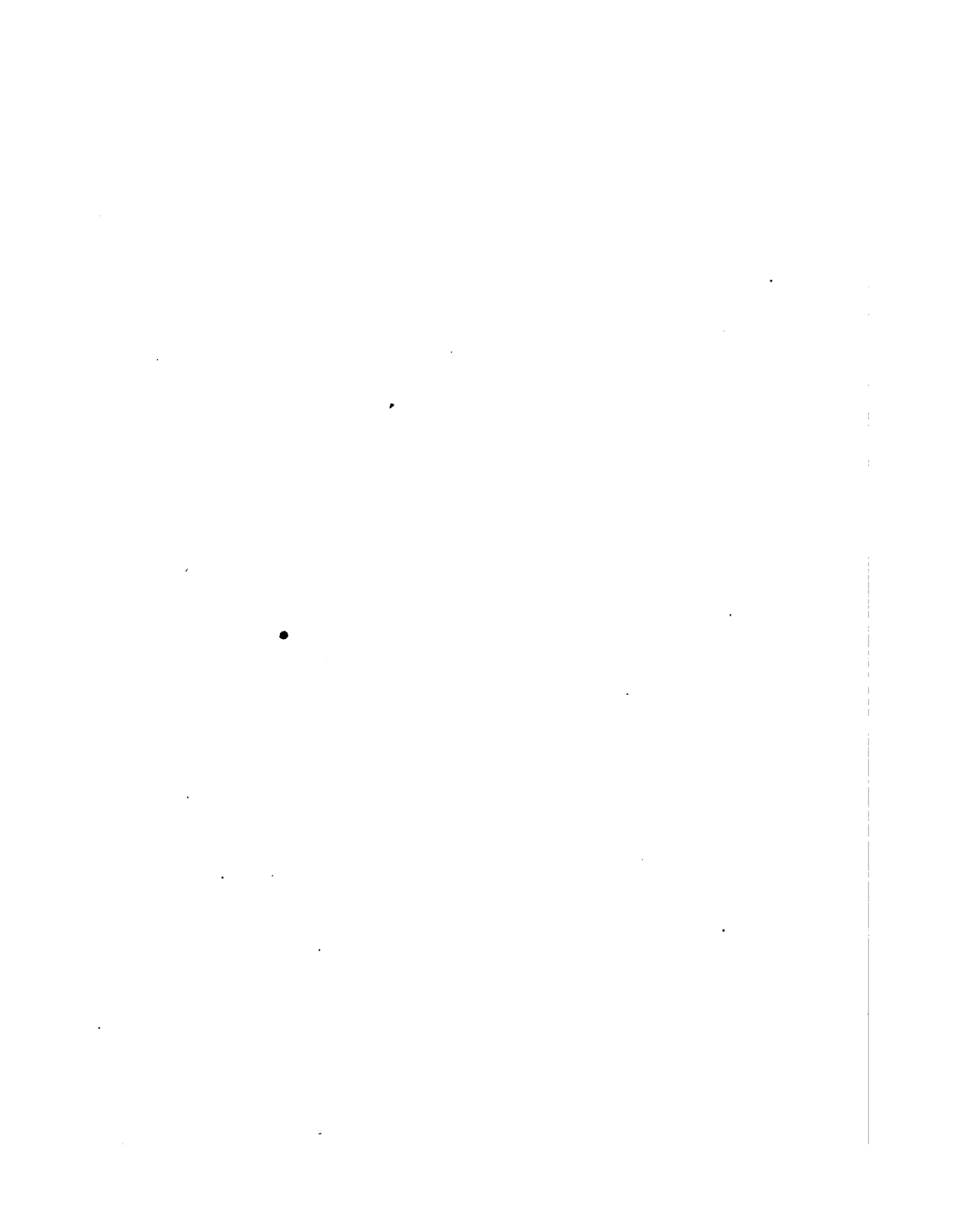
— Ahi vem gente.

Candida estremeceo, recolhendo o braço. Souvanel ficou impassivel.

Frederico em pé, silencioso e aparentemente frio, salvava Candida da mais leve suspeita offensiva do seo recato.

— Oh ! eis ahi Frederico ! dice Liberato ; ha uma hora, que te procuramos debalde...

— Candida me prendia aqui com as suas observações sobre as contradições dos cantadores dos Reis ; dice Frederico.



XXV.

Liberato e seos dous companheiros pouco se demorárão na camara, e Souvanel ao ve-los sahir, levantou-se e seguiu-os.

Candida tinha ficado como petrificada.

Frederico em pé, por detraz da cadeira da moça confundida, estava immovel, silencioso; mas profundamente alvoroçado.

Em Candida o primeiro sentimento que se despertou, foi o do reconhecimento da grandeza d'alma daquelle mancebo, que desprezado e offendido em seu amor, a soccorrera e salvára ainda no acto da offensa, ella porém sentia sobre sua cabeça o respirar agitado de Frederico, conturbava-se sob o pezo enorme desse anhelito, e tinha medo, a criminosa, da primeira palavra do juiz.

Em Frederico havia dedalo de idéas inconsequentes e contradictorias, no seo espirito o desasocego das inspirações incoherentes, no seo coração a luta do fogo e do gelo: o mancebo pensava em afastar-se e não sabia, como faze-lo, estava prezo pela confusão de Candida, tinha repugnancia de ir esbarrar com Souvanel, tinha medo de encontrár Liberato e de ser por elle interrogado e permanecia inerte, em pé, mudo, immovel, á olhar sem ver, sem consciencia da sua posição, sem atinar com uma sahida desse estado de estupefacção que seguira ao extremo desengano de seo amor, e ao instinctivo movimento de sua generosidade.

Elle nem vio que as contradanças haviam terminado, e que ao convite de Florencio da Silva os cantadores dos Reis sahiam do salão para a mesa da cea, acompanhados pelas senhoras e cavalleiros da sociedade do hospede obsequiador.

Todos se tinham levantado e ião deixando o salão: sómente Candida sentada, e por traz de sua cadeira Frederico em pé, parecião alheios ao que se passava.

Mas diante delles parou por um instante Leonidia, que conduzia pelas mãos duas

senhoras, e dice sorrindo á seo filho de criação :

— Frederico, zela bem essa menina, que parece dormir sob a tua protecção vigilante : toma conta della, meo filho !

E seguiu conversando com as amigas, á quem naturalmente explicava os santos laços que ligavão aquelle mancebo á sua familia.

Frederico estremecêra á voz de Leonidia, e como por encanto sua alma escapou á estupefacção, e engrandeceo-se ao desperto da consciencia, e da razão.

Candida quiz amparar-se em sua mãe que passava, e fez um movimento para levantar-se.

— Fica; dice em voz baixa Frederico.

A moça obedeceo, convulsando.

Frederico abriu a meia porta que estava cerrada, e foi sentar-se ao lado de Candida; mas sem olhar para ella.

Candida tremia. O mancebo fallou.

— Sabes, é impossivel que não saibas, que nutri a esperanza de merecer o teu amor; porque eu te amava muito: sabes que nossas familias dezejavão e projectavão nossa união.... de balde o negarias..., tu sabes tudo isso, Candida ! attende bem: não me queixo de ti por não ter podido ser amado; amor

não se obriga. O sonho desvanecio-se: que o quizesse amanhã, eu não seria mais teu noivo. O amante apaixonado morreo para sempre; mas ainda vive o irmão: Candida! tu és minha irmã e precisas de mim: dá-me a tua confiança.

A donzella não respondeo.

— Escuta, minha irmã; o que eu viinda a pouco, foi doudice de menina.... ninguém o saberá. Amas á Souvanel?... é um amor imprudente. Souvanel pôde ser digno ou indigno de ti: na duvida o teu comprometimento por esse amor é grave perigo, é loucura: Candida! oh filha de minha mãe, escuta: se amas devéras á Souvanel, contem-te e espera: eu te juro que irei informar-me sobre o passado, a vida, os costumes desse homem: se for preciso, minha irmã, irei á França, heide saber quem elle é, e se fôr digno de ti, conta comigo, protegerei o teu amor, e serei uma das testemunhas do teu casamento. Sê por tanto franca comigo, Candida! falla, responde á teu irmão: tu amas á Souvanel?...

— Amo-o; murmurou Candida.

Frederico, ouvindo a confissão de Candida, não poudo reprimir um doloroso abalo; dominando-se porem logo, continuou:

— Perdoa : eu te amava.... é natural que a certeza do teu amor por outrem me magoasse á pesar meu : heide vencer esta fraqueza : confia em mim. Pois que amas ? Souvanel, eu me incumbo de esclarecer-me sobre o que elle é e tem sido na sociedade. Eu te juro, minha irmã, eu te juro por minha honra, e pela vida de meu pae, que te direi a verdade. Eu te quero feliz, Candida ! eu te quero feliz e esplendida pela virtude ; mas não te arrisques, não te percas, filha de minha mãe !.....

Candida apertou entre as suas a mão de Frederico, e deixando cahir lagrimas nas mãos apertadas, dice, chorando.

— Tu perdoas, como Deos, e és bom como Deos, Frederico !

— Eu sou um desgraçado, e tu és sacrilega, comparando-me com Deos, que é perfeito e omnipotente ; Deos porém te perdoará o sacrilegio, se me deres o que te peço em nome de nossa mãe !

— O que, Frederico ?...

— Confiança plena, minha irmã !

— Eis a minha resposta ; dice Candida.

E levantando entre as suas a mão de Frederico, beijou-a rapidamente tres vezes.

— Candida! exclamou Frederico, retirando a mão.

— Nestes tres beijos, tres vezes o coração da irmã; dice Candida.

O mancebo levantou-se e conduzio aquella a quem chamára *filha de sua mãe* para a mesa da cêa, onde a fez sentar-se, e logo depois sahio calmo e sereno: chegando porém ao salão, que achou solitario, foi accelerado abrigar-se ao recanto de uma janella, agarrado a cujo parapeito experimentou e soffreo em convulsivo tremor, a reacção vioientamente demorada dos diversos affectos que tempestevão em seo animo.

XXVI.

A soberana magnanimidade de Frederico, tinha tocado a alma de Candida: a delicadeza com que elle, de passagem somente, lembrára a sua inexoravel leviandade para arranca-la á confusão com o soccorro de uma desculpa immerecida, a sabedoria dos conselhos suavisada pela ternura do amor fraternal, o juramento de dedicação justamente condicional á causa do proprio amor que era o desencanto e o holocausto do que elle nutrira e talvez nutria ainda, davão a Frederico a aureola esplendida da magestade da virtude, e a magia do melindro dos sentimentos mais puros.

Candida comprehendeo bem e perfeitamente, pela primeira vez, todo o valor do

thezouro que perdera, e em sua consciencia esclarecida pela mais brilhante luz, reconheceo, em obrigada comparação, a desmedida superioridade que distanciava em altissimo gráo Frederico do seu amado Souvanel; essa superioridade porém, era toda moral e como que fazia esquecer, ou pelo menos encadeiava e submettia á virtude, os instinctos da natureza physica, em quanto Souvanel no rojar do seu amor pela terra sabia inebriar a vaidade, fallar apaixonado aos sentidos, e sorrir mais attractivo ao sensualismo, que a influencia desappercebida da mucama escrava, tinha inoculado no coração de sua senhora.

Aos olhos de Candida, Frederico se afigurava mais do céu que da terra, mais adoravel que amavel, e Souvanel homem menos anjo e mais humano: se ella pudesse repartir-se entre a adoração e o amor, teria dado á um a alma, ao outro o coração, mas o coração physico. Na impossibilidade da partilha, ella preferia a terra ao céu, queria ser alma e coração toda de Souvanel: aceitando porém de Frederico a dedicação-martyrio.

Foi assim que Candida raciocinou, sophismando com a consciencia, para escusar a

cegueira da paixão : mas não poupando a virtude aos sacrificios que podião aproveitar ao seo egoismo.

Ella rendia á Frederico os cultos que se rendem aos santos, e todavia no interesse do seo amor estava prompta á fazer martyr o santo!... no egoismo de sua vaidade acreditava que era para elle suave consolação servir ao seo amor, que devia aditar outro homem!...

Mas ainda bem que a magnanima generosidade e a terna solitudine fraternal de Frederico, ao menos convencêrão a imprudente donzella, de que mais acautellada lhe cumpria ser, em suas affectuosas expansões com Souvanel, emquanto informações abonadoras de seo character, não viessem sancionar a escolha e a bemaventurança do seo amor.

Que tempo duraria essa convicção sábia?... quantos dias lembraria Candida os tres beijos, em que tres vezes sellara na mão nobilissima de Frederico a plena confiança do seo coração de irmã?...

Candida recolheu-se ao seo quarto ao romper da aurora e dormio seis horas, fiel aos tres beijos de amor e confiança fraternal. A fidelidade durante o somno é facil, pelo

menos quando algum sonho não perturba o somno.

Candida não sonhou.

A's dez horas da manhã de seis de Janeiro, Lucinda correu as cortinas do leito de sua senhora, e despertando-a cuidadosa, dice-lhe:

— E' quase meio dia, minha senhora.

Candida abriu os olhos, sorriu-se, e murmurou:

— Que somno!

E prigueirosa cerrou de novo as palpebras.

— Quer ver como abre já outra vez os olhos?... aqui está um bilhete do bonito moço francez; tornou a mucama.

Candida estremeceu, levantou meio corpo apoiando-se no cotovello do braço esquerdo, e adiantando a mão direita, dice:

— Da-me o bilhete.

Lucinda entregou uma carta a sua senhora.

— Que suave accordar! ouzou dizer a escrava.

Candida passou duas vezes a mão pelos olhos, e, encostando-se á cabeceira da cama, abriu a carta e leu para si.

Corarão-lhe fortemente as faces enquanto lia.

Era suspeito esse pejo que se acendia nas faces de Candida; porque enquanto as flammas do pudor nellas ardiaõ, a donzella se descuidava de seo corpo, deixara a gola da camisa ceder indiscreta ao declive da posição que tomára no leito, e um de seos peitos, brancos como a neve, se ostentava abandonado aos olhos invejados da escrava.

— Porque córa?... perguntou a mucama.

Candida tinha acabado de ler: puchou a camisa e escondeo o seio á descoberto sem mostrar vexame e dice:

— Elle exige mais do que eu lhe posso conceder.

— O que, minha senhora?...

— Uma entrevista hoje mesmo...

— Onde?... como?...

— Não o sabe, não o indica; mas diz que o nosso amor corre perigo e que elle se acha ameaçado por odio rival...

— O senhor Frederico, provavelmente.

— Lucinda, Frederico é o anjo da generosidade...

A mucama poz-se á rir.

— Tu ris?... pois escuta.

E Candida referio quanto se passára com ella, Souvanel, e Frederico na noute antecedente.

Lucinda rio-se ainda mais.

— De que te ris agora?...

— Da simplicidade de minha senhora.

— Como?...

— E' claro que o senhor Frederico, contrariado em sua paixão, quer amedrontar o amor de minha senhora, e fingindo-se irmão dedicado, amante ridiculo e impossivel até á loucura de servir ao amor de outro, armou um laço a minha senhora para faze-la desconfiar do bonito moço francez...

— Lucinda!

— Pois minha senhora acredita, que o senhor Frederico que a dezeja desposar, lhe venha dar boas informações do rival preferido?... não vê que está sendo objecto da zombaria, ou do ardil de um apaixonado?

— Ah! tu não ouviste, como elle me fallou!...

— Palavriados, minha senhora, elle prestou-lhe um serviço, calculando com a gratidão. Não pensa que o senhor Frederico a ama?

— Ama-me.

— Então como combina com o seo amor, que devia inspirar-lhe violentos ciumes, essa

prompta e facil dedicação fraternal, que promette ser protectora de um outro amor, que é fatal ao delle?... minha senhora não vê que ha por força artificio, e traição nesse ardor de ganhar a sua confiança, e de faze-la desconfiar do bonito moço francez?...

— Lucinda, tu me desatinas, porque parece que tens razão!...

— Se a tenho!

— Oh! mas Frederico é um homem honesto e bom... e o que fez por mim hontem á noute, não o esquecerei nunca! senão fora elle, Hermano e seos dous amigos terião surprehendido minha mão preza entre as de Souvanel...

— O senhor Frederico tinha interessse de noivo em não deixar effectuar-se a surpresa.

Candida começava a gostar de ser combatida pela mucama.

— Noivo! dice ella; Frederico me declarou que desistia absolutamente das pretensões que tivera...

Lucinda fez um momo e observou:

— Era preciso que minha senhora não fosse formosa, como é, para se acreditar em desistencia tão facil.

Este argumento pareceo irrespondível á Candida que todavia continuou dizendo:

— Entretanto o que lhe ouvi sobre Souvanel foi uma verdade, que achou echo em minha consciencia. Fui imprudente, animando o amor de um desconhecido, cuja familia, vida, e passado, ninguem aqui conhece.

— Como minha senhora se deixa illudir ! se o moço francez fosse desconhecido e delle se desconfiasse, o senhor Frederico e meo senhor-moço não o terião convidado para passar a festa do natal aqui com os outros seos amigos. Sómente depois que minha senhora o ama, é que procura torna-lo suspeito, e sem duvida arreadar o bonito moço.

Candida suspirou, e sentando-se na cama, dice:

— E' tempo de vestir-me.

A carta de Souvanel cahio do collo aos pés da moça.

— Impossivel.... murmurou ella recebendo a carta que a mucama levantára.

— Impossivel o que, minha senhora?

— A entrevista.

— Talvez.... não é facil achar lugar e hora.

— Que fosse facil: uma senhora honesta não póde conceder entrevistas secretas.

— Então as senhoras honestas não amão?...

— Que pergunta estúpida, Lucinda!

— Perdõe, minha senhora; dice a muçama; eu pensava que o homem amado, merecia sempre confiança e algum sacrificio innocente....

— Assim, no meo caso davas a conferencia?

— Se eu amasse, dava-a.

— Pois eu amo, e não a dou.

— Coitado do moço francez! estava tão triste esta manhã....

Candida guardou silencio; mas penteou-se e vestio-se evidentemente preocupada e absorta.

XXVII.

A noute precedente passára toda em fervoroso e alegre festim, e as senhoras cansadas de dançar e de velar, embora em regozijo, amanhecêrão somente ao meio-dia.

Duas horas antes, conversavão reunidos no salão, quase todos os cavalheiros hospedes e amigos de Florencio da Silva.

Souvanel animava a conversação e entretenha com a sua espirituosa garrulice a sociedade masculina que o cercava, e impavido atrevia-se a afrontar os olhos de Frederico, que aliás tranquillo e grave não lhe mostrava nem resentimento, nem indiferença, e apenas frieza imperceptivel a todos, e só por elle sentida, na modificação do antigo acolhimento.

O joven francez fallou da França e de Paris, e contou com historias das delicias daquelle paiz de vulções politicos, e daquella capital rainha da moda e dos prazeres.

Então um velho fazendeiro dice-lhe :

— Está visto que o Brasil é para o senhor, terra feia do desterro, e a propria cidade do Rio de Janeiro, deserto medonho.

Souvanel provocava desde meia hora essa observação ou alguma outra que lhe desse ensejo para fazer calculada proposta ; respondeo pois immediatamente :

— O Brasil é o meo seio de amparo, terra abençoada por Deos, que no futuro igualará e excederá em opulencia e brilho a minha França. Amo a França como filho, amo o Brasil, como o menino engeitado ama a santa mulher caridosa, que sem ser sua mãe, lhe deo desinteressada o leite de seos peitos.

— Viva o Brasil!... bradou elle com entusiasmo que illudio a quase todos.

— Estou vendo que tambem depois de Paris, não ha para o senhor cidade como a do Rio de Janeiro ; dice o mesmo velho que se encantava, ouvindo o astuto francez.

— Não; respondeo Souvanel; sou franco :

não gostei da cidade do Rio de Janeiro : é uma capital sem monumentos, sem divertimentos publicos, capital, onde o viver custa caro, como em Londres, e não offerece compensações amenas ; não me agrada a cidade do Rio de Janeiro ; eu prefiro a ella a cidade de S. Paulo, onde o academico é principe, e a democracia ri aos sonhos esperançosos da mocidade intelligente que sauda encorajada o futuro ; mas depois de S. Paulo não conheço torrão mais bello, mais attrahente, mais hospitaleiro, e mais capaz de fazer dormir as saudades da minha França, do que esta nascente e esperançosa cidade de...., do que este rico, civilisado e nobre municipio.

Frederico que passeava ao longo do salão, parou de subito, e encarou Souvanel com olhar suspeito.

— E' lisonja ! é favor ! dicerão algumas vozes.

— Lisonja ! tornou Souvanel ; eu dou prova de que o não é : pobre proscripto politico, exploro para viver os conhecimentos que tenho da arte de musica : na capital do Brasil posso já contar com algumas discipulas de piano e canto : pois bem ! deem-me os senhores a certeza de iguaes re-

curso nesta pequena cidade, e eu juro preferi-la á orgulhosa cabeça do imperio.

Frederico franziu os supercilios e continuou a passear pelo salão.

O offerecimento de Souvanel era claro, positivo, sua notavel habilidade no ensino tornara-se famosa pelo extraordinario aproveitamento de Candida em poucas e rapidas lições: a palavra do mestre de musica francez foi tomada ao serio: em poucos minutos teve elle a segurança de dez discipulas.

Souvanel declarou que ficaria estabelecido na cidade de...., como mestre de piano e canto.

Frederico vio na resolução audaz de Souvanel, calculo refinado de hypocrisia e de egoismo, ou expediente de amorosa paixão para a conquista de Candida: tinha decidido deixar Leonidia na ignorancia do amor de sua filha, em quanto se habilitasse para julgar do merecimento e das condições moraes desse estrangeiro mal conhecido; medindo porém os perigos que Candida ia correr em suas relações com semelhante mestre de canto, pois que não podia duvidar de que Souvanel a contasse tambem por discipula, á vista dos milagres de ensino ope-

rados em lições passageiras, determinou prevenir sua mãe adoptiva de quanto sabia, e do que era preciso acautelar.

O cumprimento de semelhante dever custava muito á Frederico: era mingoa da sua magnanimidade da noute antecedente; podia afigurar-se vingança ciumenta de despreso soffrido: embora, era sagrado dever á cumprir: Frederico havia de satisfazel-o.

O cazo não urgia: elle assentou em esperar um ou dous dias, observando solícito o procedimento de Candida.

A resolução de Souvanel, foi durante o almoço, o ponto exclusivo da conversação geral.

Applaudião-se todos os fazendeiros e habitantes do municipio, daquelle inexperado thezouro que lhes ficava da festa do natal.

Candida estava por certo preparada para ouvir a feliz nova; recebeu-a pois sem sobresalto e notando que Frederico a observava suspeito, conteve a alegria e esforçou-se por mostrar-se pensativa.

Souvanel agradece commovido o favor com que o exaltavão e encarecendo a protecção de que era objecto, declinou os nomes das dez discipulas que já contava.

— Esqueceo uma, Sr. Souvanel; dice Florencio da Silva.

— Qual?

— Minha filha.

Candida viu que Frederico se turbára, e voltára o rosto : revoltou-se dentro de si contra o censor á quem aliás tinha promettido plena confiança de irmã; mas obrigada á respeitá-lo, dice :

— Meo pae, eu não devo ser ingrata ao meo antigo mestre....

Souvanel impalledeceo : Frederico olhou com reconhecimento para Candida.

Florencio da Silva quiz insistir; sua filha porem o interrompeo, dizendo :

— Conheço por experiencia propria, a superioridade do methodo de ensino de Mr. Souvanel; mas quero aprender menos, conservando o meo velho professor.

Não faltou quem louvasse o procedimento de Candida, que entretanto nunca fôra tão hypocrita e refalsada.

O almoço terminou. Candida predeio-se todo o dia ás outras senhoras, e evidentemente evitou Souvanel.

Frederico não comprehendia ainda até onde pode chegar o fingimento de uma moça namoradeira, e começou a ter esperanças de poder salvar Candida, sem perturbar a serenidade e o amor maternal de

Leonidia. Elle estudou até á noute a phisionomia e o proceder de sua irmã adoptiva, acompanhou-lhe o olhar, e os passos, acreditou ter-lhe sondado o coração, e em suas observações solícitas, mas disfarçadas, suppoz encontrar melancolia e dôr mal abafadas, anelo e temor, e exagerada esquivança propria de donzella inexperiente, alvoçada pela convicção do perigo: tudo indicava o seo amor por Souvanel; ao menos porem a prudencia já, com excesso talvez, a fazia arreceiar-se do homem desconhecido, a quem amava.

As commoções diversas da ultima noute, a morte da sua esperança de ser amado, o sacrificio que se impozera por dedicação, tinham roubado o somno e alquebrado as forças á Frederico, que cedendo á fadiga de horas longas de interessada e triste indagação dos sentimentos, e das disposições de Candida, sem querer, adormeceu em uma ottomana na mesma camara, onde na vespéra surprehendera Souvanel á beijar a mão que lhe era amorosamente abandonada.

O somno de Frederico não escapou á Candida, que foi debruçar-se á uma janella, passando diante de Souvanel, o qual não perdeu o ensejo.

O joven francez aproximou-se da janella com apparencias respeitosas:

— Fiquei só por ti, e me regeitaste!... dice-lhe.

— Pobre louco! terei dous mestres; um por dissimulação, outro por amor: espera.

— Até quando?

— Até que *elle* durma no navio, em que tem de seguir para os Estados-Unidos.

E Candida com um volver d'olhos mostrou a camara, onde Frederico repousava.

Souvanel fez um movimento com os hombros, como indicando que despresava o mancebo, e immediatamente dice:

— A entrevista que pedi?... é indispensavel...

— Não canto; absolutamente não canto esta noute; dice Candida, vendo chegar Liberato.

— E porque? perguntou este.

— Porque... estou rouca: só cantarei para acordar Frederico; heide porém cantar ao pé delle....

— Boa idéa! despertemos o prigueiro.

A idéa realisou-se.

Frederico despertou no meio de suaves harmonias, e em face de Candida que ainda o enganava cruelmente assim.

Quando logo depois poudes fallar-lhe sem indiscrição. Frederico, docemente illudido, dice á sua irmã adoptiva:

— Obrigado, Candida; mas eu penso que já posso dormir....

— Póde; respondeo a perfida moça, sorrindo meigamente.

XXVIII.

Dançavão.

Leonidia viu Frederico em pé á olhar para as contradanças em que não tomára parte, e chamou-o, mostrando-lhe uma cadeira á seo lado.

— Porque não danças? perguntou ella á seo filho adoptivo.

— Prefiro quase sempre ver dançar os outros; respondeo Frederico.

— Eu sei; mas desde hontem me pareces triste.

Frederico sorrio-se.

— Minha mãe vive sempre em cuidados por mim; dice elle.

— Não é resposta negativa... é subterfugio...

— Mas se estou contente!

— Conheço-te do berço e de te olhar á meos peitos: desde criança, quando em tua alma surge uma nuvem, a nuvem, ainda que teos labios rião, se escrespa de leve na tua fronte, formando uma pequena ruga obliqua sobre a ponta interna da sobran-celha do olho esquerdo: a ruga está ahí. Frederico.

A fronte do mancebo alisou-se, desman-chando-se a quase imperceptivel ruga, que com effeito nella se insinuava.

— Minha mãe é phisionomista! disse Frederico em tom de gracejo.

— As mães levão tanto tempo á aprender, olhando para os filhos!

Frederico beijou com ternuru a mão de Leonidia.

— Passeemos um pouco; dá-me o braço... faze-me passear... tu te descuidas de mim.

— Eu?!!! perguntou o extremo filho adoptivo, como assombrado da accusação.

Leonidia olhou-o com encanto maternal.

— Desconfiado! não vez que estou brincando?

Passearão ambos em volta da sala e logo depois entrarão na camara, onde pouco antes Frederico adormecêra na ottomana.

Leonidia sentou-se nessa mesma ottomana, e fez o mancebo sentar-se junto a ella.

Podião alli conversar sem ser ouvidos.

Frederico principiava á entrever as intenções de sua mãe, e lhando para o salão encontrou tambem os olhos suspeitosos e como que supplicantes de Candida.

Leonidia não reparou naquelle encontro de vistas.

— Hontem, dice ella, estavas alli em pé atraz da cadeira de Candida; teu rosto annunciava sombrio e profundo padecer do coração, ou o pasmo inerte do idiotismo: o rosto de Candida indicava abatimento e confusão. Duvidei, quiz duvidar do que via; mas desde esse momento até inda a pouco a ruga da tua fronte me denunciou sévera um erro, algum desvario de minha filha.

— Oh minha mãe!

— Hoje tens observado constantemente, e embora com estudada dissimulação tua irmã; tu a tens observado, Frederico, sem olhos de amor de esperançoso noivo, com olhos porem de irmão zeloso..... foi por isso que eu dice—*tua irmã*.....

— E não o é ella, minha mãe?...

— Tu dormes pouco, e menos do que é preciso, e ainda agora adormeceste nesta

ottomana; portanto não pudeste dormir esta madrugada. Que devo pensar de tudo isto?.. noivo ou irmão de Candida, tu és sempre meo filho : falla. Eu me atormento, porque devo mostrar-me satisfeita e alegre, e tenho n'alma um pezo que a esmaga..... fugiste-me o dia todo..... dize-me o que sabes e depressa..... nada me deves occultar, e eu creio em ti.....

Frederico sentio-se compungido desse sagrado sobresalto maternal e menos por amor de Candida do que por amor de sua mãe não se animou á dizer a verdade,

— Tranquillise-se, minha mãe; Candida não praticou acção alguma que á meos olhos compromettesse sua honra..... é uma bella e boa menina..... a imaginação de minha mãe cria quiméras.....

— E porque estava ella perturbada, e tu porque estavas estupefacto... hontem... hontem á hora da ceia?.....

— Quem sabe?.. talvez confusão de ambos.... Liberato entrou de subito na camara, achou-nos conversando quase á sós..... não tenho consciencia..... mas talvez por isso....

— Frederico, tu inventas desculpas....

— Talvez; porque não posso descobrir culpas.....

— Meo filho, a contradança vae terminar: jura que não tens de que increpar a Candida.....

Frederico fez um esforço violento e, dice tremendo :

— Sou eu que tenho de que increpar-me.

— Como ? porque ?

— Minha mãe vae talvez amar-me muito menos.

— E' impossivel.

— Oh minha mãe ! perdão para Candida e para mim ! hontem a noute nós abrimos um ao outro nossos corações.

— Então ?

— Candida está prompta a aceitar-me como seo noivo ; mas só me ama como seo irmão ; e eu estou prompto á consider-la, como minha noiva ; amo porém outra mulher... eis o motivo da nossa commoção.

Leonidia concentrou-se em triste silencio por alguns momentos : depois apertou entre as suas a mão de Frederico, e dice melancolica :

— Isso me penaliza e me consola : queria-te duas vezes filho ; mas dou-me por feliz, reconhecendo Candida isenta de culpa...

— Minha mãe nos perdôa ?...

Leonidia sorri-o-se para Frederico.

— Sonhavam os demais meu marido, teu pai e eu ! tu nos bastas filho de todos três para nossa gloria ; e Candida, o meu anjo, com que direito violentar-lhe o coração ?... devia mesmo ser assim : tão irmãos, como poderiam ser amantes ?... abençoados sejam sempre ambos.

E ella levantou-se.

— A contradança acabou ; dice Leonidia ; passeemos ainda... leva-me para fóra do salão... preciso respirar livremente...

Frederico deu o braço á sua mãe, e a conduziu até á sala de jantar.

— Candida deixou de ser tua noiva, meu filho ; dice então Leonidia ao mancebo ; respeito e louvo os sentimentos de ambos ; tu porém não esquecerás, que és irmão de minha filha.

— Oh ! nunca, minha mãe !

— Talvez, não sei... creio que não... mas talvez eu ame mais a Liberato do que a ti ; confio porém mais em teu juizo, do que no de Liberato. Meu Frederico, jura-me que serás sempre o zeloso e vigilante amigo, protector, e em ultimo caso o salvador de tua irmã, da nossa Candida !

Frederico, profundamente commovido, respondeu :

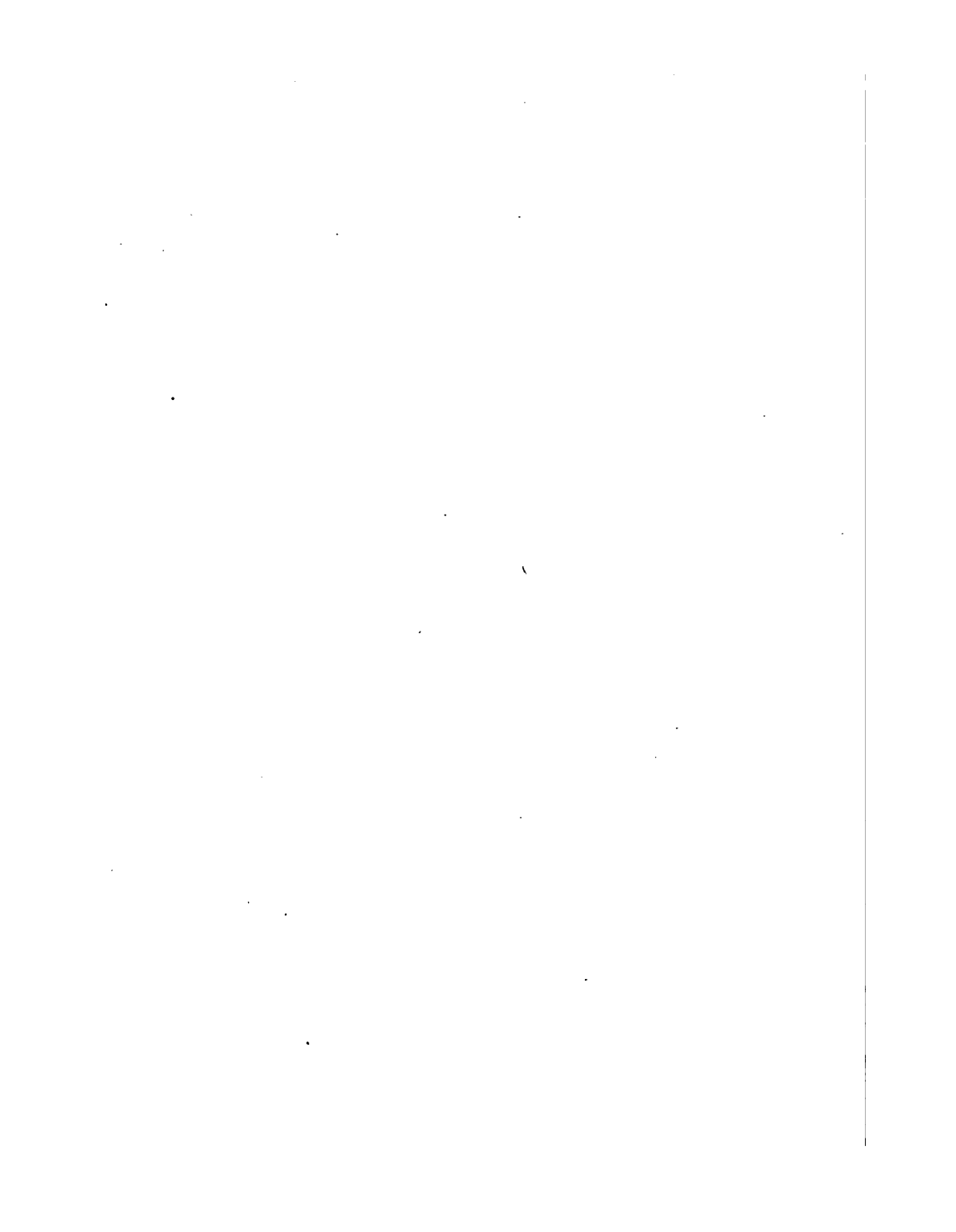
— Por ti, minha mãe querida e santa, eu juro que o serei até o extremo da dedicação e dos sacrificios !

— Abençoado sejas, meo filho !

— Mas, pois que prestei o inutil juramento de um dever que cumpriria sem elle, minha mãe tambem me ouça e me attenda. Candida é menina, e as meninas nem sempre sabem ser prudentes. Zele Candida em minha auzencia, que eu respondo por ella e pelo seo futuro, quando me achar á seo lado.

E temendo exigencia de explicações do que acabava de dizer, Frederico voltou immediatamente ao seio da companhia festiva, deixando Leonidia absorvida em reflexões.

E nem Frederico, nem Leonidia tinham podido ver Lucinda que da porta do quarto de dormir de sua senhora os escutára com ouvido curioso e traçozeiro.



XXIX.

Quando Frederico entrou, de volta, no salão, Candida o interrogou com o olhar mais deprecador e meigo, e não se contentando com o sorriso bonançoso que tivera em resposta, soube preparar ocasião de ouvir o irmão adoptivo que parecia dezejar fallar-lhe.

Frederico prevenio Candida das suspeitas de sua mãe e do alvitre a que recorrêra, para explicar a confusão em que ella os vira a ambos, á porta da camara, na hora da cêa dada aos cantadores dos Reis.

— E por mim que te fui ingrata, tu te accusaste calumniando o teu coração, Frederico!... dice a moça com os olhos humidos de lagrimas.

— Contem-te ; respondeo o mancebo ; se queres provar-me gratidão, sê prudente, digna de nossa mãe e conta comigo.

Frederico deixára Leonidia, engrandecido pela consciencia de sua generosidade, e pela confiança que sua mãe nelle depunha. Mais que nunca se reputava obrigado a velar por Candida, e a defende-la e salva-la ainda com o maior sacrificio pessoal. Duvidava muito do character e do merecimento moral de Souvanel ; uma vez porém, que os pudessem abonar, estava resolvido a proteger o amor de sua irmã. Não quizera confiar a Leonidia o segredo dos sentimentos de sua filha ; porque ainda julgava poder impedir novos actos de leviandade e futuras consequencias lamentaveis ; mas á primeira desconfiança da lealdade de Candida, que se accendesse em seu espirito, e em todo cazo antes de sua viagem, se não se tivesse chegado a tratar do casamento com Souvanel, revelaria tudo em confidencia de familia.

O solemne juramento que Leonidia o fizera prestar, aliás sem que preciso fosse, como dicera, coagio-o todavia, ao cumprimento de um dever penoso.

Frederico sentia repugnancia incalculavel em travar conversação com Souvanel e ainda

mais em alludir, fallando-lhe, á scena de que fôra testemunha, na noute antecedente; entendeo porém, que força era faze-lo.

Esperou longo tempo: vendo enfim Souvanel descer ao terreiro, acompanhou-o, e lá a sós com elle, dice-lhe em tom grave e consciamente :

— Mr. Souvanel, sabe que Liberato é meo collaço, e portanto não preciso explicar-lhe o interesse que tomo por Candida: ella é tambem minha irmã,

Souvanel não respondeo. Frederico proseguio:

— Depois do que hontem se passou diante de mim, Mr. Souvanel não póde demorar-se nesta caza, além do dia de amanhã, que marcára para sua retirada. Sei que hoje deliberou estabelecer-se em nossa pobre cidade e que podem ser demorados os arranjos de alojamento. De volta á sala, meo pae lhe offerecerá uma caza que se acha mobiliada, e Mr. Souvanel a aceitará e irá amanhã ou depois de amanhã occupa-la.

O tom imperativo de Frederico, irritou o francez, que cruzando os braços, perguntou:

— E se eu não aceitar a caza?...

— E' que está resolvido á ir desde amanhã hospedar-se em hotel.

Isto dizendo, Frederico deo as costas á Souvanel e retirava-se á passos vagarosos.

— Uma palavra ! dice o joven francez.

O irmão adoptivo de Candida parou e voltou-se.

Souvanel, tomando de proposito o tom do costumado trato, que acabava de ser-lhe calculadamente negado, perguntou com voz segura e exigente de explicação :

— Frederico ! tens a idéa de provocar-me ?..

— Mr. Souvanel, respondeo secamente Frederico ; nós não *nos atuaremos* mais, emquanto eu não me convencer por informações fidedignas, que vou procurar e pedir, de que fallando-lhe, fallo á um cavalleiro, á um homem de bem.

Souvanel era bravo, e, dominando rapido e inexplicavel estremecimento, se lançava impetuoso á tomar o passo á Frederico, que se ia em moroso andar : mas estacou immediatamente, e ficou em pé, como prezo ao solo e torcendo as mãos com raiva.

O calculo do especulador encadeiava a fúria do destemido duellista.

Souvanel deixou correr alguns minutos, reflectindo, e dissipando a commoção : logo depois seguiu em direitura ao grupo de aca-cias, onde encontrou Lucinda á esperal-o.

— Como o senhor demorou-se ! dice a escrava.

O francez acariciou Lucinda com lascivas meiguices, e com indecentes lisonjas, assegurando-lhe constantes relações condemnaveis.

A negra perguntou rindo-se e requebrando-se :

— E se casar com minha senhora... como hade ser ?

— Eu te libertarei no dia do meo casamento, juro-o por todos os santos do céu, juro-o pela minha honra, que serás liberta...

— E adeos amores ! dice Lucinda.

— Oh não ! Candida será minha mulher ; tu porém, linda creoula, serás sempre a minha amante, e minha só....

— Palavras de branco que falla á negra...

— Palavra de francez que está doudo por ti...

Souvanel, pretendente á mão de Candida, era já amante sincero ou fingido da mucama da sua noiva dezejada. A desmoralisação do lar domestico precedia o casamento, e predispunha o adulterio.

O pretendente noivo comprava a dedicação da escrava, atraindo-a previamente a esposa : a mucama prestava-se á vender a reputação e a honra da senhora á preço de esqualidos gozos.

O francez especulador immoral, explorava os vícios, e a influencia malefica, tenebrosa e fatal do elemento escravo, de uma victima-algoz em proveito de seus planos egoistas e infames.

A escrava sacrificava a senhora sem piedade, talvez sem calculo de vingança; mas por gosto de inqualificavel corrupção.....

Nos braços da escrava, servindo-lhe ao vicio o interesseiro e perverso seductor, estava pedindo ao demonio da escravidão a chave da porta da camara virginal da donzella, cujo seio precisava manchar para ser senhor pela mancha.....

Ô seductor e a escrava abraçados se associavam, e a escrava em phrenesi de libertinagem, promettia ao seductor entregar-lhe a senhora.....

A victima ia ser algoz.

Nessa mesma noute, Souvanel recebeu de Placido Rodrigues o offerecimento de uma caza mobiliada, que para as occasiões de festas, ou de demora na cidade de....., elle tinha de reserva, e, agradecendo com perfeita cortezia o favor, declarou que se alojaria provisoriamente em hotel, onde contava achar commodos e seguir systema de

vida conforme os seus hábitos e costumes
que lhe lembravam Paris.

Plácido Rodrigues insistiu debalde.

Frederico impassível e frio conservou-se
mudo.

Candida parecia indiferente.

XXX:

Travada estava a luta entre o anjo e o demonio, entre o genio benefico que se empenhava em salvar, e o genio malefico á quem convinha perder Candida, entre Frederico, o homem livre e moralisado, cuja nobilissima natureza a educação aprimorára, e Lucinda, a mulher escrava e pervertida, sem educação zeladora dos costumes, e cuja natureza, ainda mesmo que excellente podesse ter sido, se achava desde muito depravada pela ignominia e pelas torpezas da escravidão.

Candida, não se abandonava quanto devia, á segurança plena e ampla, na dedicação extraordinaria e magnifica de Frederico : repugnava á sua vaidade o prestar fé áquelle

prompto sacrificio do amor que inspirára: em seos habitos de conquistadora e namorada, via nessa substituição de sentimentos, nessa abnegação de amante, nesse exclusivo extremo da amizade fraternal, força de vontade maior que o poder da sua belleza, e portanto uma offensa ao imperio dos seos encantos, que julgava irresistiveis; além disso um pouco impressionada pelas prevenções e receios, que a mucama procurára acender em seu animo, hesitava, presumindo que Frederico, sempre della apainado, sempre com aspirações á desposa-la, fizesse de mentirosa virtude uma rede para prende-la, um engano soporifero para, aproveitando-lhe o somno, separa-la perpetuamente de Souvanel, seo rival.

Hesitante assim, Candida não soube ser franca e leal com seo irmão adoptivo, e antes empregou todos os recursos da dissimulação para illudi-lo e leva-lo a acreditar na sua fiel submissão, aos conselhos que lhe ouvira; mas, ainda suspeitosa por vaidade, sua alma obrigada ao culto da magestade da virtude, embeveceo-se muitas vezes, contemplando Frederico tão grande na protecção com que a queria escudar, e no artificio com que se accusára, áfim de

poupa-la aos desgostos, ás reprehensões, e ao triste desencanto de sua mãe.

Trazendo porém da sala essas impressões, e no meio de injustas duvidas pelo menos a convicção de que devia acautelar-se contra os possíveis ardis de Frederico, e também contra os perigosos enleios do amor de Souvanel, Candida, recolhendo-se á seo quarto, esbarrou com Lucinda que parecia sobre-saltada á espera-la.

— Que ha? perguntou.

A mucama poz um dedo na boca, recommendando silencio, e apontou para o lado, onde ficava contigua a sala de dormir de Leonidia.

Por alguns minutos os gestos e as meias palayras pronunciadas, quase imperceptivelmente pela escrava, annunciáráo critica situação.

A senhora e a mucama emprazárão-se mais com a mimica, do que com phrazes abafadas, para conferenciarem opportunamente nessa mesma e já adiantada noute.

Candida trocou seo *toilette* de festa por leve roupão de dormir, e deitou-se, mandando apagar a luz.

Erão duas horas da madrugada.

Meia hora depois o silencio tornara-se profundo. A caza toda dormia.

Velavão sómente o medo de Candida, a perversão da *mucama escrava*, e a infame traição de Souvanel.

Candida sentio os leves passos de Lucinda que tremula foi ajoelhar-se á cabeceira do leito de sua senhora.

Fallarão então ambas, apuridando-se.

A mucama dice :

— O senhor Frederico revelou tudo á minha senhora velha... á mãe de minha senhora....

— Tu ouviste?

— Ouvi o fim da conversação, foi ali na sala de jantar... o senhor Frederico prestou um juramento que não percebi; mas fallarão de casamento....

— Ah!

— Depois o senhor Frederico foi encontrar-se no jardim com o moço francez...

— Sim... sahirão ambos... reparei...

— E intimou-o á deixar esta caza amanha....

— Elle? com que direito?

— O moço francez quer desafiar o senhor Frederico....

— Oh! não!... isso não...

— Mas temendo comprometter o nome de minha senhora, chora de raiva... amanha

não sei o que será... elle, falla em retirar-se para a Córte, esperar lá o senhor Frederico e provocal-o ao que chama *duello de morte*...

— Sei o que é... é horrivel! não quero isso!..

— Ha só um meio de o impedir; diz o moço francez.

— Qual?

— E' minha senhora ir entender-se com elle sobre as esperanças e o futuro do seo amor, receber suas despedidas e combinar seos planos de proximo casamento...

— Como? quando? onde?

— No quarto de Leopoldo, o pagem *fiel* de meo senhor: ha no quarto uma janella para o jardim: o pagem é dedicado á minha senhora e ao moço francez, que ás tres horas lá á espera...

— Lucinda!

— Minha senhora póde ir e voltar sem ser sentida... dormem todos...

— Oh! não!.. é impossivel!..

— Eu a acompanharei, se minha senhora tem medo...

— Mas... um encontro assim... a taes horas... não irei.

— Á taes horas é que deve ser para que ninguem o suspeite...

— E a minha honra?

— O moço francez é incapaz de attentar contra ella.

— E meo pae? e minha mãe?

— Dormem á somno solto.

— Render-me desse modo escrava de um homem... aviltar-me!

O relógio da sala de jantar annunciou tres horas.

Candida estremeceo.

— E' a hora; dice Lucinda.

— Não irei; seria indigna, se fosse...

— Minha senhora não ama.

— Oh! se amo!!!

— E se elle fugir-lhe? e se elle se fizer matar...

— E' para desesperar,... Lucinda!...

— Animo! vamos: nunca se vio uma senhora conversar com um homem?

Candida sentou-se no leito; Lucinda ergueo-se:

— Vamos... eu a acompanho, minha senhora...

Candida reflectio por breves instantes e dice:

— Souvanel quer pôr em experiencia a minha virtude....

E tornou á deitar-se.

— Minha senhora, dice Lucinda; pense

bem nos perigos á que expõe o seo amor,
e o homem que ama.

— Não irei: Souvanel hade amar-me muito
mais; porque não vou.

— E fugirá... e matar-se-ha...

— Escuta: vai tu por mim...

— Como? perguntou a mucama com um
certo abalo.

— Vae tu por mim; repetio Candida.

— Eu por minha senhora? murmurou Lu-
cinda, inflammando-se, e contendo as flam-
mas de subito pensamento.

— Sim; vae: dize-lhe que o amo, que o
adoro, que serei sua esposa; que soffra tudo
por minha cauza e não se auzente; que es-
pere e confie no meo amor; que heide ser
delle... delle só e para sempre... mas ho-
nesta e pura; e que por honesta e pura
não posso dar-lhe, nem jámais lhe darei
conferencias á taes horas, em semelhante
lugar.

— Minha senhora!... dice a mucama que
aliás não mais insistia.

— Vai por mim.

E Lucinda perfeitamente convencida da
acertada resolução de Candida, sahio do
quarto pé ante pé e *foi por sua senhora* a
encontrar-se com Souvanel.

Passou uma longa hora que á Candida pareceo um seculo.

Emfim Lucinda voltou, e chegou-se ao leito de sua senhora.

— Elle fica: murmurou com voz tremula.

— Diceste-lhe tudo, que te recommendei?

— Tudo.

— E elle?

— Commoveo-se... chorou... e resignou-se.

— Que me mandou dizer?

— Que a adora, e que hade obedecer á sua vontade, como escravo.

— Não se baterá com Frederico?

— Não, minha senhora; mas detesta-o.

— E porque tardaste tanto?

A mucama rio-se da pergunta da senhora, rio-se contente, e zombeteira; porque ria-se na escuridão, e não atraçoava a sua torpeza no escandaloso riso; rio-se pois de Candida e respondeo:

— O moço francez demorou-se... esperei-o mais de meia hora...

— Ainda bem que não fui eu que o esperei: dice Candida.

XXXI.

Desde alguns dias que a vida normal recommeçára para as familias e amigos que se tinham ido e para aquelles que haviam ficado no municipio e na cidade de....

Souvanel não julgára preciso voltar á Côte: na sua mala de viagem trouxera quanto possuia: neste facto denunciava a sua extrema pobreza que aliás nem é labéo, nem motivo de favoravel recommendação. Começára logo a exercer o seo myster de professor de piano e canto, ganhando bastante para manter-se com decencia.

Frederico frequentava assiduo, como costumava, a caza de Florencio da Silva, e applaudia-se da situação que creára.

Leonidia, achando-se uma tarde a sós com o filho adoptivo, dicera-lhe :

— Pensei muito na conversação que tivemos na ultima noute de festa, Frederico, e conclui que não quizeste ser franco, e que ao contrario procuraste esconder-me a verdade...

— Minha mãe... essa conclusão...

— Não te accuso, meo filho; agradeço-te o sentimento que te levou a enganar-me, e á criminar-te de inconstancia; quero porém, para meo socego, que me satisfaças uma pergunta e um pedido, mas desta vez com a lealdade que me deves.

Frederico attendeo:

— O acto ou o procedimento censuravel de Candida compromette a sua honra?

— Juro que não, minha mãe: foi apenas uma inconsideração de menina vaidosa e um pouco leviana... ella porém arrependeo-se logo,

Leonidia corou:

— Guarda o teu segredo, meo filho: agora o pedido: Florencio e Liberato já sabem que desististe do projecto de casamento com a nossa Candida?

— Não, minha mãe, nem elles, nem meo pae.

— Pois o que eu te peço é que deixes á todos tres na ignorancia dessa fatal reso-

lução que os affigiria, como me afflige; não deve apressar-se a noticia do mal.

O pedido de Leonidia escondia uma esperança.

Frederico respondeo, beijando a mão de sua mãe.

Candida mostrava-se melancolica; o que se explicava pelas saudades da festa; mas parecia tranquillã, e tratava Frederico sem o mais leve indicio de resentimento, e com suave affecto.

Souvanel fizera apenas uma vizita de indeclinavel cortezia á familia de Florencio da Silva, e não mais voltára a chacara deste.

Frederico animado pelas apparencias de precaução e recato de Candida, embora suspeitasse que Souvanel escrevia á sua irmã adoptiva por intermedio do pagem e da mucama, á elle vendidos, determinou entrar no desempenho do compromisso que tomára, e sob o pretexto de examinar certas maquinas agricolas, pedio á seo pae permissão para ir passar uma ou duas semanas na cidade do Rio de Janeiro.

Na vespera da viagem foi despedir-se da sua segunda familia.

Leonidia dice-lhe sorrindo:

— Tenho a certeza que não deixas aqui,

nem vás encontrar na Côrte a tua preferida rival de Candida.

— E onde está Candida ? perguntou Frederico, fugindo de responder a sua mãe.

Leonidia mostrou a filha no jardim.

— Uma flor entre as flores ; espinhou-te porque é rosa : deves perdoar-lhe.... vae dizer-lhe adeos.

Frederico apressou-se a descer ao jardim para escapar ás manifestas sugestões do amor maternal, que tanto nelle podia.

Apertando a mão que Candida, sorrindo meigamente, lhe offereceo, dice :

— Parto amanhã para a Côrte, minha irmã ; vou servir ao teu amor, procurando informar-me discreta e sollicitamente das condições e dos predicados que podem recommendar o homem que distinguiste : por minha honra prometto dizer-te a verdade do que por ventura souber....

— Ah, Frederico !

— Se julgar necessario, escrever-te-ei pelo correio : tantas vezes tenho-te escripto, enviando-te assim minhas cartas de irmão, que não receio que nossos paes suspeitem o motivo....

— Oh.... não.... se for preciso escreve-me, e se não fór preciso, meo irmão,

escreve-me ainda e sempre como d'antes.

— Confias pois em mim?...

— Como em meo pae e em minha mãe.

— Pois bem, Candida; hasde ver até onde chegará a minha lealdade cruel para qualquer de nós dous, severa contra o teu amor, ou tremenda para o meo sacrificio.

— Tu amas-me ainda, Frederico?

— Que te importa, se sobre tudo quero-te feliz?... despedindo-me de ti por poucos dias, deixo-te dous conselhos, minha irmã.

— Quaes? juro segui-los ambos.

— Não te compromettas; continúa a ser prudente. e espera-me: este é o primeiro.

— No primeiro ganhei um elogio: e o outro?

— Resguarda-te da tua mucama; é uma negra perversa.... capaz de infamar o teu nome.

— Como?

— Resguarda-te....

Frederico não poudo dizer mais. Florencio da Silva, Leonidia, e Liberato estavam já bem perto d'elle e de Candida, a quem vi-nhão reunir-se no jardim.

Na manhã seguinte Frederico partio para a Corte.

XXXII.

O nobre defensor lá se ia, e a mucama-escrava ficava ao pé da victima.

Frederico mal podia pezar o gráo immenso da sabedoria do segundo e ultimo conselho que deixára á Candida.

Lucinda estava sendo junto de sua senhora o demonio tentador, a guarda avançada que preparava o assalto da seducção.

Dedicada a Souvanel, pelo vicio alimentado no presente, pelo vicio esperançoso do futuro, esqualida amante sem ciumes, a mucama escrava comprada pelos favores lascivos do francez, contando com a emancipação promettida, e com a *sua fortuna* feita por elle apaixonado de seos desenfreados transportes, ou por outros successivos liber-

tinós ricos e depravados, assediava sua senhora com os sophismas rudes, mas sempre sinistros e formidaveis quando fallão ao amor inflammado por violentos ardores.

Frederico o não pensava, e Lucinda uma hora em cada noute, muitas vezes em cada dia, lançava em rosto a Candida a frieza do seo amor, a offensa que a sua virtude *exagerada* irrogava á confiança que merecia o seo amado, quando lhe negava a nocturna conferencia, que elle pedia teimoso, e já resentido, ou antes artificialmente resentido.

Frederico o não pensava, e a mucama escrava predispondo a conferencia reclamada, exigida em duas e tres cartas vulcanicas por dia, encorajava, excitava Souvanel, recebendo-o em deshoras por mais de uma vez no quarto do pagem, o *fiel* de Florencio, e vendido a Souvanel, no quarto do *eseravo*, por onde se mostrava caminho aberto para se ir ter ao quarto da donzella.

E quem sabe o que já imaginava o pagem, quando, abrindo a janella em horas mortas da noute saltava para fóra, e Souvanel saltava para dentro do quarto, onde a negra o recebia ?...

Candida tinha ao menos triumphado até então das scilladas e dos seductores invi-

tes da mucama e do francez, e não tinha idéa das escandalosas relações de um e outra ; mas desde a ultima noute de festa prevenida por Lucinda contra Frederico, e d'elle desconfiada ainda mais por certo *quê* de triste, desgostoso, e contrafeito, que achava no trato de sua mãe, presumira-se atraíçoadá em seo segredo pelo irmão adoptivo, e pagando fingimento por fingimento, e amando em dobro Souvanel pelo impulso da reacção, presentia a falsidade na lealdade, e suppunha encontrar a dedicação na traição.

A desgraçada victima duvidava de Frederico e o enganava com as mais suaves e meigas demonstrações de seguridade, e attendia perdida de amor ás instigações tentadoras e traiçoeiras de Lucinda, que sublimavão a paixão ardentissima de Souvanel.

Frederico punha condições ao amor de Candida ; Lucinda lisongeava-o plena e absolutamente ; é claro pois que Lucinda se faria ouvir mais facil e agradavelmente do que Frederico.

Entretanto Candida cogitava perplexa e inquieta na recommendação que recebera para resguardar-se da sua mucama: não podia crer que Frederico se abaixasse á

mover intriga contra uma escrava e em sua consciencia, lembrando os máos conselhos e insistencia de Lucinda no empenho de faze-la prestar-se á conferencias com Souvanel, estava reconhecendo a sabedoria da recommendação.

Mas que motivo teria inspirado á seo irmão adoptivo, o máo conceito em que elle tinha a sua mucama? Candida perdia-se em vagas conjecturas, e promettendo á si mesma acautelar-se, prevenindo-se contra Lucinda, mostrou-se como até então desacautelada, julgando que não podia prescindir dos serviços della, para continuar á entreter sua correspondencia amorosa com Souvanel.

Foi assim que na noute do mesmo dia em que Frederico lhe annunciára a sua viagem, e o fim que o levava á Côte, ella, que tinha-se já abalançado a escrever á Souvanel para consola-lo das negativas de conferencia, relatou-lhe em minuciosa carta o facto que á ambos devia interessar tanto.

Lucinda, recebendo a carta de sua senhora, e habituada ás mais intimas confidencias do seo amor, não hesitou em perguntar se sobreviera alguma novidade.

Candida não quiz alvoroçar a mucama com reservas, á que ella não estava acostumada,

e referio-lhe o objecto da viagem de Frederico.

— Ah! dice a escrava; espere minha senhora pelas boas informações que hão de vir: o moço francez vae ter todos os vicios, e será bem feliz se não lhe imputarem alguns crimes.

— Como? Frederico é incapaz de aleives.

— Minha senhora, o senhor Frederico é hypocrita.

Candida olhou severamente para Lucinda e dice-lhe:

— Não quero que falles de meo irmão por esse modo.

A escrava curvou a cabeça.

Passados alguns momentos a senhora, adoçando a voz, perguntou:

— Quando poderá Souvanel receber a minha carta?

— Amanhã, minha senhora.

— E a resposta?... te-la-ei amanhã mesmo?

— Talvez.

— Ah, Lucinda! tu não sabes, como é grata e suave a leitura de uma carta do homem á quem se ama!

A mucama animou-se de novo.

— Faço idea; respondeo; ha porem couza ainda mais grata e suave.

— O que ?

— Ouvir da propria boca do amado, em conversação secreta, isso mesmo que elle escreve e muito mais que elle não pode escrever.

— Lucinda ! que teima !...

— Pois se minha senhora está com vergonhas e medos de menina tola ! é couza do outro mundo uma moça conversar em segredo, com o moço que hade ser seo marido?... e elle que a não vê mais, e deseja tanto ve-la ?

— Não insistas mais nisto ; eu t'o prohibo.

— O moço francez hade pensar que minha senhora tem medo d'elle, e de si....

Candida corou, e revoltou-se : não se conteve e dice :

— Frederico tem razão.... devo acautelar-me de ti !

A mucama recuou um passo perturbada ; mas logo depois satanicamente inspirada, perguntou :

— Elle dice á minha senhora, que desconfiasse de mim ?

— Dice-me.

Lucinda levou á boca ambas as mãos como para conter uma risada.

— Que é isso?...

— Minha senhora, o senhor Frederico não tem razão; mas tem motivo....

— Dizes que tem motivo?...

A escrava sorrio-se ignobilmente, e murmurou, abaixando os olhos:

— A gente ás vezes é má e offende sem querer....

— Como?...

— Era possível que elle viesse á casar com minha senhora...

— E então?...

— Eu fiel á minha senhora, e elle.... tão feio....

Candida tinha já comprehendido; mas estouvada e louca, prelibando o ridiculo, dezejando rir, e acostumada á divertir-se com os cazos lubricos, que lhe contava a mucama, dice, fingindo-se enleuada:

— Explica-te, Lucinda.

A explicação foi mentira indecente e escandalosa, em que a negra devassa se ostentou esquivada, reluctante, e recatada principalmente em respeito e por fidelidade á sua senhora.

Candida que começava a ouvir a improvisada historia, rindo-se, acabou, voltando o rosto com repugnancia e nojo de Frede-

rico, que todavia nunca se lembrara de abai-
xar os olhos sobre a negra que alias era
amante de Souvanel.

XXXIII.

Embora insufficiente e por demais fiada, a zelosa e nobre intervenção de Frederico no amor insensato ou pelo menos arriscado de Candida, tinha provavelmente poupado a inconsiderada donzella á reprehensíveis erros.

Candida experimentava toda a vehemencia da saudade, que os recados e as cartas apaixonadas de Souvanel activa e frequentemente aticavão; consolava-se; porem, esperando que os sarãos e o theatro da cidade, lhe proporcionassem ternos encontros com o joven francez.

A famosa namoradeira não cuidava mais em entreter os cultos de seos antigos adoradores; absorvida toda no amor de Sou-

vanel, lembrava-o, desejava-o, e prelibava anciosa, a hora encantada e suavissima, que lh'o mostrasse no theatro, ou que a approximasse delle em algum saráo.

Mas o theatro se reabrira poucos dias depois da festa do natal, uma sociedade de baile dera a sua primeira e brilhante reunião mensal, no novo anno, e Leonidia, queixando-se de soffrimentos e de alterações em sua saude. se esquivára, e privára por tanto sua filha de todos esses divertimentos,

Não escapou á Candida a inexplicavel differença de seo pae, que abandonava sem os soccorros da sciencia, os padecimentos que sua mãe accusava.

Leonidia dizia-se doente, e Florencio da Silva, marido extremo, não se apressava á chamar medicos que regenerassem a saude da espoza tão amada, que nem se resentia desse descuido insolito.

Candida não se illudio.

— Enclausurão-me: pensou ella; é um systema de vida calculado e ajustado, que se me impõe. Meo pae, minha mãe, Liberato e Frederico estão e trabalham de accordo.

E ella por isso mesmo amou, ou suppoz amar com ardor ainda mais vivo á Souvanel.

Os amorosos bilhetes do joven francez a incendiavão.

Lucinda desmoralisada e perversa alimentava e aticava o incendio.

O supposto systema de oppressão excitava o ardimento da reacção.

A primeira carta de Frederico chegou pelo correio á Candida, que recebeo-a em familia, e que, precatada, foi lel-a no seo quarto e reservadamente, sem observação alguma de Leonidia ou de Liberato, que añas tinham também recebido cartas.

— Como respeitão o segredo de minha correspondencia com Frederico !... dice consigo mesma Candida ironicamente.

A carta de Frederico, á sua irmã adoptiva, era rica de sabios conselhos; mas para Candida o importante, o essencial, estava nas ultimas linhas que dizião assim.

• Minha irmã, ainda não sei quem seja a pessoa, sobre quem tomo informações; mas posso já assegurar-te, que ou é outro o seo verdadeiro nome, ou não é, como se diz, proscripto politico. •

Candida atirou com a carta sobre a meza e dice :

— Mentira ! não hão de conseguir enganar-me.

- XXXIV.

A viagem de Frederico á cidade do Rio de Janeiro, com o fim preciso que elle tinha declarado á Candida, inquietou Souvanel, que exigio de sua amada a communicação immediata de todas as informações que recebesse, e mostrou requintar de paixão, exagerando entretanto os seus temores, do que chamava influencia inqualificavel de um rival que o aborrecia.

Porque se inquietára Souvanel?... arreceiava-se dos embustes e das calumnias possiveis de Frederico?... mas o amor de Candida era tão fraco e frivolo, que por credulidade infantil, cedesse ás aleivosas imputações que fizessem ao escolhido do seu coração?... e Souvanel que teria conheci-

mento dessas imputações, não saberia destruil-as, e, destruindo-as, não confundiria o aleivoso, e não se recommendaria muito mais, como victima innocente de rancorosa intriga do rival? além disso Frederico tão querido e attendido pela familia de Florencio da Silva, não tinha meios poderosos para contrariar e combater esse amor, que apagára suas doces esperanças, sem abaixar-se ao vil e indigno recurso, que sómente os miseraveis empregão?...

Porque se inquietára o joven francez?

E amava elle realmente á Candida?...

Se a amava, como resistia á auzencia, e afóra a sua vizita de cortezia, nem uma só vez mais fôra cumprimentar a familia, que durante algumas semanas o hospedára?...

Se a amava, como se atrevia á propor, á pedir com instancia á donzella uma conferencia secreta, á noute, em lugar suspeito, isto é, como ousava propor e *exigir* que a filha atraçoasse ao amor dos paes, que a donzella affrontasse o seo recato, que a amada se aviltasse aos olhos do amante, que a noiva se nodoasse no conceito do noivo?.... ha verdadeiro amor sem as delicadezas do respeito, que é o suave culto da estima?....

Se a amava, como torpemente ultrajava a Candida, condemnando-a á ter por ignorada rival a sua mucama?...

Souvanel não amava Candida; explorava o infeliz amor da pobre moça; ambicionando enriquecer com o seo dote, e com a herança futura que lhe caberia por morte de seos paes: não esperava que Florencio da Silva e Leonidia lhe dessem de boa vontade a filha em casamento, e immoral e infame; planejava impor-se marido por triste necessidade de reabilitação de uma victima.

Souvanel projectava seduzir Candida, e procedia com implacavel e fria machinação.

Excitava incessante a paixão da donzella em cartas ardentes e não lhe apparecia para ser mais dezejado, e tornar alguma vez, aceitavel a idéa da conferencia particular: realizado o primeiro encontro secreto, seguro estava de outros.

Comprára a janella do quarto do escravo, do *pagem fiel* de Florencio da Silva, e em deshoras ali era recebido por Lucinda; porque sem Lucinda lhe seria talvez impossivel chegar até Candida.

Tendo sabido pela fatal mucama, do dissimulado proposito com que Leonidia sequestrava sua filha das assembleas e dos diver-

timentos publicos, exasperava Candida, em-
prazando-a para se encontrarem em noutes
de theatro e de reuniões.

E finalmente interessava Lucinda no bom
resultado da sua malvada trama, e não pou-
pava instrucções, com que a escrava fosse
pouco a pouco preparando a perdição da
senhora.

O seductor nem se descuidava, nem se
precepitava.

A primeira informação mandada sobre sua
pessoa, por Frederico, fez estremecer Souva-
nel.

— Demonio ! dice elle, machucando a carta
que recebêra de Candida ; demonio ! é preciso
andar depressa... Frederico é cão de caça....

Evidentemente pois, o joven francez tro-
cára o seo verdadeiro nome pelo de Souvanel.

O seductor escreveu á Candida um bilhete
de concisão refletida. « Candida :—Morro por
ver-te : amanhã á noute no theatro, ou de-
pois d'amanhã á noute em indispensavel en-
trevista, no quarto do pagem : se me negas
na entrevista a vida, ou no theatro a con-
solação, juro que não me verás mais soffrer:
em qualquer canto do mundo te esquecerei,
morrendo : ou no theatro, ou no quarto do
pagem ; ou adeos para sempre !— *Souvanel.* »

XXXV.

O bilhete amoroso de Souvanel, era uma ridicula tirada de estragado romantismo dos pretenciosos e grotescos profanadores da escola franceza de Victor Hugo, que por seo assombroso genio se faz admirar ainda mesmo, quando tortura a verdade, descomedindo a naturalidade dos sentimentos.

Aquella imposição extrema de escolha, entre uma noute de theatro, e um adeos para sempre, escandalizaria o senso commum, senão fosse a expressão do apuro de perverso plano.

Souvanel contava, que os soffrimentos fingidos de Leonidia o auxiliassem, tornando impossivel a presença de Candida no theatro, e ficando pois á esta decidir-se exclusiva-

mente, ou pela concessão da conferencia, ou pela separação perpetua.

Candida, incapaz de raciocinar, desatinou, lendo o bilhete de Souvanel. Orgulhosa e tambem muito contida pelo receio de provocar as expansões do abafado desgosto de sua mãe, tinha até então disfarçado o resentimento da privação dos divertimentos, á que estava habituada, e não ousára reclamar contra a nova e systematica vida á que seos paes a submettião; nesse dia porém, venceo o orgulho e o receio, e pediu á Leonidia para ir á noute ao theatro.

— Não me vez doente?... perguntou-lhe a mãe.

— Minha mãe soffre: mas porisso mesmo, algumas horas de distracção devem aproveitar-lhe.

— Não: no meo estado todo divertimento, me fatiga, e me faz mal... vejo que é por amor da minha saude que dezejas levar-me ao theatro: obrigada, minha filha: ficaremos em caza, e tu me farás ouvir algumas das tuas arias á noute... prefiro o teo canto ao melhor theatro.

Candida sentio os espinhos da ironia nas suaves palavras de sua mãe. A ironia matou-lhe a esperanza de conseguir o que alme-

java, e desanimou-lhe a insistencia por inutil e inconveniente.

Como insistir, se Leonidia pretextava padecimentos?... insistir era duvidar da sinceridade, da verdade das queixas de sua mãe, e a manifestação da duvida, era um desafio á francas explicações que a consciencia de Candida temia.

Com o coração em tormentos, com a alma em allucinação, Candida, desenganada do recurso do theatro, aterrada pela ameaça do adeos extremo, da morte do seo amor, da separação perpetua do homem que amava, assombrada pela idéa do opprobrio, e dos perigos de um encontro secreto, ajustado com Souvanel, pela idéa da sua confusão nesse ultrage do dever, nesse abandono do pejo, nessa hora impudica de autorisação á todos os desejos, e á todas as exigencias encorajadas pela mais louca, indesculpavel, e vergonhosa condescendencia, Candida apaixonada, delirante, mas ainda sujeita aos melindres do pudor, e ás lições da honestidade, lutava, chorava, e estorcia-se na solidão de seo quarto, e procurava um expediente que a salvasse da situação violenta, e terrivel em que presumia achar-se.

Temia perder o amaço, temia a indigni-

dade e o labéo da conferencia secreta, resentia-se da oppressão da familia, maldizia de Frederico, julgava-se condemnada a eterno luto na vida, pela morte do amor, do primeiro, do unico amor de seo coração.

Raciocinava como as delirantes apaixonadas de desesseis annos, raciocinava menina, inexperiente, insensata, douda...

Raciocinou ou doudejou duas horas, deitada em seo leito á chorar e á delirar, pensando que pensava.

Por fim levantou-se animada, esperançosa, mais estouvada, mais louca, do que nunca até então se mostrára : suppoz ter achado um recurso...

Escreveo a Souvanel com alacridade e mão firme: • Souvanel: Nem theatro, nem conferencia secreta, nem adeos para sempre ; se me amas, serei tua : vem pedir-me em casamento á meos paes : se elles te regeitarem, appella delles para a justiça publica : podes fazer uzo deste bilhete perante ás autoridades competentes : quero ser tua, ainda mesmo á pezar de meos paes.— *Candida.* •

XXXVI.

Evidentemente o desvario desordenava as idéas de Candida e obscurecia-lhe a razão. Antes da repulsa de seos paes ao noivo que almejava, já audaciosa, descomedida e ingrata, ousava autorisar o recurso á justiça publica, contra o zelo de sua familia. Ella esquecia que a filha honesta e boa, prefere ser martyr da prepotencia de seos paes á fazer o martyrio delles; esquecia não menos, que mostrando-se facil á incorrer em tal extremo de desobediencia, facil se denunciava á perder-se em todos os desatinos que a paixão exigisse pertinaz.

Souvanel presentio todas as vantagens que podia recolher da situação delirante do animo de Candida: contava com a nega-

tiva prompta, immediata, e decidida de Florencio da Silva, ao seo pedido de casamento com a rica donzella; mas sem hesitar pelo vexame da rejeição, e animado pelo compute das consequencias do desespero da pobre allucinada, respondeo ao louco bilhete, affectando submissão ao sacrificio de ir humilhar-se á receber affronta certa; jurando porem de novo que, depois de pago esse extremo tributo ao mais ardente e desgraçado amor, vingar-se-ia da familia mais cruel, e da amante mais fraca, e insensivel, deixando-lhes o remorso do seo suicidio realizado, onde os indifferentes, e os ignorantes da sua indomavel paixão menos pudessem adivinhar quem era a cauzadora da sua morte.

O reflectido e infame seductor, escreveo, rindo-se, a ameaça do suicidio; meditou depois, relendo a carta que escrevêra, sobre o rude e mais que trivial e já ridiculo meio de intimidação que empregava; lembrando porem o resultado do seo precedente e ultra-romantico bilhete, poz illimitada esperança no desatino de Candida, acrescentou ao que havia escrito previas despedidas, adeoses, e benções á sua amada, e fazendo seguir a sua funebre resposta o competente

destino, deitou-se tranquillamente e não foi ao theatro, somente porque com razão detestava o theatro da cidade de....

Logo no dia seguinte, Souvanel que evidentemente tinha pressa, vestio seos melhores vestidos, e antes da hora em que Florencio da Silva costumava partir para a cidade, onde presidia á sua caza commercial, apresentou-se na bella chacara.

Recebido agradavelmente por toda a familia, increpado de seo longo esquecimento de procura-la, festejado pelo olhar brilhante e pelo sorrir encantado, dadivoso e já perdido e francamente amoroso de Candida, provocado pelos gracejos de Liberato, que lhe tomava contas da auzencia, Souvanel, tomando grave e estudada attitude, pedio solemnemente audiencia á Florencio da Silva.

Leonidia apprehensiva, Liberato aturdido, Candida commovida, anciosa e tomada de pallidez; ou descoramento, que denunciava cumplice conhecimento do motivo da inesperada vizita, deixarão á sós na sala Florencio da Silva e Souvanel.

Passados apenas dez minutos, Florencio da Silva chamou a espoza e os filhos, que voltando á sala, virão das janellas Souva-

nel que se retirava, fustigando o cavallo, o qual já ia á trote largo.

Florencio parecia ainda surprezo.

Candida tinha os olhos e as faces em fogo.

Leonidia, observando a filha com olhar severo, guardou triste silencio.

Liberato, curioso, perguntou :

— Porque se foi tão apressado Souvanel?... que queria elle?... sem duvida algum dinheiro emprestado...

— Mais, muito mais do que isso, a doação do nosso mais precioso thezouro... vaidoso francez!... nada menos que a nossa Candida em casamento!!!

Liberato exclamou :

— E! incrível! que preteção tresloucada!

E o irmão olhou para a irmã, para quem já olhava o pae, e a mãe á mais tempo estava olhando....

E todos tres lêrão espantados, revoltados, e como que vergonhosos, a authorisação do pedido de Souvanel, no semblante decomposto, e no tremor convulsivo do corpo de Candida.

A desgraçada moça respirava afrontada e com afflicção, convulsava, e soffria.... o vulcão ia proromper....

— Candida!... dice Florencio da Silva,
com aspereza.

— **Eu** o amo!... respondeo em grito sa-
hido **da** alma a pobre moça.

XXXVII.

A palavra sévera do pae, a censura exaltada do irmão, não erão as mais opportunas para combater a dolorosa commoção de Candida: Leonidia levou consigo a filha, e encerrando-se com ella em seo quarto, deixou-a dar livre curso ao pranto, e em vez de reprehende-la, ou de fallar-lhe á razão em hora de dezarrasoamento, contemporizou, ameigando-a, chorando tambem, e convidando-a á esperar docil e paciente do futuro, o esquecimento do amor mal empregado, ou talvez, se isso fosse impossivel, e se Souvanel viesse á mostrar-se digno de ser seo marido, o conseguimento da approvação de seos paes, que só dezejavão e querião a sua felicidade.

Leonidia, acendendo nesse conselho de docilidade e paciência, uma leve esperança no futuro, apenas era levada pelo cuidado de mitigar a afflicção da filha e de prevenir algum acto de louco arrebatamento: em taes cazos illudir, deixando esperar um pouco ao menos nos primeiros dias de mais violencia do amor contrariado, é sempre mais sabio do que a imposição dezabrida dessa montanha de gelo que se chama— *jamaiz*.

Entretanto Leonidia, apezar de mãe, seria em sua familia a ultima pessoa que se dobrasse á aceitar Souvanel por genro. Mais firme em suas resoluções sobre os filhos do que seo marido, que excessivo e vehemente na negativa do que lhe parecia inadmissivel, acabava de ordinario por deixar-se vencer principalmente por Candida, se esta chorava e insistia; Leonidia teimosa, como sabe se-lo a mulher, em seo empenho de casar a filha com Frederico, tinha ainda contra o joven francez, além da justa repugnancia que elle inspirava, por desconhecido, uma prevenção explicavel pelo facto de ser elle estrangeiro, que bem podia vir a separa-la para sempre da sua Candida, levando-a espoza para o seo paiz:

A estremosa mãe embalava pois a filha com illusões, para applacar-lhe a dôr, e porfiando nellas, vigorando-as, mostrando-as quase provaveis, confundia-se, vendo o desespero de Candida, que nem ao menos a attendia: fatigada enfim, assentou que convinha dar á inconsolavel, uma ou duas horas de solidão, e recommendando-lhe prudencia e reserva diante dos escravos, acompanhou-a até o leito, onde a abandonou soluçante e foi ter com Florencio da Silva e Liberato, que sem duvida a esperavão.

O que exasperava Candida, o que a punha em desatino não era precisamente a repulsa soffrida por Souvanel; era a sinistra ameaça deste: ella julgava possivel, provavel mesmo, triumphar da opposição de seo pae; mas incapaz de criterio, desasiada, ineptamente credula, tendo de memoria as cartas vulcanicas do francez, imaginava-o fugindo em doudo furor, desaparecido de uma vez, e perdido para si, para ella, e para Deos, no horror do suicidio.

Em sua simplicidade exagerada e menina, a donzella se arrastava para o abysmo.

O que não pudera em longa hora Leonidia, pôde em um minuto Lucinda.

A mucama entrou no quarto, chegou-se

ao leito da senhora; voltou-se, e assegurando-se de que ninguem a observava; dobrou-se um pouco para aproximar a boca do ouvido de Candida, e dice baixinho :

— Socegue.... ou abrande a afflicção....

— Como?... perguntou chorando Candida.

— Finja-se submettida.... não alerte seos paes....

— E elle?...

— Conseguiremos... talvez seja ainda possível obriga-lo a ficar....

— Mentira!

— Verá; mas não acorde seos paes; é preciso que elles durmão.

Lucinda retirou-se logo.

Candida appareceo á meza do jantar e jantou: tinha vermelhos os olhos, estava triste; dir-se-ia porém resignada.

Leonidia como que se applaudia do seo maternal milagre de consolação; pois que em segundo colloquio tinha conseguido fazer-se ouvir e fazer esperar... a illusão.

Liberato mais revoltado olhava a irmã com ar de desgosto.

Florencio da Silva, ostentando severidade, arredava os olhos para não ver Candida; mas em strabismos de amor á todo mo-

mento a estava vendo, e duas vezes levantara-se da meza sob futeis pretextos, e fora enxugar indomitias e traiçoeiras lagrimas.

O café servio-se na sala de entrada.

Depois que o creado se retirou, e passados alguns minutos de pesado silencio, o pae dice á filha:

— Tu queres matar-me, Candida?...

A filha respondeo, chorando:

— Não me vê submissa, meo pae? que posso mais fazer? amei, amo, sou infeliz e me resigno.

Florencio da Silva abraçou Candida e dice-lhe:

— Eu te farei feliz!

— Não é tanto o que eu peço...

— Então que pedes?...

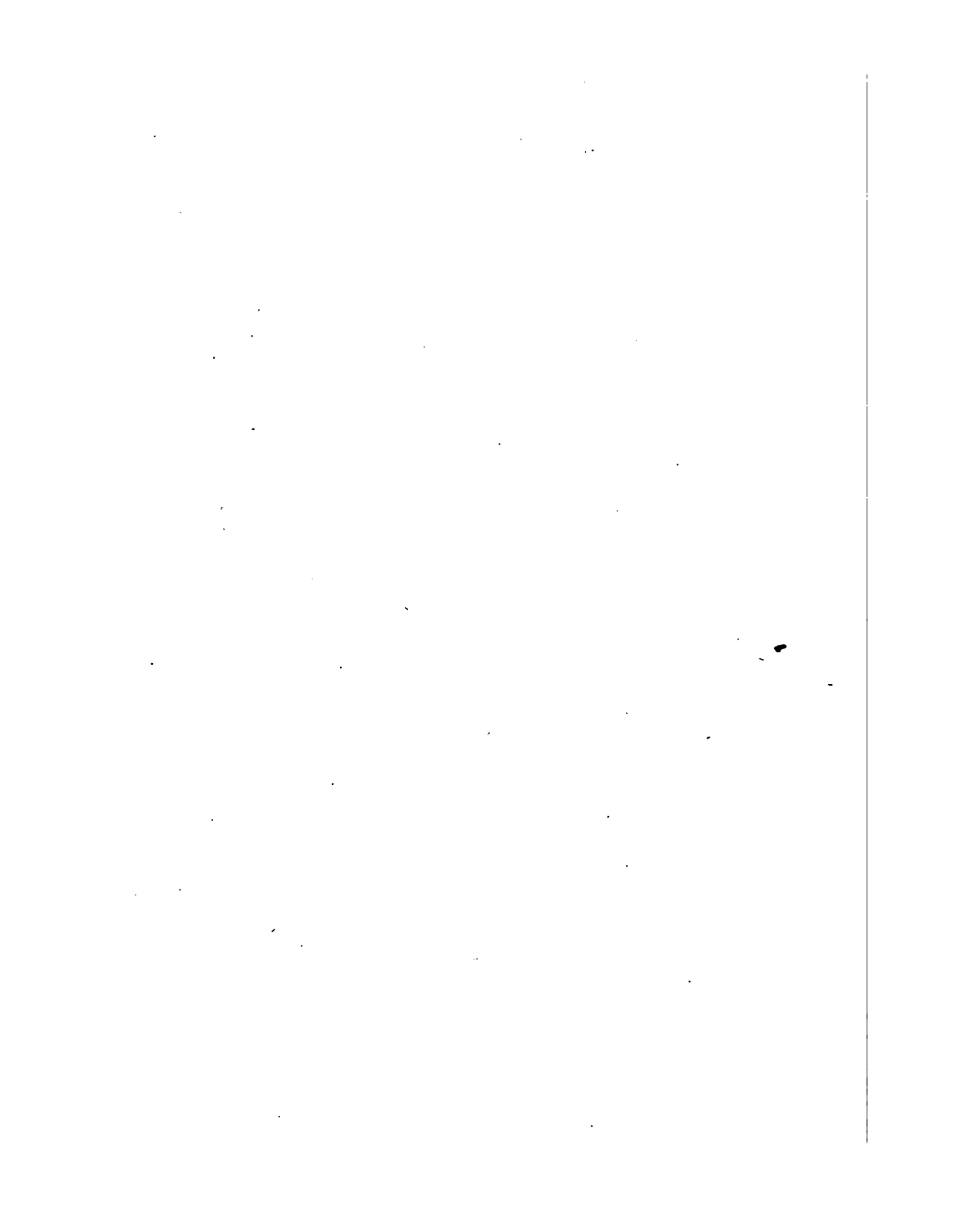
— Que não se me imponha casamento.

— Quem jámais pensou em tal imposição, minha filha?...

Candida beijou a mão de seo pae.

— Esta criança está enganando os velhos! dice Liberato gravemente.

Florencio da Silva olhou para o filho com severidade.



XXXVIII.

Em suas conferencias de familia, nesse dia em que Souvanel se abalançara á pedir Candida em casamento, o que mais preoccupou á Florencio da Silva, Leonidia e Liberato não foi a pretensão do joven francez, foi a evidente e prévia intelligencia que havia entre este e a donzella.

Souvanel não vinha mais á chacara de Florencio, Candida não apparecia como dantes nos saráos e no theatro da cidade : como pois explicar o accordo de ambos, senão por meio de correspondencia secreta?...

— Se temos inimigos de portas a dentro ! exclamára Liberato.

— E quem são?...

— Não se pergunta ; são os escravos.

Segurança e moralidade com a escravidão ninguém comprehende :

— Mas eu trato paternalmente os meos escravos: observara Florencio da Silva.

— Embora; nem é pae, nem elles são filhos; porque vossa mercê é senhor e elles são escravos: entre um e outros abysmo cheio de odio: escravos? quem os educa?... são todos abandonados á perversão dos costumes: julga-se pae o que lhes dá pão, pano, e paciência de sobra; mas a alma e o coração desses desgraçados? se lhes illuminassem as almas, adeos escravidão!.. nas trevas do espirito os corações escravos não podem abrir-se á virtude que é luz generosa, abrem-se á corrupção que tem embriaguez que olvida, noute que esconde gozos nefandos, consolação envenenada que é contraveneno dos martyrios da escravidão, Guardamos em caza a peste, e pergunta-se donde vem o contagio?...

— Tens razão; mas esqueçamos a these. e vamos ao facto: quem será dos nossos escravos o medianeiro atrevido?

— Lucinda talvez... a mucama...

— Lucinda não sahe de caza, dicera Leonidia; como pois fallaria á Souvanel?...

— Não nos previnamos com suspeitas que

podem ser injustas: cada um de nós que observe e espreite, e a verdade se descobrirá; concluiu Florencio da Silva.

E o dia passou...

E a noite que chegára, adiantava-se...

A caza de Florencio da Silva se fechára; as luzes apagáram-se todas... todas, excepto a do quarto de Candida, que velava á tremer.

Todo o ruido que assignala a vida, cessára, todo, excepto o tique-taque da pendula do relógio da sala de jantar, que marcava a marcha do tempo sempre em marcha...

O relógio annunciou tres horas da madrugada...

Como um espectro, a negra mucama em camisa, avançou pé por pé para o leito da senhora, que chorava, e que a encarou tremendo e perguntando-lhe com o olhar desvairado o que havia...

Lucinda não fallou; porém com eloquentes gestos indicou que Souvanel esperava Candida no quarto do pagamento...

Candida retorceu-se desesperada no leito...

A mucama fez com as mãos signal de fuga e de morte...

A donzella saltou do leito vestida com simples roupão finissimo, com os cabellos

soltos, com os seios á palpar entoados só o véo transparente...

Os brancos labios da senhora tocáráo o ouvido negro da escrava e murmuráráo:

— Vamos....

Mas a dous passos Candida titubiou e seo corpo abandonou-se inerte nos braços da escrava.

Lucinda carregou a senhora que acabava de desmaiar e a depoz no leito: logo em seguida sahio diligente, mas cuidadosa e subtil....

A mucama escrava tinha reflectido: o en-sejo era opportuno: por onde ella ia, algúem podia vir....

Cinco minutos depois, Lucinda tornou a entrar no quarto, trazendo pela mão Souvanel, á quem mostrou a senhora estendida no leito....

Candida tornava então á si e vendo Souvanel, estremeceo toda.... teve instinctivamente a idéa de levantar-se e fugir, fez um movimento; um esforço, e achou-se, como paralytica.... não ousou gritar... porque gritar era matar o amante.... á custo dobrou os braços sobre o peito e poz as mãos, implorando piedade....

Souvanel aproximou-se do leito virginal....

A escrava perversa apagou a luz.

XXXIX,

No dia seguinte Candida não ousou afrontar os olhos da mucama e para escapar ao castigo da sua voz, ás torturas da sua companhia, acolheu-se á sombra de sua mãe, á quem não deixou um instante.

Leonidia pensou que a filha procurava interessa-la pelo seo amor, e preparar nella uma protectora de Souvanel, fazendo-se tão branda e amiga, e mais do que assidua, inseparavel de seo lado: pobre mãe!.... pobre mãe! a desgraçada filha já estava á mercê de Souvanel.

Candida temia então, mais que nunca, ver fugir-lhe o amante; mas não era, como nos ultimos dias, por impetos de amor ainda

puro, era pelo abandono em que poderis esquece-la o seductor feliz.

Criminosa em sua consciencia, a misera lisonjeava com suave e triste agrado os seus juizes naturaes em seus paes, e buscava refugio em sua mãe, para evitar o seu renorso vivo, que era Lucinda.

Candida perseguida pela memoria algez, Candida á seus proprios olhos indigna, não poudo levar até a noute o seu tormento abafado, e sem o soccorro das valvulas das lagrimas: tinha o seio offegante de angustias, e ao cahir da tarde trançou-se no seu quarto.

Vendo-se enfim só a desgraçada moça, desatou phrenetica os cabellos e correu a atirar-se no leito... mas recuou horrorisada e foi cahir em uma cadeira, da qual se levantou agitada para passear com arrebatamento ao longo do quarto.

Tendo entre os dentes o lenço dobrado, Candida chorou desesperadamente amarguissimo pranto, que fazia lembrar dces, as mais afflictas lagrimas que até então derramára.

Candida rememorou toda sua vida; lembrou-se dos risos, da angelica pureza da infancia, do amor de seus paes, dos extre-

mos de sua querida ama, a virtuosa Adeodata, que tão suave e honesta lhe ensinava sempre sómente as noções do dever e santas lições de religião e de virtudes, e por natural contraste vio diante de si, no seo quarto, á seo lado, no posto da ama livre, a mucama escrava, Lucinda!...

E na *mucama escrava*, na influencia da companhia da *escrava*, da negra condemnada á escravidão, deleixada, desnaturada, corrompida na escravidão, nessa peste animada, que invadira o seo aposento, ella encontrou, um por um, todos os principios maleficos que a tinham levado á perdição.

Fôra a escrava que a arrancara das risinhas e serenas ignoraucias da innocencia, ensinando-lhe rudemente theorias sensuaes da missão da mulher.

Fôra a escrava, que destruiu com escandalosas explicações, a virgindade de seus ouvidos e de seo coração.

Fôra a escrava, que lhe desmoralisára, aviltára, e estragára o sentimento, levando-a pouco e pouco á pratica de namoros multiplicados e vergonhosos.

Fôra a escrava a subserviente de todos os seus namorados, a declarada inimiga de Frederico, o mais nobre dos mancebos, e

enfim a cúmplice da seducção, a traidora que se vendêra á Souvanel.

Candida lembrava Lucinda á lutar pertinaz com ella, para que concedesse conferencias secretas no quarto do pagem ao joven francez.

Candida via finalmente Souvanel, trazido pela mão da escrava até o seo leito, e via ainda a escrava chegar-se á vela... estender o pescoço... retrahi-lo depois... voltar o rosto e com olhos ardentes, com dous brazeiros nos olhos contemplar Souvanel e a victima indefeza... e immediatamente estender de novo para a vela o pescoço negro, e, malvada, apagar a luz!...

A escrava! a mucama escrava!...

Candida lembrava-se com horror de Lucinda, e em seo tormentoso meditar e padecer, em sua videncia tarda, serodia, esbarrava com uma Lucinda em cada escrava.

E embebendo sua alma na imagem de Souvanel, a infeliz moça tremia, corava, chorava, arguia o amante de abuso, de crueldade, de violencia: mas, impudica, revoltante e, — só materialmente explicavel contradicção,—não odiava, amava ainda mais Souvanel, e desfazia-se em pranto que era revolta da consciencia; porque ella perdoava

a Souvanel, e, o que é mais, o que assignala a baixeza, a miséria da humanidade, Candida abrazada de paixão no meio das angustias do remorso, perdia-se em confusão, jurando não sacrificar-se outra vez, e dezejando todavia Souvanel!...

O remorso dormitava com o desperto do amor, e então, pensando na negativa que seos paes tinham opposto ao seo casamento com o amado francez, na sua situação de dependencia extrema do noivo regeitado, na necessidade de conservar esperançoso, animado, vehemente o amor de quem já podia zombar della, no concurso indispensavel de Lucinda para manter, e activar sua correspondencia com o homem que a seduzira e que já era seo senhor, Candida obrigada á abjecção pela logica da ignominia, imaginava desculpas para innocentar a escrava, que poucos momentos antes lembrara com odio; mas de cujos serviços precisava ainda.

E, confessemo-lo, se Candida não podia desculpar justificadamente a criminosa mucama, pudéra ao menos lançar culpas iguaes ás da escrava sobre o monstro da escravidão; porque se uma era algoz, o outro a armára com o cutêlo.

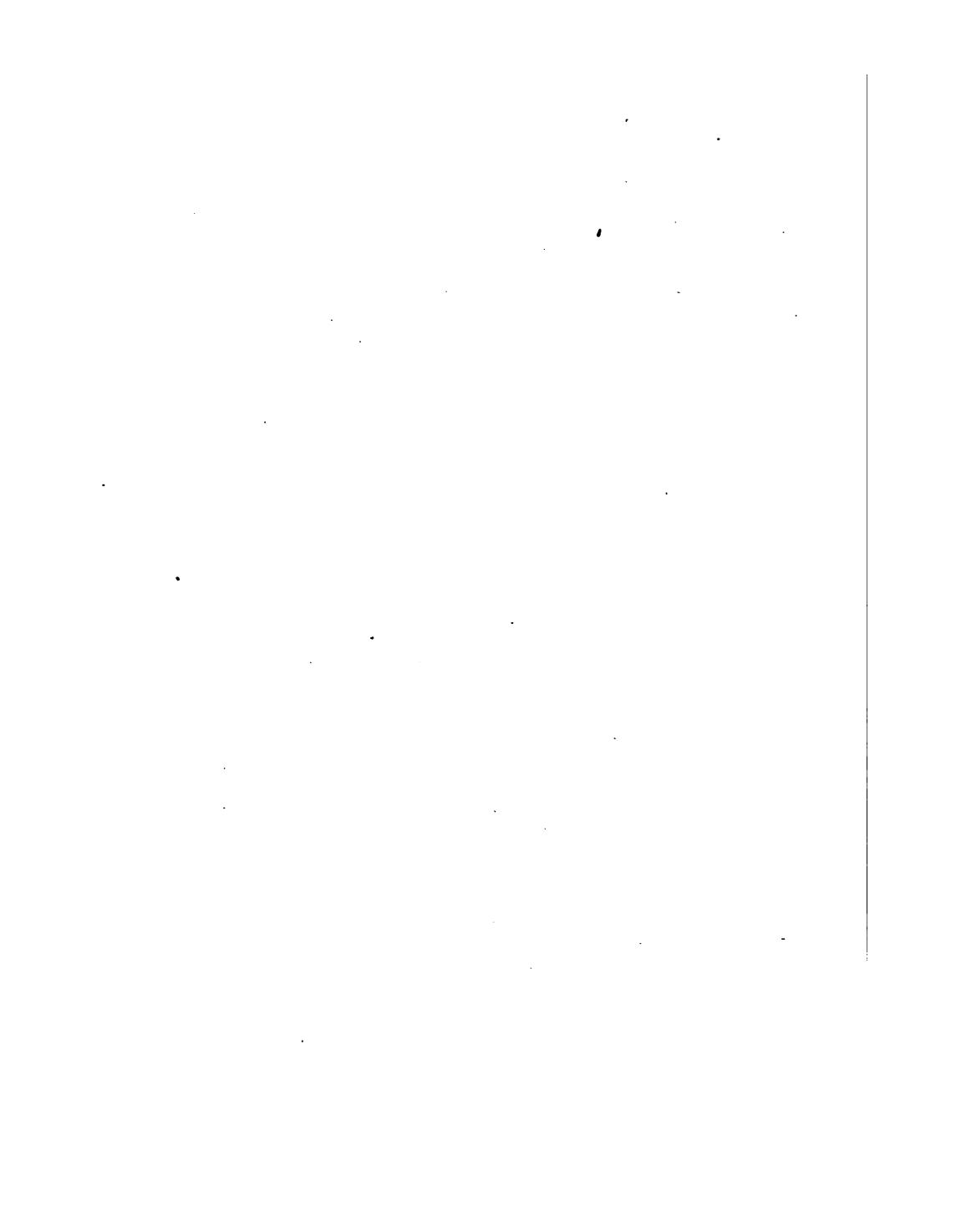
Fora Lucinda que desvairára Candida e

a arrastára á degradação; mas que era, que é Lucinda? uma escrava, mulher sujeita á condição oppressora e fatal, escrava, e por tanto mulher condemnada á licença impune dos vícios, proscrita da educação moralisadora, criada na depravação dos costumes, entregue á inoculação dos vícios: que podia pois Lucinda ensinar, senão a immoralidade e o vicio?...

Lucinda não é que tem a maior culpa: ella é o que a fizêrão ser, escrava, e consequentemente fóco de peste; porque não pôde haver moralidade, honra, culto do dever na escravidão, que é a negação de tudo isso. Que importa ao escravo o dever se elle não tem direitos?... a escrava que vive, que tem uma segunda natureza tolerada e adoptada nella, pela sociedade escravagista, no gozo sensual, na depravação dos sentidos, como hade respeitar, aconselhar, e crer o recato, a honestidade, a pureza da donzella?... a escrava é o que a fazem ser: a sociedade escravagista se envenena com o veneno que prepara e impõe. Lucinda pelo menos não é a unica criminosa: é escrava, procedeo como as escravas procedem, conforme as condições de sua condição: a maior criminosa é a so-

cidade cega e louca que põe a desmoralização junto da inexperiencia, a escrava junto da menina donzella.

Oh! pensem, meditem os paes, uma hora somente, nos perigos que ameação suas pobres filhas, condemnadas, sujeitas á influencia de mucamas escravas!!!



XL.

Candida pudera durante o dia, libertar-se do demonio que a perdêra, e para quem não tinha mais olhos, sem torturas de extremo e ignominioso confrangimento; não ousou porém á noute fechar a porta de seo quarto á mucama fatal. Como fazel-o?... Por um lado, despertaria suspeitas, apprehensões no espirito de seus paes, que exigirião explicações dos motivos do nocturno afastamento da creoula; por outro, a força moral perdida para com Lucinda, a dependencia em que ficára a senhora tão escrava da escrava, que lhe conhecia todos os segredos, e que fora testemunha do seo opprobrio, a necessidade indeclinavel emfim dos seus serviços, como intermediaria do seo já cri-

minoso amor, obrigá-la Candida á submeter-se de noute á companhia da sua mucama.

Essa submissão era um erro; mas imposto pela logica do erro; era um castigo; era o resultado da degradação da moça livre em face da escrava que podia já governal-a pela intimidação, e até pela ameaça

Candida conseguira preparar e aproveitar um ensejo de recolher-se, despir-se, á pressas, deitar-se e apagar á luz na ausencia de Lucinda: fingio-se adormecida quando a mucama entrou no quarto; esta porém, que medrosa das consequencias da sua premeditada traição, precisava reconquistar a confiança da senhora, esperou, velando, hora opportuna, a hora do mais pezado somno da familia, para ir fallar á victima da sua corrupção.

De que modo poderia a escrava malvada ganhar de novo, não a estima, mas a vontade e o animo da senhora?... só viciando-a envenenando-a moralmente ainda mais. Ella hia pois attenuar ou justificar a culpa, e portanto facilitar subsequente depravação.

Lucinda foi ajoelhar-se á cabeceira do leito de Candida, como ás vezes fazia para conversar com a senhora em voz baixa.

Candida não dormia, mas simulava dormir.

A mucama chamou-a duas vezes, dizendo :

— Minha senhora!

Candida não respondeo.

Lucinda procurou e achou uma das mãos da senhora, puchou-a para si, atreveo-se á beijal-a.

Era força acordar; Candida fez como se acordasse, e perguntou:

— Quem é?

— Minha senhora... sou eu... eu que soffro, porque me supponho aborrecida... detestada....

— Deixa-me... dice Candida, retirando a mão que a negra beijára.

— Minhasenhora se atormênta, como creança.... me aborrece em vez de estimar-me mais.... resolveo o seo destino.... vae ser por força feliz.... e se martyriza....

— Deixa-me... ou gritarei por meo pae... tu és perversa....

Lucinda tinha a certeza de que Candida não gritaria.

— Minha senhora é injusta.... se soubesse o que elle dice.... o que elle pensa.... o que elle está prompto á fazer....

Elle era Souvanel: o que elle tinha dito, o que elle pensava, o que estava prompto

a fazer, era o futuro, a vida, a salvação. tudo, absolutamente tudo para Candida.

A pobre moça, envergonhada ainda mesmo na escuridão, não repellio mais a escrava ; deixou-se porém em silencio.

Lucinda cruel, quiz obriga-la a fallar, para obriga-la a entregar-se a ella, como até á ultima noute,

— Minha senhora se presta a ouvir-me? . .

Candida não respondeo.

— Não sei que faça.... temo e não fallo... entretanto.... o que elle dice....

O mesmo silencio.

— Minha senhora está implacavel.... não quer ouvir-me.... a victima sou eu.... paciencia.... eu me vou embora....

Candida murmurou tremendo :

— Falla....

— Ainda bem ! minha senhora toma juizo : que fez ? o que outras muitas teem feito em situação desesperada.... assegurou a sua felicidade com o favor prévio, que predeo e escravizou o seu amante, e tornou impossivel a opposição de seos paes a um casamento ditoso, que vae em breve realizar-se....

— Ah !...

— Hontem, saindo d'aqui, elle me dice :

« que anjo ! agora sim, eu me reconheço amado, e morrerei por ella ! adoro-a mil vezes mais.... se fôr preciso, confessarei minha dita á familia da minha noiva, e ou com approvação de seos paes, ou pela intervenção da justiça, ou azilando em minha caza Candida fugitiva do lar oppressor, Candida será minha esposa legitima, ou eu seria o mais infame dos homens....

— Elle.... dice isso ?...

— Chorando, minha senhora.... o moço francez está como doudo.... a sua paixão toca ao delirio.... para elle minha senhora tornou-se objecto sagrado....

— Lucinda ! não me illudes ?

— Ah minha senhora ! experimente, se a illudo.

Candida estremeceo, como se a ponta de um punhal a tivesse tocado.

— Experimentar ?... de que modo ? perguntou com voz abalada por turva desconfiança.

A mucama respondeo.

— Elle diz que está prompto a obedecer a minha senhora, como seo escravo, e que minha senhora póde impor-lhe todo e qualquer sacrificio, na certeza de ver cumprida a sua vontade, menos só....

— Menos que?...

— Deixar de ama-la, e sujeitar-se á ve-la esposa de outro....

— Eu.... esposa de outro....

— Minha senhora experimente pois, se a illudo: mande pedir, ou ordene qualquer prova bem difficil de amor ao Sr. Souvanel.

— Que posso eu pedir-lhe senão que me salve?...

— Elle pensa nisso; está resolvido a tudo que minha senhora quizer; diz porém que tem um plano seguro....

— Qual?...

— Não m'o quiz explicar: julga que o bom resultado do seo plano depende do maior segredo e que sómente á minha senhora....

— Que me escreva; disse rapidamente Candida.

— Era isso mesmo e que elle pretendia fazer hoje; mas....

— Mas o que?...

— Meos senhores velhos, e meo senhor moço desconfião, que minha senhora e o Sr. Souvanel se escrevem, e os pagens recebem ameaças vagas, que só um entendido, e esse não ouza por ora continuar a ser portador das cartas....

— E então.... Lucinda?...

— E' preciso esperar, minha senhora.

Candida abafou um gemido.

— Esperar.... até quando?...

— Até que elle possa escrever-lhe ; não ha outro recurso ; porque.... minha senhora não deve mais expor-se....

— Oh ! nunca..... murmurou Candida aterrada.

— Tambem elle pensa assim.... não por si ; mas por minha senhora....

— Tambem elle?... dice a infeliz moça, sobressaltando-se.

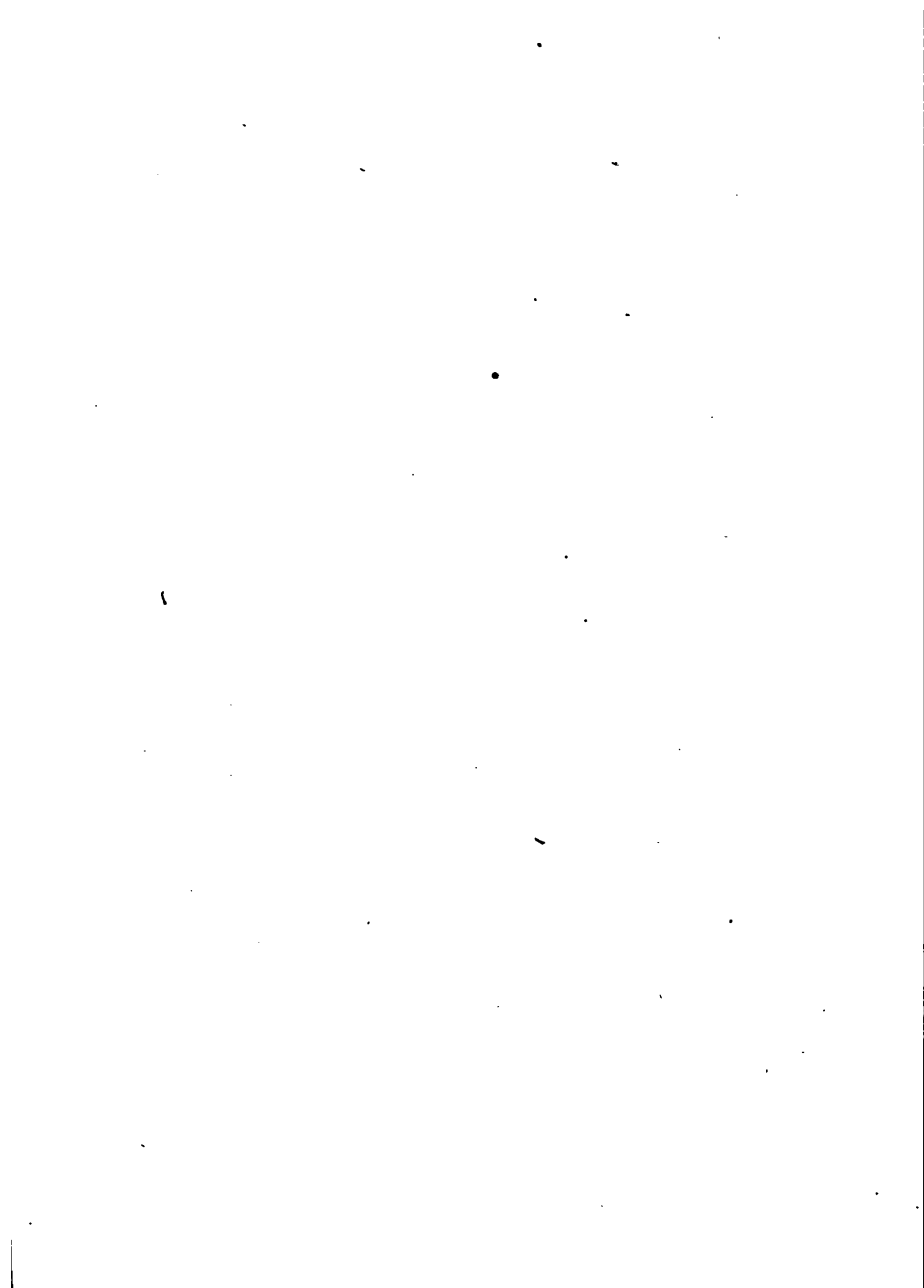
— Não por si...., repetio a perfida e malvada mucama.

Candida poz-se a chorar.

— De que chora?...

— E hontem?... porque não pensou elle assim.... e tu.... porque....

Os soluços cortarão a falla á victimã.



XLI.

Lucinda não se esforçou por tranquillisar o espirito inquietado e apprehensivo de sua senhora, que se espantára da subita e inesperada prudencia do amante. Sem duvida este e a mucama tinham-se entendido sobre o mais efficaz artificio para aggravar os erros, e levar até ás mais vergonhosas condescendencias o desvario da mizera sacrificada.

Candida contava ter de rezistir, em porfiada opposição, aos dezejões e as exigencias mais vehementes de segundo encontro nocturno com Souvanel, e no meio de mil recados e protestos de paixão, facil de manifestar-se em palavras, recebeo o golpe

do frio calculo de uma prudencia inverosimil em amor apaixonado!...

A infeliz não dormio, para pensar em tudo, menos somente em novo laço armado pela traição: imaginou Souvanel prompto a abandona-la; imaginou-o condemnando-a pela fraqueza, e punindo-a com o desprezo merecido; em momentos de fugitiva e ditosa allucinação, imaginou-se tambem sagrada aos olhos do amante pela enormidade do sacrificio; mas immediatamente cahindo do céu no abysmo, e baixando ás misérias materiaes, revolvendo-se nos lódos da terra, a mizera imaginou-se, ainda, mulher sem condições de encantamento, pobre taça que não tinha o dom da embriaguez; não imaginou porém, um só momento, Lucinda a empurra-la para a infamia, e Souvanel á espera-la no sorvedouro da corrupção.

A' suave frescura da madrugada, Candida adormeceu; mas breves horas depois acordou em afflictivo sonho e vio diante de si a mucama, que pondo na boca um dedo, e com os olhos indicando-lhe ouvidos suspeitos na sala de jantar, chegou-se para ella e dice-lhe em voz de segredo:

— Elle veio ás duas horas da noute e deixou este bilhete ao pagem que lhe abre a janella.

Candida tomou com ardor o bilhete, e abrindo-o, leo á tremer: « Perseguem-me; sob a ameaça de prisão estou homisiado na caza de um amigo: é por ti que soffro; mas heide tudo arrostar por ti. Talvez me prendão ou me matem em breve: que importa? eu te amo, e não fugirei aos perigos: tenho uma idéa salvadora e infallivel: fico e ficarei desafiando a perseguição e a morte, emquanto não me desprezares e até que marques a noute em que me deves ouvir e resolver de uma vez sobre o nosso destino. Adeos....— *Souvanel.* »

Candida sentada no leito, tremula, em desalinho, fóra de si, perguntou á Lucinda:

— O meio de chegar uma carta a Souvanel?

— Nenhnm: é impossivel.

— Um recado ao menos....

— Ninguém se atreverá... minha senhora não faz idea do que vae pela caza....

— Mas para que eu falle á Souvanel?

— Ha signal convencionado entre elle e o pagem: é um ramo de flores deixado em certo ponto do bosque vizinho.

— Quero fallar á Souvanel esta noute no quarto do pagem... tu me acompanharás, e não me deixarás um só instante... á menos

se eu te mandasse sair... e eu não o mandarei... mas é indispensavel... preciso ouvir Souvanel...

— Elle virá; dice a mucama que se mostrava tristemente commovida.

E logo retirou-se com ar serio e temeroso; quando porem voltou as costas á senhora, sorrio-se maliciosa e triumphantemente.

Candida se deixava outra vez cair na rede da perfidia.

A escrava vendia ou revendia a senhora.

XLII.

Saindo de um sonho angustiado, ainda sob as impressões crueis do suspeito enregelamento do amante, mal acordada e logo sujeita aos terrores inspirados pelo bilhete inesperado de Souvanel, Candida sem reflectir e obedecendo ao primeiro impulso do amor alvoroçado, tinha marcado um novo encontro, em que provavelmente seria pela segunda vez escrava do amante algoz. Ella o comprehendeo, tremendo de vergonha e de medo, logo depois do desperto da consciencia; era porém tarde: o convite e o emprazamento já estavam dados e Lucinda desapparecera.

Quando voltou ao quarto para vestir a senhora, a mucama dice:

— O pagem foi pôr o signal no lugar ajustado...

— Que pressa! observou Candida.

— Mas se é preciso aproveitar occasiões, minha senhora!

O dia estava como destinado para o recebimento de cartas importantes.

Candida recebera o assustador bilhete de Souvanel ao despertar de manhã.

A' tarde chegarão, vindas pelo correio, cartas de Frederico para Candida e Leonidia.

Emquanto sua mãe lia a carta do filho adoptivo, que muito longamente lhe escrevera, Candida foi para o seo quarto e com desconfiança e curiosidade leo tambem a que lhe era dirigida e que dizia assim : « Minha irmã.—Já sei demais para te fazer chorar: o verdadeiro nome do falso Souvanel é Paulo Dermany, que fugio de Marselha, onde era caixeiro de uma casa commercial, porque, phrenetico jogador, não só roubou avultada quantia ao amo, como houve dinheiro, falsificando as firmas de diversos negociantes. O ministro da França no Rio de Janeiro descobrio Dermany e lhe faz seguir a pista desde a sua passagem por esta capital, tendo já requerido ao nosso governo a sua extradicção. Por escrupulo,

talvez exagerado, de generosidade, fiz prevenir a esse desgraçado mancebo dos perigos que corre. Mando-te incluso o retrato photographado de Dermany: é um dos exemplares remettidos pela policia franceza para ser mais facilmente reconhecido e prezo o criminoso. Minha pobre irmã, semelhante homem é indigno de ti: esquece-o, repelle-o, salva-te. Tenho a certeza de que o falso Souvanel já, em consequencia dos avisos, que de mim recebeo, terá desaparecido da nossa querida cidade; se porém assim não for, autoriso-te á communicar-lhe esta minha carta. Minha irmã, chora tuas illusões perdidas; mas agradece á Deos a luz salvadora, que ainda te chega á tempo. Adeos: recebe o coração todo irmão de—*Frederico.*»

Candida, acabando de ler a carta, ficou immovel, e como pasmada e estúpida á olhar, ora para o papel, ora para o retrato de Souvanel ou de Dermany ..

No fim de alguns minutos rio-se com o rir da demencia e murmurou:

— A luz salvadora... que ainda... me chega... á tempo!!!

E rindo insensata, corrião-lhe dos olhos lagrimas em fios...

Logo depois terrível reacção nervosa, lançou-a no leito em convulsivo tremor, e em seco e violento soluçar...

Uma hora passou assim, hora de angustiado arrependimento, e de torturadora agitação do corpo em contracções dolorosas, da alma em suspensão de capacidade para reflectir.

No meio desse indizível soffrimento a victima adormeceu: a natureza cansára; duas noites de vigilia tormentosa, e a declinação da crise nervosa, tinham imposto á misera moça o favor do somno.

Quando Candida despertou, tremeo, encontrando em pé e a olha-la Leonidia, que tinha em suas mãos a carta e o retrato mandados por Frederico.

A mãe procurou socegar a filha.

— O que Frederico te escreveu, escreveo-me tambem: agradece-lhe os santos cuidados, e segue-lhe os sabios conselhos de irmão.

E assim dizendo, Leonidia sahio.

Candida sentio frieza cruel nas palavras de sua mãe, que lhe deixára a carta de Frederico, e fizera em pedaços o retrato de Souvanel: ergueo-se exaltada, e loucamente prendendo-se á taboa ultima, á extrema esperanza de naufrago:

— Tudo isto é falso ! exclamou: Souvanel é innocente, calumniado, perseguido ameaçado de morte, porque eu o amo !....

E diante do toucador, concertando seo penteado, e depois os enfeites do corpinho de seo vestido, dizia ainda :

— Esta noute darei á Souvanel a carta de Frederico.... observa-lo-ei, verei a verdade na confissão muda da sua physionomia, e se a calúnia o fêre, se a prepotencia nos persegue, serei delle ápezar de todos....

E meditando, radiou de alegria triumphal, dizendo, ou pensando :

— Que recurso facil e seguro ! se Souvanel é criminoso, não ouzará mostrar-se, disputando a minha mão de esposa perante á justiça publica; se o ouzar é porque não tem crime, nem teme a acção da justiça : heide propôr á Souvanel que amanhã mesmo requeira a autoridade competente o deposito da minha pessoa fóra da caza de meos paes, e o favor da lei para o nosso casamento....

E em seo apaixonado delirio ingrata aos paes, e toda abandonando-se ao louco amor votado á um homem mal conhecido e pelo menos já muito suspeito, Candida foi procurar sua mãe.

A caza estava em movimento. Florencio

XLIII.

A viagem de Florencio da Silva e da sua familia á cidade do Rio de Janeiro tinha sido resolvida no dia em que o falso Souvanel pedira Candida em casamento, mas feita precipitadamente, em consequencia das informações, que sobre o reconhecido Dermany, mandara Frederico a sua mãe adoptiva.

Leonidia agigantara tanto os perigos á que poderia achar-se exposta a filha, apaixonada por homem tão ouzado e destimido, que nem recuava diante do crime, que a partida para a capital foi immediatamente determinada, áfim de afastar Candida para bem longe de Dermany.

A cidade do Rio de Janeiro offerencia para o cazo á Leonidia, dous grandes recursos :

os theatros, bailes e passeios da Côrte, poderiam levar Candida á esquecer mais facilmente o seo infeliz amor, e não era presumivel que o seo fatal pretendente ouzasse apparecer, onde mais devia arreceiar-se da acção da autoridade, pois que, conforme escrevera Frederico, embora não houvesse tratado de extradicção entre o Brasil e a França, o governo brasileiro se prestára ao favor que lhe requerera o ministro francez, mediante promessa de reciprocidade.

Entretanto Leonidia commettêra innocente erro, fazendo Lucinda acompanhar sua senhora, e por outro lado não contara com a audacia de Dermany. Lucinda era o mão genio, era a alavanca da seducção ao pé de Candida, e Dermany devia por certo pensar, que casando com a filha de Florencio da Silva, acharia neste um protector, e talvez no soccorro de sua riqueza, meios de annular a perseguição que movião contra elle as victimas dos crimes que perpetrara em Marselha.

Florencio da Silva, chegando com sua familia á capital, hospedou-se em um dos melhores hoteis; mas no fim de tres dias achou-se de boa caza, mobilhada com elegancia na rua do Lavradio, para viver mais ao gosto dos costumes brasileiros.

Candida tinha feito a viagem em revolta de lagrimas, que apenas refreava diante de olhos estranhos; chegada porém a cidade do Rio de Janeiro, pouco a pouco deixou de chorar e cahio em abatimento e melancolia. Violentas e terríveis haviam sido as suas emoções nos tres ultimos dias passados na chacara de seo pae: dôr desesperada, hora de perdição, remorsos, extrema esperança ainda afflictiva, pela offensa ao proprio decoro e á sua familia, emfim um raio fulminador na carta de Frederico, e a partida inesperada impedindo a segunda, derradeira e peremptoria confidencia com Souvanel ou Dermany, erão certamente de sobra, para despedaçar o coração da desgraçada moça.

A forçada imposição da viagem, fizera Candida duvidar ainda uma vez da lealdade de Frederico, e da veracidade das noticias crueis que este lhe mandára, e reputando innocente o seo Souvanel, chorára-o longa e teimosamente, chorando-se tambem : a pobre sedusida amava sempre e perdidamente o seo algoz.

No hotel, e logo depois na caza que seo pae tomára, retrahio-se a infeliz moça, recebendo Frederico ; mas obrigada a ouvi-lo, sujeita á influencia poderosa do mancebo,

cuja virtude e generosidade brilhavão como os raios do sol, não poudo resistir ás provas dos crimes e da identidade de Dermanny, a quem não tornaremos a chamar Souvanel, e afundou-se no abatimento e na melancolia profunda, que erão filhos da convicção da infamia do seo amante, e da indignidade em que ella propria se reconhecia.

Amava ainda muito e apezar seo Dermanny, e teria vexame de ser esposa de um.... ladrão; não amava homem algum, senão elle; mas se chegasse a amar não ouzaria pensar em ser esposa: que tormento e que castigo !...

Candida encontrava um unico recurso nos immensos horizontes da vida.... um unico; era não casar-se nunca: era viver sem esperança da vida unica da senhora honesta.

No seo meditar solitario e turvo ella ás vezes dizia a si mesma, sorrindo amargurada á sua consciencia; como a victima pôde sorrir ao carrasco:

— Sou.... fiz-me proscripta de amor.... sou.... fiz-me galé perpetua do opprobrio.

Florencio da Silva e Leonidia, vivião a imaginar divertimentos e prazeres para entreter, consolar e distrair Candida.

Frederico ajudava-os nesse empenho, es-

tudava o animo da irmã, e suppunha velar
melhor que o cão das Hesperides por essa
fortaleza que tem mil brechas vizíveis e
mais de mil brechas invizíveis e que se
chama — coração de moça.

Liberato, o impetuoso, ficára na cidade
de... diringindo provisoriamente os nego-
cios da caça de seo pae.

E junto de Candida estava sempre a mu-
cama-escrava, Lucinda, a confidente, o ge-
nio do mal, a *victima-algoz*, a escrava des-
moralizada, o demonio.

XLIV.

Quem menos lamentára, e antes applaudira a mudança temporaria da residencia de Florencio da Silva para a cidade do Rio de Janeiro, fôra Lucinda.

A creoula sonhava com a capital, tinha por ella certa especie de culto perverso, adivinhava os seos mysteriosos escandalos, e adorava-os em sua imaginação de escrava viciosa.

Lucinda mais de uma vez procurára consolar a senhora; mas a sua consolação repugnava por infame.

Vendo Candida submergida em pezada tristeza, dicera-lhe :

— Minha senhora, não se mate assim; o infortunio foi grande; mas se é irremediavel, o que convém é remedia-lo.

Em outras circumstancias Candida ter-se-ia rido da observação contradictoria da mucama; na sua situação porém, perguntou amargurada :

— E como se remedeia o irremediavel?...

— Olhe, minha senhora : o moço francez, o Sr. Souvanel é o mais bonito e o mais merecedor dos homens, e foi feito para seo marido; mas se é irremediavel o perde-lo, como parece....

— Então?...

— O remedio é ter paciencia, e minha senhora consolar-se, procurando ou aceitando algum outro moço bonito para marido.

— Eu?!!!

— Sim, minha senhora.

— Eu?!!!

— Que tolíce, minha senhora ! eu não digo que esqueça o moço francez; mas no cazo de ser impossivel o casamento com elle, minha senhora não se hade condemnar á vida de freira.

— Oh se heide!... eu o amo sempre!...

— E se elle morrer?... se seguir prezo para França, como se diz que seguirá?...

— Nem assim mudará o meo destino. Eu só posso ser esposa de Dermany.

— Porque, minha senhora ?

— Lucinda ! murmurou a moça, abaixando o rosto envergonhada.

— Que tolice de minha senhora ! repetio a miseravel escrava ; que tolice !... com a riqueza de seo pae....

Candida levantou a cabeça, e dice :

— Infamia !...

Lucinda mudou de tom, e com voz sumida, soprou algumas palavras de segredo importante no ouvido de sua senhora ; esse segredo porém, devia ser esqualido ; porque a moça, revoltando-se, tornou com voz surda e immensa perturbação :

— Duas infamias....

A mucama estava habituada a vencer pela insistencia e pela teima a opposição da senhora, e consequentemente em suas conversações nocturnas, ou das horas dedicadas ao toucador, foi sempre perseverando nas mesmas idéas, e até já tinha sido portadora de amorosos recados de um bello mancebo que se enamorára de Candida, quando de subito mudou de rumo e de systema, e voltou a proteger a causa considerada perdida de Dermany.

Candida sobressaltou-se, notando a extraordinaria transformação do modo de pensar da escrava.

— Dermany está na cidade?... perguntou, estremecendo.

— Sim, minha senhora, está.

— Ah! expõe-se por mim?

— Como um louco.

— Ama-me pois ainda?

— Apaixonadamente.

— Onde o vês? onde te falla?...

— Só á noute.... no saguão da caza.... coitado! vem vestido de libré de lacaio....

— Oh!... por mim....

— Só por minha senhora.

— Elle se expõe.... meo Deos!

— E' preciso salva-lo.

— E como?

— Minha senhora.... pertence ao Sr. Souvanel.

Candida tornou-se branca e fria como a neve: o sangue pareceo refluir-lhe para o coração; seos olhos cerrárão-se.

Lucinda, temendo que a senhora desmaiasse, dava-se pressa em acudi-la; esta porém repellio-a brandamente e dice repassada de dôr.

— Não ha mais Souvanel.... ha outro.... ha Dermany, que se esconde, e que se disfarça com a libré de lacaio; porque é criminoso....

XLV.

Com effeito Dermany tinha chegado á cidade do Rio de Janeiro: arrojara-se á tanto, pensando que a policia brasileira não faria grande esforço para descobri-lo e prende-lo, não tendo que punir nelle crime commettido no paiz, e porque tambem é nas grandes capitaes, onde melhor se póde occultar quem foge á justiça publica.

Dermany corrêra em seguimento de Candida, e foi-lhe facil achar a caza de Florencio da Silva, pois sabia qual era o hotel, onde Frederico estava alojado: perdeu duas noutes de improficua espera; por que em ambas Frederico em vez de sahir do hotel, voltou á elle: na terceira noute enfim o irmão adoptivo de Candida ensi-

nou, sem que o pensasse, a caza que ella habitava com seos paes ao infame seductor.

O *pagem fiel* de Florencio da Silva, fôra naturalmente trazido para a cidade, acompanhando seo senhor, como Lucinda acompanhára sua senhora; os dous escravos cúmplices da seducção e do opprobrio de Candida, estavam pois alli, para abrir outra vez as portas á traição e ao crime.

Dermany, jogador furioso, tinha a audacia dos jogadores da sua tempera, e parava vertiginosamente nos lances arriscados da vida, como nas grandes e decisivas cartadas do *lasquet*. Certamente elle teria podido fugir da cidade de.... e asylar-se no interior de alguma das provincias centraes do Brasil, onde tarde ou nunca o encontrariam os olhos do ministro francez; não admittio porém esse recurso de um viver impune, seguro; mas retirado, modesto e com as privações dos gozos dos grandes focos de população.

O plano de Dermany era de ouzadia descommunal, era parada de jogador, que em desespero, atira a meza toda a sua fortuna: plano para elle de apparente simplicidade brutal, mas realmente cheio de complicações e de embarços na execução, re-

duzia-se ao seguinte:—raptar Candida e leva-la para remoto e solitario ou ignorado refugio: d'ahi escrever á Florencio da Silva e obriga-lo á lavar a nodoa da filha pelo casamento: servir-se da protecção do sogro para escapar ás perseguições ou antes á acção da justiça; insinuar-se durante um ou dous annos no animo da familia de sua esposa, recolher o dote em dinheiro e o que pudesse da riqueza de Florencio da Silva, é, abandonando Candida, fugir para os Estados-Unidos da America do Norte.

Para conseguir tanto, Dermany arrostou os perigos a que se expunha na cidade do Rio de Janeiro, e escondido de dia, e tomando á noute uma libré de lacaio, fallou e entendeu-se com o pagem, o *escravo fiel* de Florencio da Silva, renovou ainda no quarto do pagem os seus encontros secretos com Lucinda, mostrou-se cada vez della mais apaixonado, deslumbrou-a com a perspectiva do futuro brilhantemente escandaloso, que lhe preparava, e teve a certeza de contar com ella para entregar-lhe Candida.

O seductor soube pela mucama, qual era o abysmo que o separava da seduzida: Lucinda pedio-lhe cem vezes que inventasse

explicações, escuzas romanescas e ardilosas, para negar ou ao menos attenuar os crimes de que o accusavão; mas Dermany, certo de que Candida tivera conhecimento das provas irrecusaveis das suas infamias, tomára o partido de confessa-las, escrevendo á sua victima, e limitando-se á protestar o seo profundo arrependimento, á attribuir tudo á loucuras da mocidade, e a ameaçar enfurecido a pobre moça de entregar-se aos seos perseguidores e de ir morrer nas ignominias do galé, se ella não quizesse salva-lo com o seo amor.

Dermany escrevera dez cartas a Candida, subindo cada vez mais no diapazão do amor em delirio, e da ameaça em romantico furor, e conseguiu receber esta breve resposta á sua decima carta:—«Dermany: enganaste-me: estou perdida para todos; não heide porém descer mais por ti: já não me pôdes salvar; salva-te ao menos tu, fugindo. Eu te perdôo: adeos.—*Candida.*»

Lendo o conciso bilhete de Candida, o seductor irritado deixou escapar diante de Lucinda as seguintes e terriveis palavras:

— Esta resposta é um thezouro! a confissão, o conselho, o perdão e a assignatura valem mais do que pensa quem a escreveo!...

— 313 —

E a escrava poz-se á rir, dizendo :

— Ainda bem !... não perca o bilhete.

XLVI.

A demonstração plena de que Candida nascera com felizes disposições naturaes e de que pudera ter sido exemplo de recato, de honestidade e de virtudes, se não tivesse sido sujeita ao influxo perversor da companhia frequentissima, pestilencial e depravada da mucama-escrava, está em que á despeito dessa inoculação immoral das lições de Lucinda, á despeito da consciencia do vilatamento que a tornára dependente de Dermamy, á pezar do amor ardente que tributava ao seo infame seductor, envergonhava-se emfim desse amante, procurava distancia-lo, repugnava-o ou temia-o, desde que o soubera perpetrador de crimes ignominiosos.

Candida tinha amado, mais do que isso, adorado Souvanel; mas recuava aterrada diante da imagem de Dermany — o ladrão.

E concebei, se puderdes, esta contradicção por assim dizer delicadissima de sentimentos oppostos, mas persistentes e simultaneamente influentes: Candida amava sempre apaixonada a Souvanel que a offendêra, e rejeitava Dermany réo de crimes infamantes. e previamente marcado com o signal repulsivo do galé: a consciencia condemnando, o coração amando, e entre a consciencia e o coração um abysmo, em cujo fundo se levantavão a reprovação da consciencia e a tormentosa e afflictiva incandescencia do amor.

Se conceberdes essa contradicção ou luta de sentimentos, esse *não* e *sim*, essa desestima e esse amor, esse medo que faz arredar, e esse laço que aduna, essa convicção da indignidade do amado, e esse captiveiro da amante, essa repulsão e essa attracção, tereis comprehendido as tempestades, os despedaçamentos do coração, os transe da alma de Candida.

O maior infortunio, o mais chorado sacrificio, déra á infeliz moça a experiencia do mal soffrido e com esta o cauteloso temor

de outros males iguaes á soffrer. O remorso de um opprobrio a fazia horrorisar-se de outros.

Candida amava em Dermany, Souvanel ; mas em Dermany inspiravão-lhe repugnancia e horror o ladrão e o galé.

Idéa talvez pueril, Candida, amando Souvanel e esbarrando com Souvanel em Dermany criminoso, lembrava que a esposa toma o nome do marido, e tremeo de horror pensando, que poderião chamar á mulher do galé — galé, á mulher do ladrão — ladra.

A sociedade não impõe, não inflige a condemnação injustamente extensiva de semelhantes nomes, que indicação crime e punição ; mas a esposa de tal criminoso e sentenciado punido, é em todo o cazo mulher de galé, mulher de ladrão.

O crime não se estende pela punição mas a infamia do crime estende-se pelo nome á mulher, á esposa infeliz do criminoso.

D'ahi o medo e o horror que fazião Candida recuar diante de Dermany, o novo nome com inexperada e horrivel condição de Souvanel o seductor amado.

Candida amava sempre o antigo Souvanel ; mas á força se tornava cautelosa, prudente e sábia.

A cautella, a prudencia, a sabedoria che-

gavão tarde para o grande erro do passado; ao menos porém, prevenirão erros igualmente fataes no futuro.

Lucinda pleiteava incessante á favor da cauza de Dermany, era a portadora das suas cartas, a interprete de seos sentimentos, a eloquente descriptora dos seos soffrimentos e desesperos.

Candida ouvia paciente, curiosa e commovida á mucama, inteirava-se de suas conversações com Dermany; mas suspeitosa e tomada de susto, desconfiada de Lucinda, pretextara as estreitas proporções de seo quarto, sem duvida incomparavelmente inferior á sala em que ella dormia na casa magnifica da chacara de seo pae, para excluir a companhia nocturna de sua escrava, e dormir só e trancada, livre por tanto de qualquer atrevida vizita, ou invasão sinistra do seductor

Lucinda exasperava-se; mas continha-se: ao pé do toucador, ou penteando sua senhora vingava-se garrula, impudente, venenosa, da sua proscricção nocturna, insistindo sempre com a senhora para que confiasse o seo destino á Dermany, e sem dó das lagrimas que a fazia derramar, lembrava-lhe o seo maior infortunio, e o direito e o dever que assis-

tião ao amante de tomal-a por esposa : outras vezes aconselhava e pedia á Candida que, ainda mesmo para desenganar Dermany, concedesse á este uma hora, alguns minutos sómente de conversação particular.

A mízera victima resistia tenazmente com assombro da mucama, que esgotando em vão os esforços mais porfiados, mostrou-se em uma manhã mais séria e apprehensiva que de costume, e dice-lhe :

— Minha senhora vae levar o Sr. Dermany a um excesso que certamente lhe custará dias de grande tormento....

— A elle ou a mim ? perguntou Candida tristemente.

— A elle tambem ; mas principalmente á minha senhora.

— E o excesso ? qual é ?...

— Hontem o Sr. Dermany mandou-me chamar, e encarregou-me de dizer á minha senhora, que não podendo dominar sua paixão e resolvido a tudo tentar para ser seo esposo, ou minha senhora lhe irá fallar esta noute, ou amanhã elle escreverá a seo pae, exigindo-a em casamento, e remettendo-lhe como prova de seos direitos sobre minha senhora, o bilhete que ha tres dias minha senhora lhe escreveo.

A escrava tinha os olhos embebidos no rosto de Candida, que ao receber esse golpe inopinado, abysmou as faces em ondas de sangue.

A victima abraçou-se no fogo da vergonha e da colera, e instantes depois, quando poudo fallar levantou a cabeça, olhou terrivel para Lucinda e respondeo:

— Dize a esse homem....

E interrompendo-se logo, proseguio depois de um instante:

— Oh! não: a esse homem.... d'ora avante nem mais uma palavra....

— Minha senhora....

Candida impoz silencio a Lucinda.

— E tu, dice-lhe, acantela-te: se tornares a fallar-me desse homem, heide accusar-te á minha mãe para que me liberte da tua companhia fatal.

A mucama poz-se a chorar.

— Deixa-me! tornou-lhe a moça rispida-mente.

E Lucinda sahio, enxugando as lagrimas.

— Que infamia!!! murmurou Candida.

XLVII.

Frederico prevenira seo pae, de que serios deveres o retinhão na capital, junto da familia dê Florencio da Silva, e continuava á dedicar-se á Leonidia, velando por Candida. Tinha conseguido a victoria mais difficil, convencer sua irmã adoptiva dos crimes e da indignidade do homem que a apaixonara; mas não lhe escapando a luta da razão e do amor que ainda se travava no animo da infeliz, proseguia em sua nobre tarefa, atacando repetidamente esse amor desatinado com a força de vigorosos raciocinios, e com severos conselhos dados sem amargor e sem recriminações.

O generoso mancebo sabia fazer-se ouvir: fallando de Dermany, patenteava com a luz

da evidencia seos actos criminosos, e o tremendo e vergonhoso castigo que elle teria de receber; nunca porém o injuriava com insultosa qualificação, ao contrario parecia lamenta-lo, chamando-o *desgraçado*; combatendo o amor de Candida, desculpava-o, reconhecia a impossibilidade de suffoca-lo de subito, e appellando para o tempo, fulminava o desatinado sentimento, avultando suas lamentaveis e desastrosas consequencias e finalmente sem dar a sua voz o tom, e ás suas fallas a fórma de consolação, lembrava á Candida sua mocidade e sua belleza, e a segurança do mais bello noivo, á sua escolha, em prazo marcado pelo esquelhecimento, ou pelo arrefecimento do primeiro amor.

Para a triste moça Frederico tinha só um nome—minha irmã:—da sua affeição nunca fallava, da ternura de Florencio da Silva e de Leonidia sempre, e no fim de seos conselhos, todos absolutamente contrarios ao amor de Dermany, mais de uma vez declarou-se prompto a facilitar todos os meios para remover e por a salvo da justiça o *desgraçado*, se elle se prestasse a retirar-se do Brasil.

Candida abatida, obrumbrada e submersa

em afflições que escondia, ainda experimentava maior dôr ante as amplas manifestações do coração grandioso, da sensibilidade delicada, e da modesta superioridade de Frederico; ella o escutava, o attendia, o consultava com essa plena seguridade que o reconhecimento da virtude, e a mais elevada estima sabem impor. Mil vezes a misera moça já se tinha revoltado contra o amor que a infelicitava, e que a fizera espantar a serena felicidade, que Frederico lhe offerecêra, querendo-a por esposa, e embora á si mesma dicesse que nunca fôra sufficientemente digna de homem tão nobre, amargurava-se lembrando, que se tornara absolutamente indigna d'elle.

Candida não amava, admirava Frederico; e ainda á pezar seo amava Dermany: mas se o que sentia por aquelle era estima sem amor, o que sentia por este era amor sem estima.

4 Frederico estava animado e animava Florencio da Silva e Leonidia, asseverando que sua irmã se submettia ao imperio da razão.

Mas exactamente no dia em que Candida recebêra o recado ameaçador de Dermany, Frederico, tendo lido uma carta que Liberato lhe escrevêra da cidade de.... deri-

gio-se immediatamente á casa de Florencio da Silva.

Quando Frederico entrou na sala; Leonidia estava só : Florencio tinha sahido; Candida repouzava.

Pallida, agitada, nervoza, Leonidia antes de fallar, apresentou á Frederico uma carta de seo filho.

— Ah ! Liberato lhe escreveo, minha mãe ?...

— Dermany veio para a Côrte; dice com voz lugubre a triste senhora.

— Era disso que eu vinha preveni-la.... mas.... porque tão forte commoção ?.... minha mãe está soffrendo muito....

Leonidia murmurou, levando a mão ao peito :

— Talvez.... mas hade passar.... tudo passa....

E interrompendo Frederico que hia fallar, perguntou rapida :

— Receias que Candida ainda.... se deixe allucinar por esse homem ?

— Não; não; socegue: minha irmã começa á pensar bem.

— Mas Dermany... esse francez audaz...

— Dermany ?... respondeo Frederico, affectando serenidade; sobráo-nos os meios de

distancia-lo : tranquillize-se : entre elle e minha irmã estou eu.

— Meo filho, vejo bem a ruga do despeito e da colera encrespada na tua fronte ! exclamou Leonidia : que pensamento é o teu ?

Frederico sorriu-se e tornou, dizendo :

— Que pensamento ?.... é tão simples e natural ! defenderei minha irmã.

Leonidia empallideceo ainda mais, e levantando-se, dice :

— Frederico ! não quero que exponhas a tua vida !....

— Lembro-me eu de tal, minha mãe ?.... não se afflija sem motivo.

— Oh !.... alem da desgraça da filha o medo de te perder, Frederico ! porque eu sinto, eu vejo, eu sei que és capaz. ..

— Socegue, minha mãe....

— Se eu te conheço !.... não te precepitárás doudamente, bem sei ; mas passo á passo, e decidido tu irás até.... o fim e o fim ?.... que é, que será o fim ?....

Leonidia lia claro no animo do filho adoptivo e em agitação cruel gesticulava sem fallar e apenas de espaço em espaço, soltando a voz, dizia com interrupções :

— Que homem fatal !—mizera filha !....— que perigos !— meo Deos !—

Frederico procurava debalde socegar sua mãe adoptiva.

A afflicção da nobre senhora, era produzida pelo concerto de mil tormentos que a angustião : Leonidia tremia pelo receio da perdição e da deshonra de Candida, imaginava, talvez exagerada, os riscos á que via exposto o seo querido Frederico, o amado irmão de seos filhos, desesperava da realisação de seo mais doce e bello sonho da vida, do casamenfo de Candida com Frederico, e emfim, pensando em seo marido, em sua familia confrangia-se, sentindo que os pesares, e a desgraça a ferião de morte com uma molestia fatal, cujos sinistros annuncios ella estava escondendo, e que breve teria de deixar seo esposo em viuvez, seos filhos — sua misera filha sem mãe....

E Leonidia — tão feliz, tão completamente feliz até bem pouco — amava ainda a vida; mas queria a vida, acreditava que podia curar-se, restabelecer-se, viver muito, se fosse *possivel*, o que a vinda de Dermany para a capital hia talvez tornar *impossivel*....

A dôr, o medo, o amor da filha, do marido, de Liberato, de Frederico, os seos sofrimentos, as apprehensões da morte, a ternura de mãe, a louca paixão de Candida, o

seo dulcissimo sonho, a imagem sinistra de Dermany, as desillusões, a vergonha, torturavão a sensível e infeliz Leonidia.

Frederico a olhava dolorosamente commovido.

— Oh minha mãe ! que amargura é essa ? tinha elle por vezes perguntado.

Leonidia acabára por desatar em pranto.

— Não chore ! não chore assim, que me mata, minha mãe ! eu estou aqui ; eu juro que salvarei minha irmã....

Um raio de inspiração extrema, de esperança douda, illuminou o rosto de Leonidia, que estancando as lagrimas, encarou Frederico e perguntou com voz abatida, tremula, e celere :

— Um amor leviano.... amor, opportunamente vencido, deshonra uma menina ?

— Não, minha mãe.

— Candida arrependida ainda póde merecer um homem honesto ?

— Póde.... póde.... hade ser feliz : respondeo Frederico enternecido e só pensando em tranquillisar sua mãe adoptiva.

— E tu, Frederico ?... tu queres salvar Candida ?... queres dar-me a vida ?... queres pagar-me.... é pagar-me que eu digo, o leite, o berço, a criação, e o amor ?... queres ; meo filho ?!!!

— Minha mãe!... exclamou Frederico, que enfim comprehendia a situação violenta em que se achava.

Leonidia poz as mãos sobre os hombros do mancebo, olhou-o com os olhos em fogo de amor maternal, e por entre lagrimas, rio-se sem consciencia do riso, deixou-se de repente cahir de joelhos, e dice a soluçar:

— Frederico!... meo filho!... casa com minha filha!...

Levantando Leonidia em seus braços, Frederico a depôs no sophá, e cahindo por sua vez de joelhos, tomou-lhe ambas as mãos, e as beijou chorando, e exclamando:

— Minha mãe! minha mãe!

Nos escrupulos de seu brio, Frederico tinha condemnado Candida, como indigna do seu amor purissimo; mas fóra de si, vendo o santo desespero de Leonidia, sua mãe idolatrada, entre o seu brio e aquella dôr suprema, poz todas as suas esperanças na paixão de Candida por Dermany, e em ultimo cazo incapaz de resistir, capaz sómente de abnegação e de sacrificio, á temer e á tremer hesitava, pensava urgido e em commoção vehementissima, quando Leonidia com o coração a convulsar-lhe os labios, perguntou-lhe de novo e arrebatada:

— Meo filho! e Candida?...

— Será minha esposa, se ella livremente declarar que o quer ser; respondeo o mancebo, abaixando a cabeça.

Leonidia correu para fora da sala, e quase logo voltou, trazendo Candida pelo braço.

— Candida, dice a pobre mãe em sublime alvoroço, mostrando Frederico á filha; Candida! Candida! este anjo da familia te aceita por esposa, se quizeres salvar-te nas suas azas!!! oh, minha filha! responde.

O ultrage recebido no recado de Dermany, a commoção e o pranto de Leonidia, a pallidez e anciedade de Frederico, que dezejava escutar — não — e que podia tambem indicar o empenho de ouvir — sim —, a surpresa, a dôr, as emoções diversas, a vertigem emfim, perturbárão todas as ideas de Candida, que esquecendo o passado, os erros, a nodoa, o amor, os remorsos, balbuciou attonita, como espantada, como idiota:

— Eu quero.

Leonidia atirou-se nos braços de Frederico.

Candida ficou em pé á olhar absorta; mas passados alguns momentos cambaleou, e sem gemer nem gritar cahio desmaiada na cadeira que encontrou mais proxima.

XLVIII.

Os amores mais profundos e santos ainda assim tem suas exigencias de egoismo: em Leonidia o amor maternal fora egoista, abuzando do poder que exercia sobre Frederico, para obriga-lo á aceitar a mão de Candida; ao menos porem, Frederico reconhecia que Leonidia não tinha a idea de sacrificá-lo e só pensava em realizar o mais suave empenho da sua vida, empenho que se exaltára pelas circumstancias delicadas e apprehensivas da situação, em que Dermany puzêra sua familia.

Frederico retirára-se absorvido em tristes reflexões: amára ternamente Candida; talvez a amava ainda; mas repugnava-lhe ao pundonor toma-la por esposa; a imagem

de Dermany o perseguia insolente, levantando-se sempre ao lado da imagem de Candida: todavia elle se prendêra pela sua palavra, e pelo inexperado e inverosimil —*eu quero*—pronunciado pela irmã adoptiva.

Alem disso, o nobre mancebo desde alguns dias se preocupava da ameaça de novo e para elle mais cruel infortunio; observava cuidadoso que Leonidia envelhecia, e decahia rapidamente; notava o embranquecimento subitaneo de seus cabellos, a magreza e a pallidez do rosto, a respiração oppressa coincidindo com a contracção ligeira da face, e com o instinctivo movimento da mão, que acudia ás vezes ao lado esquerdo do peito, e principiava á temer que profundo e abafado desgosto estivesse destruindo a saude e preparando a morte proxima da extremosa e amargurada mãe, que aliás não se queixava de padecimento algum.

A idéa da morte de Leonidia apavorava Frederico.

O que pensou e reflectio o generoso mancebo, foi digno delle: resolveo consagrar-se á felicidade da familia, que por morte de sua mãe o adoptára filho: mas em todo cazo determinou exigir explicações da de-

cisão inexplicavel e do desmaio de Candida.

Voltando na tarde do mesmo dia á caza de Florencio da Silva; encontrou este e Leonidia radiantes de alegria.

A mãe extremosa dice-lhe:

— Nem sabes o que fizeste, meo filho; eu hia morrer, e tu me restitues a vida.

E apontou para o peito. Era a primeira vez que Leonidia confessava a convicção do mal que principiava á soffrêr.

Frederico empallideceo.

— Nada receis; tornou-lhe a mãe adoptiva: tu vás curar-me.

Leonidia não calculava o poder, a influencia das palavras que proferio agradecida.

Logo depois appareceo Candida. Florencio da Silva tomou o chapeo e sahio: Leonidia conversou alegremente algum tempo, e deixou a sós os suppostos noivos.

Candida não se confundio: seos paes a entregavão sempre á intimidade fraternal daquelle conselheiro dedicado e amigo.

— Minha irmã, dice Frederico; eu tenho consciencia de que não pensas que eu tivesse preparado a surpresa que te fez desmaiar esta manhã.

— Sei bem que te sacrificavas, Frederico.

— Não fallei em sacrificio: tenho a dignidade da minha independencia: não te pedi, confesso; mas te aceito em casamento: eis a verdade...

— Tu me aceitas? Frederico! tu me lavantas?...

— Candida, eu te julgo digna de mim. sentes que te mereço?...

— Não... eu não sou digna de ti...

— Oh! e a tua decisão?...

— Eu estava allucinada... respondi sem reflectir... ah! se soubesses!

— Deves dizer-me tudo, minha irmã.

— Tudo?... oh! sim: á ti o direi... mais tarde...

— Amas pois ainda, como dantes a...

— Escuta: eu te juro, que nunca serei esposa de Dermany, nunca; ouviste? mas casar-me contigo, Frederico?... tu nem sabes como eu te admiro hoje!... nem sabes como eu me sinto vil diante de Frederico tão nobre!...

— Minha irmã, tu te calumnias; foste leviana, mas eu te perdoei.... já não sou eu que aceito, sou eu que supplico a tua mão de esposa.

Candida tomou a mão que Frederico lhe estendia e beijou-a.

— Minha irmã !

— Chama-me assim ; é o unico titulo que poderás dar-me.

— E nossa mãe?...

— Deixemo-la crer e viver algumas semanas.... algum tempo no seo doce engano... oh!... Frederico!... Frederico!...

— Candida.... fazes-me estremecer....

A pobre moça exclamou immediatamente, interrompendo Frederico :

— E' loucura.... mas estou louca.... amo Dernany.... não serei delle ; mas hei-de morrer solteira....

— Antes isso ; dice gravemente o mancebo.

— Minha mãe está fallando perto.... ella vae chegar....

— Enganemos pois nossa mãe, Candida ; é preciso engana-la.... é indispensavel engana-la....

— Como ? porque?... tu fallas, tremendo....

— Candida, nossa mãe concentra no coração desgosto assassino.... o corpo resentio-se dos martyrios da alma.... e a phtisica....

— Oh!... meo Deos!...

— Silencio, Candida ; não a mates ; dice Frederico.

— Como se não fosse eu que a estivesse matando!... murmurou a infeliz moça.

Leonidia entrou na sala. Florencio da Silva chegou de volta de seu passeio: a conversação tornou-se animada e amena. Frederico retirou-se ás onze horas da noite

Mas duas horas antes, ás nove, e enquanto os senhores descuidosos se entretinham em amigra conversação, Lucinda, escrava, descêra ao quarto do pagem que demorava no fundo do saguão, e ali recebera a vizita de um homem vestido de laçao.

O laçao era Dermany.

Lucinda deo-lhe conta de quanto naquella dia se passara no seio da familia de sua senhora.

Dermany, ouvindo a nova do casamento de Candida e Frederico, dice com impassibilidade e frieza:

— Tinhas razão, Lucinda: já era tempo de jogar a ultima cartada; joguemo-la

E tirando do bolso um pequeno embrulho que encerrava dez outros, muito mais pequenos, e todos iguaes, mostrou-os á escrava, accrescentando logo:

— Como te dice, um em cada manhã....

— No café; acudio Lucinda, rindo-se.

— Não tenhas medo; não ha perigo: são dozes fracas de tartaro emetico.

— Oh! minha senhora já as terá tomado
maiores: amanhã começarei....

— Tu és um thezouro, Lucinda! dice o
francez.

XLIX.

Liberato não se limitára na cidade de... á substituir seo pae na direcção da caza commercial e na gerencia de outros negocios: a pretensão do falso Souvanel á ser esposa de sua irmã, e o conhecimento da inclinação, do amor de Candida, o tinham fortemente contrariado, porque elle dezejava com ardor o segundo laço de fraternidade, que devia ligal-o ainda mais á Frederico; essa contrariedade porém, assumira proporções de resentimento ameaçador, desde que soubera que Souvanel era um nome mascara que escondia a face do crime, e Dermany um miseravel que tentára levar o opprobrio, o desgosto, a desordem e o luto ao seio de sua familia, conspurcando-a com o

contacto de sua pessoa, já marcada ignobilmente: ficando pois, na cidade de... Liberato determinou provocar Dermany, e vingar-se delle, aproveitando para isso a ausencia de seu pae, que sem duvida o teria contido.

O irmão de Candida abandonava-se aos impetos de sua natureza exaltada; felizmente porém, Dermany á medo de diligencias da autoridade, já se achava occulto, graças ao generoso aviso de Frederico.

Liberato descobrio o asylo proctetor do francez criminoso; mas estacando diante do infortunio, seo furor desarmou-se, e fazendo espiar Dermany, para não perdê-lo de vista, adiou sua vingança.

Alguns dias passarão e de subito Dermany desapareceu, sem que se soubesse para onde se retirára.

Liberato espalhou dinheiro á mãos cheias, empregou todos os recursos de uma policia habil e acabou por saber que Dermany seguira para a cidade do Rio de Janeiro, onde estava.

Nestas pesquisas, a vingança tinha gasto dez dias.

Liberato sobressaltou-se: Dermany na capital, era a conspiração contra Candida e contra sua familia: o alvoroçado mancebo

imediatamente despachou um portador levando cartas á seos paes, e á Frederico, nas quaes os prevenia da partida do francez para a cidade do Rio de Janeiro ; mas, deixando-os ignorar suas proprias disposições, entregou a caza e os negocios de Florencio da Silva ao guarda-livros, honradissimo velho, que merecia bem tal confiança, e seguiu apressadamente para onde julgava perigar a felicidade e a honra da irmã e da familia.

Arrojado, violento e iracundo, Liberato, anhelando encontrar Dermany para insultal-o e coagil-o á bater-se com elle, segundo os costumes que aprendêra na Europa, queria escapar á acção dominadora de seo pae, e á influencia prudente e fria de Frederico, que se opporão ás suas idéas de desforço e vingança.

Chegando á capital, o macebo impetuoso, foi alojar-se em um hotel de segunda ordem, onde condemnou-se ao mais desagradavel encerro durante o dia, indo á noute passear de sentinella pela frente da caza occupada por seo pae.

Liberato estava certo de que ali havia de encontrar o homem que procurava; amaneheco porém, tres vezes, passeando diante da

caza, sem que lhe apparecesse Dermany, e tendo apenas visto nessa tres noutes Frederico, que se retirava do tecto amigo, e, alem de Frederico, duas vezes nessas noutes, um laçao que fora conversar com o pagem de seo pae.

Mas o irmão de Candida teimou, como Dermany tinha teimado, esperando Frederico, para, seguindo-o, aprender a caza de Florencio da Silva : entretanto o cazo não era o mesmo, e Liberato esquecia as suspeitas, os reparos e desconfianças que devia despertar o seo passeio constante de todas as noutes sempre pela mesma rua e em idas e vindas frequentes até o romper da aurora.

O exaltado mancebo, procedia insensatamente, e ainda pela quarta vez voltou á rondar pela frente da caza de seo pae.

Todavia, não era só Liberato que se abalava com a estada de Dermany na capital : Frederico certificado desse facto por algumas palavras que conseguira arrancar á Candida, achava-se inquieto ; mas preferia com razão, tornar sua irmã adoptiva ou já supposta noiva, deffendida por sua propria virtude, que elle trazia alerta com a luz de sabios avisos e com a evidencia da desgra-

ça e da ignominia que Dermany lhe preparava, á empregar espiões e cautelas que são quasi sempre estereis, quando a mulher quer ser má.

Ainda assim, porém, Frederico desde duas noutes observava cuidadoso da janella da caza de Florencio da Silva, o desazado passeador que tão mal disfarçava algum intento premeditado : pela imprudencia do proceder e pela figura, logo se convenceo de que não era Dermany ; mas desconfiado, ápezar disso, despedindo-se da familia amiga e quase sua, sahio ás horas do costume, e não mostrando reparar no homem suspeito, que nesse momento seguia pelo lado opposto da rua, caminhou tranquillo e sem olhar para traz, e dobrando a primeira esquina, parou e ficou á espera.

No fim de um quarto de hora, Frederico ouviu os passos de alguem, que se approximava, e avançando opportunamente para dobrar outra vez a esquina, esbarrrou cára a cára com a insensata sentinella, e reconheceu Liberato, pela exclamação que escapou á este.

— Liberato ! exclamou Frederico, abraçando o amigo.

Elogo olhando-o com attenção perguntou :

— Porque semelhante chapéo, e esse traje que não são os do teu costume ?

Liberato, confundido, respondeo :

— Porque eu não queria que tu e meu pai me conhecesseis.

— E que pretendias ?

— Já o advinhaste : encontrar Dermany e esbofetea-lo.

— Assim, Dermany de um lado e tu de outro, conspiraveis para desacreditar Candida !....

— Frederico !

— Desde quando estás na Corte ?

— Ha quatro dias.

— E por tanto já quatro noites....

— E' verdade... tenho velado á espera do miseravel....

— Por fim de contas só uma queixa temos delle : é ter querido desposar Candida, sendo criminoso e estando condemnado.

— Achas pouco ?

— Não ; mas na sua desesperada situação é explicavel, embora não desculpavel, que elle tentasse obrigar uma protecção poderosa.

— E a sua ameaçadora insistencia, pois que ouzou vir para a capital?...

Frederico procurava desarmar os impetos do furor do amigo; apertado porém, pela ultima pergunta, dice o que não pensava:

— Tens certeza dessa insistencia? Dermany não se atreve por certo á mostrar-se de dia, e tu mesmo asseguras, que elle não tem sido encontrado de noute na rua em que mora tua familia.

— Mas... quem sabe se uma correspondencia secreta...

— Não creio: ha providencias tomadas: sómente poderia haver correspondencia, se elle pudesse penetrar no saguão da caza, e entender-se com algum escravo; e tu dizes...

— Nestas quatro noutes, somente duas pessoas tem entrado na caza, tu e um lacaio...

— Que lacaio? perguntou Frederico.

— Não sei; um lacaio.

— E porque dizes que é lacaio?

— Ora! pela libré e porque se senta na soleira da porta ao lado do pagem, com quem conversa.

— E depois se retira sem entrar...

— Não; pelo contrario, entra sempre com o pagem e demora-se até fechar-se a porta; já duas vezes e pela terceira vez hoje...

— E hoje? sahio antes de mim?

— Frederico! é um raio de luz...

— Mas... responde...

— Ei-lo ahi vae! dice Liberato, mostrando um lacaio, que passava á pequena distancia, seguindo a rua do Lavradio.

Frederico tinha o braço do amigo prezo em suas mãos.

— Siguiremos de longe este lacaio, dice elle.

— Deixa-me livre; murmurou tremulo de colera Liberato; tu és apenas irmão adoptivo e eu sou irmão legitimo e natural de Candida.

Frederico para dominar o amigo, respondeu-lhe:

— Sou mais do que irmão adoptivo de Candida, sou seo noivo desde quatro dias.

— Ah! Frederico!

— Silencio, acompanhemos o lacaio.

Os dous amigos caminharão, medindo seos passos e sem perder de vista o lacaio que tendo-os percebido, nem poffisso apressou a marcha.

Frederico estava contrariado pela companhia de Liberato; mas não podendo esperar que este o deixasse só, dobrou-se ás circumstancias sem manifestar o seo desagrado:

desconfiava, tinha quase a certeza de que o laçao era Dermany e ardia em desejos de ir franca e directamente tomar-lhe o passo, de apoderar-se delle pelo terror que abate o criminoso perseguido, e de força-lo á aceitar o favor de retirada segura do Brasil; tendo porém, á seo lado Liberato, e conhecendo seo genio violento, resolveo limitar-se nessa noute á assegurar-se da morada do francez.

O laçao depois de algumas voltas e de um longo caminhar, tomou pela rua de... e foi seguindo até que hesitou, como querendo parar; mas voltando os olhos e vendo os dous vultos que á distancia o acompanhavão pelo outro lado da calçada, continuou sua marcha morosa e imperturbavel.

— Passemos adiante delle, e não o olhe-
mos; dice Frederico.

E ambos, accelerando o andar, deixarão logo atrás o laçao que tambem foi proseguindo.

Frederico dobrou a primeira esquina e sempre com o ouvido attento, parou com Liberato no canto da outra rua: o ruido das pisadas do laçao tinha cessado: mas evidentemente elle tinha voltado.

Não se ouvira bater em porta alguma.

Frederico levou o amigo quase a correr em volta do quarteirão e foi outra vez entrar na mesma rua de... por onde ambos tinham já entrado, seguindo o laçao.

Todas as cazas estavam fechadas, excepto um sobrado, onde havia dança e musica.

Algumas carroagens achavam-se paradas á porta do sobrado.

Frederico tinha pouco antes passado junto dessa caza sem attender aos signaes de reunião festiva que havia nella; ainda então seguio para diante; mas indo e vindo nada descobrio que o orientasse sobre o desaparecimento do laçao: começava já a impacientar-se, quando reparou em um muro ennegrecido, no meio do qual se destacava rude e velho portão largo, e lembrou-se de que exactamente alli o laçao quase interrompera a marcha, em que aliás continuára depois de olhar para traz,

O portão estava aberto e a flamma do gaz, em grande e tosco lampião, illuminava a entrada...

Dentro o espaço se alargava e no fundo se distinguia como a frente de immensa caza, onde aqui e alli luzes dispersas, mostravam portas que se destacavam do meio das trevas...

— E' provavelmente aqui, observou Frederico.

— Entremos, dice Liberato.

Frederico não respondeo ao estouvado amigo; mas levando-o comsigo, dirigio-se para a caza onde soava a musica, e a alegria velava: demorou-se por algum tempo, como apreciando a voz de uma senhora que cantava, e quando terminou o canto, fez algumas perguntas banaes aos criados e pagens que conversavão junto das carroagens, e enfim inquerio ainda:

— Aquelle portão e muro são de alguma chacara?...

— Como? chacara nesta rua?... aquillo e um *cortiço*: respondeo um criado.

— Ah! um *cortiço*.... pensei que era chacara de pessoa rica; porque ainda ha pouco me pareceo ter entrado ali um lacaio.

— Entrou; dice um homem que estava em mangas de camisa e conversava com os criados; entrou: é um lacaio que mora no cortiço; em quanto o amo está em Minas tomando aguas....

— Que diabo! e não lhe deixou commodo em caza?... perguntou um pagem a rir.

— Diz que o amo é unhas de fome: alu-

gou a chacara a um irmão, por quatro mezes-que foi passar em Minas.

Frederico já sabia bastante e afastou-se com Liberato.

— Que moços curiosos! dice um criado.

— Ora! são como todos; tornou o homem que estava em mangas de camisa; nesta mesma noute um outro sujeito e de muito peor cara, veio beber cerveja á venda, e enquanto despejava duas garrafas, fez-me dar-lhe conta dos moradores do *cortiço*, e achou tanta graça na historia do lacaio, que obrigou-me a repeti-la tres ou quatro vezes com todos os pormenores.

Frederico levára Liberato para o seo hotel.

Digamo-lo em honra dos dous mancebos:

Frederico tinha planejado obrigar Dermany a deixar o Brasil, e propunha-se a favorecer-lhe e garantir-lhe a retirada ou a fuga.

Liberato queria esbofetear Dermany, calculando indomito e arrojado com as consequencias dessa extrema affronta.

A nenhum delles porém, lembrára se quer, por um instante, a idéa de denunciar Dermany á policia.

Brilhavam nos dous mancebos a a!tívez e a generosidade do character natural dos brasileiros.

L.

A insolente e inqualificavel ameaça de Der-many tinha sublevado o coração de Candida : na grandeza do seo amor que ainda resistia ao conhecimento da indignidade do homeni amado, ella sentira o enorme insulto feito á sua delicadeza, o menospreço do seo pudor, o desprezo da sua individualidade nesse egoismo enregelado de especulador immoral, que se mostrava prompto á patentear o erro fatal que a aviltava, á documental-o com a confissão imprudente lançada em um bilhete confidencial, e ferida em sua vaidade, ultrajada nessa intenção perversa, preferira o maior martyrio á sub-metter-se, como escrava medrosa á prepotencia de senhor infame.

No dia da ameaça e da affronta, na hora mais fogosa de seo ardente resentimento, Candida irreflectida e exaltada, surprehendida pela proposição, pelo pedido, pela exclamação de suprema esperança e empenho transportado de sua mãe, em um impeto de vingança, em um grito de naufraga, que vê a salvação, em uma explosão de dôr e de desespero declarára aceitar Frederico por seo noivo.

Mas logo apoz, a consciencia fulminára a aviltada que desmaiou.

Candida chegára aos dias do mais triste arrependimento, e do mais acerbo desencanto: Frederico se mostrava á seos olhos, como anjo salvador, Frederico era para ella a grandiosidade, a virtude, o bello moral, e Dermany, o objecto da sua paixão, e não mais do seo amor, era a embriaguez ignobil, o grilhão que peza e fêre, o vicio que se esconde porque faz vergonha, e apesar de sua paixão, se tivesse liberdade de escolha, se um erro irreparavel não lhe escraviasse a vontade, Candida exultaria, proclamando-se noiva e esposa de Frederico.

Mas tres dias tinham passado, sem que se effectuasse a ameaça de Dermany, e, embora justamente revoltada, Candida não tolerasse

mais a conversação da mucama, abrandou a sua colera, e principiou á considerar o atrevido recado do seo amante, como recurso doudo de apaixonado em delirio.

E nesses tres dias foi-se tambem agigantando no animo da infeliz moça uma preocupação cruelissima, que a separava mais que nunca de Frederico, e que a impellia mais que nunca para Dermany.

Nesses tres dias, marcados como os ultimos por affectivo calculo, Candida, não sabendo como o amor contrariado póde determinar e muitas vezes determina perturbações physicas profundas na vida animal da mulher, estremecia pavorosamente, lembrando outra cauza em regra productora de iguaes alterações.

E muito peor, ella conservára na cidade certo costume geral na roça; ao levantar-se do leito de manhã, ou ainda na cama tomava sempre uma chavana de café que a mucama lhe trazia, e nos dous ultimos dias logo depois de tomar o café, tivera nauzeas e vomitos.

Na segunda manhã, observando a repetição desses phenomenos, Lucinda fez um movimento de espanto e de temor.

Candida pallida, banhada em frio suor e cheia de perturbação, perguntou á escrava:

— Achas-me doente?

A mucama hesitava.

— Falla... falla...

— Minha senhora tem tido febre?

— Não... nada mais sinto além... disto.

— Em tal cazo... ah! minha senhora...

— Dize: que pensas?... tornou a moça com voz alterada.

— Eu não sei... tenho medo....

Em sua nova e tremenda afflicção Candida esqueceu o desgosto e a desconfiança que ultimamente lhe inspirara a mucama, e murmurou á tremer um segredo no ouvido da perfida que, recuando, como aterrada e escondendo o rosto com as mãos, dice:

— Oh!... minha senhora está grávida....

A sentença não fulminou a victima—; porque esta já esperava o golpe.

Candida fechou os olhos e exhalou um gemido repassado de dôr.

Lucinda traíçoeira e málvada, deixou-se em pé e emmudecida por alguns minutos, e apenas suspirando com fingida magoa: por fim dice:

— Minha senhora.... voltarei d'aqui a pouco... dissimule e espere:

E, voltando as costas, sahio alegre, e radiosa de animação infernal.

Candida ficou só;— ah! não se julgava mais só.

Que remorsos! que amargura! que emoções novas! que raciocínios! que terror!

Na pavorosa situação em que, illudida e atraçoada, a mizera se acreditava, era força pensar, medir o futuro; raciocinar...

E ella o fazia, coitada, torcendo com ancia as mãos, e derramando lagrimas que lhe abraçavam os olhos.

Esperar era nada resolver, e nada resolver, era a vida em torturas com os olhos no ventre, amando e temendo o testemunho do opprobrio á crescer e á accusa-la...

Cahir de joelhos aos pés de sua mãe era mata-la e matar-se.... e sua pobre mãe já doente.... e as apprehensões da phthisica!....

Fugir com Dermany era a partilha da infamia.....

Dermany era ladrão e condemnado....

Mas ainda assim Dermany era o pae de seo filho....que contas do pae daria ella á seo filho?....

E se ella conseguisse obter o perdão de seos pais, estes no infallivel cuidado que tomarião para esconder a sua degradação, que farião de seo filho? que destino darião a innocente creatura?...

Em sua presumida maternidade a voz do ventre fallava-lhe ao coração.

Candida não estava, mas suppondo-se condemnada a ser mãe, já deffendia seo filho.

Foi no meio dessa tempestade de idéas tormentosas e cada qual mais pungente, que Lucinda voltou para junto de sua senhora.

A padecente estendeo os braços para o carrasco de mascara negra e perguntou, chorando :

— E agora que será de mim, Lucinda?

A refalsada mucama respondeo:

— Já pensei, minha senhora ; ha um remedio.... cruel, mas certissimo....

— Qual é?...

— O aborto...

— Oh ! nunca ! nunca !...

— Então.... é preciso ter animo... dizer tudo e quanto antes á sua mãe....

— Eu a mataria....

— E' verdade que ella parece doente.... anda com uma tosse....

— E então ?

— Não vejo outro recurso, minha senhora....

— E.... Dermany ?

— Eu não fallo mais nesse homem á minha senhora.

— Se meo pae consentisse o nosso casamento, e Dermany quizesse viver comigo no fundo de um deserto....

Lucinda não respondeo.

— Falla; dice Candida em tom quase humilde.

A mucama fallou :

— Minha senhora não póde esperar tal consentimento.

— Eu o sei.

— Póde porém obrigar o perdão de seos paes....

— E como?...

— Casando apezar delles com o Sr. Dermany: feito o casamento, o perdão dos paes vem depois : é o que se vê sempre....

— Sim.... Sim.... mas esse francez.... seos crimes infamantes....

— Eu não aconselho, minha senhora ; dice a perversa escrava.

— Ah ! Lucinda....

Candida interrompeo-se, e retorcendo-se com anciedade e nauzeas, immediatamente depois experimentou ainda uma vez a acção vomitiva do tartaro emetico tomado no café.

— Não ha duvida possivel ; dice a mu-

cama escrava; e o peor é que em poucos dias hãode começar as suspeitas de minha senhora velha....

— Meo Deos! exclamou Candida em desespero.

— Minha senhora é necessario resignar-se....

— Oh! não! não! não! é impossivel! antes morrer!....

— E seo filho?... perguntou a escrava-demonio.

Candida desfez-se em pranto angustiado.

A escrava hia evidentemente dominando de novo á senhora, e arrastando-a para as garras de Dermany.

LI.

Ao meio-dia Liberato apresentou-se á seus paes e teve com elles longa conferencia particular, terminada a qual foi alegre e feliz, pela esperanza do casamento de sua irmã com Frederico, abraçar a noiva.

Candida recebeu o irmão como o seu primeiro e natural amigo e nas circumstancias extremas em que se achava, nos confrangimentos do seu coração, procurou consolações, esperanças de commiserção e de amparo, mostrando-se leal e sincera no que podia se-lo sem confessar a sua ignominia.

Liberato era precipitado e violento.

Ouvindo a irmã confessar que o seu casamento com Frederico não era um ajuste realmente assentado entre ambos, e que

só os padecimentos de sua mãe aconselhavão deixa-la por algum tempo nessa illusão suave, rompêo em protestos e ameaças que revoltarão a infeliz moça tão desesperada já.

O cuidado dos soffrimentos de Leonidia apenas conteve as explosões de Liberato fóra dos aposentos de Candida; elle porem declarou alli que sabia, como Dermany se introduzia na caza para fallar com os escravos e jurou que poria termo immediato á todos os escandalos, com que a irmã infamava sua familia,

Em vez de um amigo consolador, esperançoso, indulgente, dedicado, Candida encontrára em seo irmão juiz severo, ameaçador, terrivel, e, para maior mal, Liberato receioso de não poder occultar de sua mãe doente as impressões inesperadas e acerbadas que recebêra em sua conversação com a irmã, sahio furioso, e não voltou á caza de seo pae, senão á noute em companhia de Frederico.

Vinhão ambos, Liberato e Frederico, resolvidos á fazer com que Florencio da Silva tomasse providencias para melhor garantir o respeito devido á sua familia. A condemnação do serviço de escravos no interior

da caza, e especialmente a remoção prompta e urgentissima da mucama de Candida e do pagem *fiel* de Florencio da Silva são as principaes exigencias, ou os primeiros conselhos dos dous mancebos.

O veneno da escravidão estava pratica e evidentemente reconhecido por Liberato e Frederico nas relações do fingido laço com os escravos da caza ameaçada de deshonra: ambos vinhão denunciar a traição dos escravos mais estimados da familia dos senhores, a acção malefica dessas *victimas algozes*, *vítimas* pela prepotencia que lhes impõe a escravidão, *algozes* pelo damno que fazem, pelas vinganças que tomão, pela immoralidade e pela corrupção que inoculão.

A' principio conteve-os a presença suspeitosa de Candida; mas em breve a triste e conturbada moça deixou a sala, como se comprehendesse que estava ali acanhando, e impedindo expansões que urgião manifestar-se.

Os paes e os irmãos, Florencio da Silva e Leonidia, Liberato e Frederico applaudirão-se da retirada de Candida, e longamente se entregarão ás mais sérias e graves combinações.

Mas a noute hia avançando e Leonidia

foi chamar a filha, pois que chegára a hora de servir-se o chá.

Florencio da Silva e os dous mancebos conversavam ainda socegradamente; quando pallida, perturbada, convulsa, Leonida entra de novo na sala, e com a face decomposta, a voz surda, sepulchral e horripelmente contrahida diz ou balbucia :

— Candida... desapareceo...

— Que?!!! exclamárão tres vozes.

— Fugio!!! tornou Leonidia.

E cahindo em uma cadeira a pobre mãe levou ambas as mãos ao rosto, abaixou a cabeça, e abrindo a boca, lançou um gollada de sangue.

— Leonidia!... gritou Florencio da Silva, correndo a acudir á espoza.

— Minha mãe! minha mãe!... dice Frederico, chorando; minha mãe! coragem! eu juro que salvarei Candida para salvar a sua vida!..

E lançou-se precipitadamente para fóra da sala e da caza.

— Liberato! acompanha Frederico! dice Leonidia nos braços do marido, e quase sem voz.

Liberato vôou em seguida do irmão adoptivo.

LII.

A mucama-escrava consumára finalmente a sua obra.

Vendo Candida sahir apprehensiva e temerosa da sala, a perversa Lucinda correu a ella em tremente agitação e annunciou-lhe aterradoras novas, declarando que o pagem de seo senhor, posto em confissão por Liberato, denunciára medroso todos os segredos do amor de sua senhora moça e de Dermany, não o deixando ignorar nem mesmo a hallucinação e o erro da noute sinistra: que Liberato furioso jurára medonha vingança, de que ella, pobre escrava, hia ser a primeira victima: que Dermany fôra reconhecido na ultima noute por Frederico, o que em desvario inaudito ousára

voltar ainda, e estava no quarto do pagem e absolutamente decidido a subir e a apresentar-se na sala, arrostando tudo para reclamar sua noiva, se esta não lhe fosse fallar immediatamente.

Lucinda chorava, tremia, e despedia-se de sua senhora, dizendo que hia fugir....

Candida apavorada, e no maior desatino, toda entregue aos impulsos do terror, perdida, douda, e nesse estado de abandono da propria razão, nesse delirio compellida pela escrava, lançou-se precipitada para o o saguão e entrou no quarto onde estava Dermany.

O joven francez radiou com alegria satanica.

— Este momento é todo nossa vida ; dice elle com voz commovida, mostrando duas folhas de papel a Candida ; aqui estão as licenças que consegui hoje obter para que em qualquer igreja o primeiro padre que encontrarmos abençoe o nosso casamento. Lê e fujamos ! vem ser minha esposa !

Candida toda tremula nem olhou para os falsificados documentos que Dermany lhe apresentava, e estendendo-lhe a mão, balbuciou apenas :

— Vamos.

E aceitando sem repugnancia o braço de um homem que trazia libré de lacaio, acompanhou-o, fugindo da casa de seos paes.

A escrava mucama os seguio levando uma trouxa de vestidos seos: evidentemente ella se tinha preparado.

Dermany caminhava apressado, e Candida deixava-se quase arrastar, e arfava de fadiga, quando teve de entrar n'aquelle pequeno povoado de cazinholas que se escondem humildes, e a que o povo deo o nome de *cortiço*.

— Quem traz você ahi? perguntou um velho que estava sentado no portão.

— Minha irmã e uma escrava: é só por uma hora, respondeo Dermany.

Candida confusa, vergonhosa pelas observações rudes e desrespeitosas que hia ouvindo á homens e mulheres que encontrava e a olhavam rindo-se, subio a uma especie de galeria baixa, estreita, agreste, para a qual se abrião muitas portas todas igualmente pequenas, e onde não havia uma só janella.

Individuos de ambos os sexos, todos vestidos pobremente, alguns maltrapilhos entravam por aquellas portas, ou sahião para a galeria, galhofando grosseiramente.

Candida agarrava-se ao braço de Dermany, que enfim parou diante da ultima porta, e abrindo-a, dice á infeliz moça :

— Entra.

Candida entrou seguida de Lucinda, e achou-se em uma saleta, cuja mobilia limitava-se á uma cama, uma agreste meza, e um banco de páo.

Lucinda começava á espantar-se.

Dermany chamou o morador do quarto vizinho, que prompto accudio á sua voz : era um mancebo assalvado e que indicava occupar-se de grosseiro myster.

— Manoel, vae correndo buscar-me por todo preço um carro com possantes bestas ; dirás na cocheira que é para ir já a Andarahy levar uma familia,

— Estou morto de cansaço : cavei terra o dia todo...

— E quanto ganhaste?

— Mil e quinhentos á secco.

— Dou-te tres mil reis, se me trouxeres o carro antes de uma hora.

— Olhe lá !

— Toma mil reis por conta.

Manoel recebeo o bilhete de mil reis e partio accelerado.

Dermany entrou no quarto e abraçando

Candida beijou-lhe cem vezes as faces e os lábios, dando-lhe os mais dôces nomes.

Lucinda afastou-se para a galeria.

O joven francez requintou seos afagos; mas Candida tremula, anciosa, e obstinadamente insensível ás caricias, dice por vezes:

— Fijamos primeiro...

Dermany sahio do quarto, dizendo de máo modo:

— Espera-me pois ahi.

Lucinda voltou logo para junto de sua senhora.

Candida principiava a medir as proporções escandalosas e horriveis de sua situação.

O *cortiço* causava-lhe medo e asco...

Dermany não a encantava mais, despertava-lhe a vergonha na consciencia....

A fuga da caza de seus paes lembrava-lhe o opprobrio....

— Oh, minha mãe !... exclamou a desgraçada.

— Não se atormente, minha senhora; disse Lucinda:

— Ah! que me resta agora?...

— O amor do Sr. Dermany, e em todo o caso e sempre a fidelidade da sua pobre escrava.

Candida, coitada, abraçou Lucinda.

E pouco depois dice :

— Tenho sede... agoa ! agoa !...

A mucamá não achou agoa no quarto de Dermany.

— Espere, minha senhora ; vou procurar e pedir um copo d'agoa.

Candida ficou só, e como que se sentio agonisante n'aquella solidão de criminosa.

Ouvia gargalhadas, e convulsava pensando que era da sua ignominia que gargalhavão.

Ouvia abrir e fechar portas e tremia por mil perigos, mil vexames, e mil affrontas no meio de tanta gente á viver como em comum.

E Dermany não voltava...nem Lucinda lhe trazia agoa....

E ella tinha medo e febre...terror e sede abrazadora...

Caudida ouvio leve ruido proximo.... o seo medo exagerou-se.... quiz e não ousou gritar por soccorro.... levantou-se do banco de páo e sahio para a galeria.

Vio um pateo e gente nelle. . .

Estremeceo, escutando atras de si brando gemido....

Voltou-se e vio aberta a porta do apo-

sento vizinho...e outra vez ruído abafado que vinha desse quarto....

Olhou....deu um passo a tremer....chegou á porta do quarto e...titubeou, desprendeu grito doloroso e horrível, e deitou a correr frenética e impetuosamente pela galeria, pela escada, pelo pateo, á chorar, e á ulular como louca....

O que ella tinha visto no quarto era esqualido, infame, e espantosamente perverso e criminoso....

Candida sacrificára tudo, riqueza posição, credito, honra, o nome de seu pae, talvez a vida de sua mãe, a gloria de ser esposa de Frederico para seguir Dermany....

Deixára-se levar, dominar, arrastar pela sua mucama, a *escrava*....

Dermany lhe garantira amor, oh ! mais do que amor então, a benção nupcial pelo primeiro padre na primeira igreja....

Lucinda, a *escrava* que a levára á perdição, poucos minutos antes lhe assegurára a sua *fidelidade em todo o caso e sempre*.

E Candida acabava de ver com os seus olhos n'aquella noite, n'aquelle lugar ao pé do seo sacrificio, na suprema dedicação opprobriosa, em paga da mão regeitada de

Frederico, em paga da mancha lançada no nome de seu pae, em paga da vida ameaçada de sua mãe, em paga da sua reputação, e da sua honra, oh ! ella acabava de ver Dermany nos braços de Lucinda !!!

LIII.

Para onde corria Candida em furia e afflicção desesperada?... ella não poderia dizer-lo; mas arrebatada, já com os cabellos soltos e cahidos, esbarrando aqui e alli nas pessoas que encontrava, arrojou-se alem do portão, sem ver ou sem lhe importar alguns soldados que ali se tinham postado, e impetuosa avançou pela rua....

— E' uma mulher douda; dizião uns.

— E' alguma mulher dissoluta que o amante espancou e poz fóra de caza; dizião outros.

— E' talvez uma pobre mãe que vae buscar o medico para ver-lhe o filhinho que lhe morre; dizião os mais compassivos.

Mas para onde corria Candida ?...

A mucama-escrava a arrancára do branco ceo da innocencia e a fizera em menina sábia precoce da sciencia pudenda da mulher.

A mucama-escrava amesquinhara-lhe o pudor, distanciara-a do recato, impellira-a para vãos e aviltantes namoros.

A mucama-escrava a atraioára duas vezes com Dermany, protegendo perversa um amor fingido e funestissimo, e tornando-se amante infame do supposto noivo de sua senhora.

A mucama-escrava depois de tentar de balde arrasta-la para as garras de Dermany, abrira á este a porta do quarto de sua senhora, e a abandonára quase desmaiada ao algóz.

A mucama-escrava dera-lhe dózes repetidas de uma substancia vomitiva, para hallucina-la com a convicção de um estado que patentearia o seo opprobrio.

A mucama-escrava finalmente, inventando ainda aterradoras noticias, conseguira arrancà-la da nòbre e respeitada caza de seus paes, para leva-la de rastos pelo braço de um miseravel para o escuro recanto de um *cortigo*.

O mais, a infidelidade, a ingratição, a

torpeza, a fria perversidade da mucama-escrava e de Dermany éráo o castigo da Providencia imposto á moça que se rebaixára, e tanto offendêra á seos paes, ao dever e á sociedade.

Mas para onde corria Candida ? . . .

Fugida da caza paterna; não ouzando nem sabendo lá tornar, escapando á Lucinda, á Dermany, ao *cortiço*, nodoadá, deshonorada, perdida, para onde poderia ella correr, senão para os braços do primeiro libertino que reparasse em sua belleza ?

E depois do primeiro, o segundo senhor e dono, e, depois vencidos, desfeitos os ultimos vexames, a extrema degradação . . .

Era por tanto ainda a mucama-escrava que fatal empurrava implacavelmente sua senhora para a prostituição e o alcouce . . .

Oh ! como a escravidão é veneno e peste ! . .

E Candida corria sempre sem saber para onde, com os cabellos e os vestidos em desordem, corria insensata, delirante, e levando no turbilhão desconcertado, e horrivel de mil idéas obscuras, negras, uma só idéa distincta, mas lugubre . . . era encontrar o mar . . .

E corria sempre surda e cega, quando de subito duas mãos a agarrárão, e uma voz amiga exclamou ;

— Minha irmã !

Candida reconheceo Frederico, exhalou um gemido de agonia, e seo corpo sem vida dobrou-se inerte nos braços do mancebo.

— Que seja um desmaio, meo Deos ! dice Frederico, sustendo Candida.

— Seja antes a morte; dice Liberato, afastando-se apressado.

— Ajuda-me á soccorrer nossa irmã !....

Liberato em vez de responder ou voltar, seguiu, rugindo de raiva, para o *cortiço*.

LIV.

Era tarde para a vingança.

Quando Liberato chegou ao portão do *cortiço*, sahia por elle Dermany no meio de soldados que o levavão prezo para ser entregue á legação franceza.

O jogador tinha perdido a partida.

Liberato conteve o seu fervor e nem reparou no vulto de uma mulher que, ao percebe-lo recuou, escondendo-se por entre os curiosos que em chusma observavão a scena.

Dermany, ouvindo o grito de Candida e o ruído de sua carreira pela galeria não tardára tambem em correr no encalço da sua victima; mas ao chegar ao portão hesitára, vendo os soldados e logo fugira para

o interior do *cortiço*, onde em breve fora descoberto e prezo.

Lucinda acompanhara temerosa a diligencia feita pela força publica, e seguira á esta, lamentando em voz baixa Dermany, até que, ao passar o portão e ao dar com os olhos no irmão de sua senhora, desviou-se e, envolvendo-se na multidão, foi desnorteada procurar abrigo, onde se acoutasse.

A Providencia marcava por diversos modos a punição dos criminosos ; mas de envolta com essas punições acendia uma luz que sómente os cegos não vêem, a luz do infortunio, da desmoralisação, da miseria moral, que em vingança implacável a escravidão impõe á sociedade escravagista.

Os escravos são victimas ; mas sabem ser *victimas-algozes*.

Lucinda, a mucama-escrava, victima porque era escrava, tinha sido algoz de sua senhora.

Que aproveite o exemplo.

LV.

O zelo da mais santa amizade, teceo dedicado véo para encobrir o vergonhoso procedimento de Candida. Segundo as explicações de Frederico a pobre moça tomada de delirio febril sahira de caza e corrêra em desatino pela rua, onde elle e Liberato a encontrarão só, e por tanto isenta de compromettimento que a desdourasse.

Os medicos chamados para soccorrer Leonidia, tiverão tambem de prestar instantes cuidados a Candida, e reforçarão as explicações de Frederico, declarando-a atacada de gravissima affecção cerebral a que chamárão *meningite*.

As folhas diarias, dando conta da prizão de *Dermamy*, informárão, que a diligencia

policial se effectuara com extraordinaria habilidade, sendo o criminoso surprehendido quando acabava de entrar no *cortiço* com uma mulher de ruins costumes, que aliás fugira precipite ao ver prezo o socio de suas orgias.

Lucinda e o pagem *fiel* de Florencio da Silva tinham desaparecido.

Apparentemente ao menos, a reputação de Candida achava-se escudada; mas só apparentemente, porque havia ainda outros escravos na caza, além do pagem e da mucama; esses porém tremião e ainda não ousavão detrahir....

Todavia a situação da familia de Florencio da Silva era duplamente luctuosa; por quanto Candida não dava esperanças de salvar-se, e Leonidia hia aggravando sempre mais as tristes apprehensões dos medicos.

Candida tinha accessos de delirio terrivel, e então era de ver a industria sublime com que Leonidia, distanciava todos e até seo marido do lado da filha: ella tinha invenções, idéas, recursos que só as mães os teem.

Uma vez, Florencio da Silva em consternação, queria por força ficar ao pé da filha; mas Leonidia empurrando-o desesperada para longe, exclamou:

— Ella vae pôr-se nua!... sahe!...

Em outro dia porém a mízera mãe a sós, e sem temor de algum outro ouvido, a desgraçada mãe a soluçar, a retorcer-se de dôr, ouviu na voz do delírio choroso e pungente a relação entrecortada, repetida, mas então completamente feita de todos os erros, de todas as mízérias de sua filha, e até da convicção de um estado que não era real, e que se o fosse, como ella suppunha, exhibiria vivo testemunho da deshonra.

Então Leonidia desfeita em lágrimas, em afflicção extrema, quando terminou o accesso do delírio, ajoelhou-se junto ao leito, apertou entre as suas as mãos ardentes da filha, e com voz gemente, cheia de ternura indissível, de verdade profunda, de consolação lugubre, e, deixem-nos dizer-lo assim, de desespero resignado, dice:

— Minha filha! meo bem! meo anjo! minha Candida! morre! morre, minha filha; tu deves morrer: não falles mais... não delíres mais... morre, meo anjo! olha... eu também vou morrer...

E beijando mil vezes as mãos de Candida, repetia:

— Morramos, minha filha querida!.. tu deves morrer...

— Oh, minha mãe!... minha mãe! eu não quero que morras! eu perdôo, esqueço todos os desvarios de Candida e lhe darei o meo nome!

— Frederico!... exclamou Leonidia, levantando-se.

Frederico estava em pé atrás de sua mãe adoptiva, e com o rosto banhado em pranto.

— Vivirás, minha mãe?... perguntou elle ternamente.

Leonidia humilhada e commovida, duvidosa e esperançosa, fôra de si pela confusão, pela vergonha, pela dôr, por mil sentimentos diversos, em vez de responder, tambem perguntou:

— Ouviste... o horror do seo delirio?..

— Ouvi tudo... sei tudo...

— E tu... Frederico?... ainda assim... Frederico?....

— Vivirás, minha mãe?....

Leonidia tomou as mãos do mancebo, encarou-o de face, e com os olhos em fogo, com admiração inexprimivel, com a voz um pouco rouca, com accento de gratidão sublime, dice, sem pensar no que dizia, e como estupefacta:

— De que altura és tu?.....

— Oh, minha mãe!!!

A extremoza mãe lançou-se sobre Candida, e abraçando-a bradou:

— Vive, minha filha!... vive, minha filha! vive! vive!....

Candida pareceo sorrir triste, mas doce-mente ao brado do coração de sua mãe.

CONCLUSÃO.

I.

Dous mezes depois celebrou-se, ainda na cidade do Rio de Janeiro, o casamento de Frederico e Candida.

Muito mais rico do que a noiva, conhecido e estimado pela nobreza de seos sentimentos, pela severidade de seos costumes, pelo brilho de suas virtudes, Frederico deo com o seo nome á Candida uma égide que a pôs á salvo dos botes de injuriosas suspeitas.

Grande aos olhos da familia de Candida, anjo salvador para esta, Frederico, abençoado por seo pae, sentio-se no acto de seo

casamento e no meio das tristes lembranças dos passados desvarios de sua noiva, esplendido aos olhos do Deos do perdão.

Quando a cerimonia religiosa terminou, elle deo a mão á Candida e voltou-se para a familia.

O olhar de Leonidia cheio de celeste amor abriu-lhe a porta do paraizo.

Leonidia tivera razão de perguntar de que altura era Frederico; porque na sua virtude elle se mostrou alto, como o sacrificio que fizera ao amor de sua mãe adoptiva.

A' noute e recolhidos á camara nupcial, Candida fez um movimento para ajoelhar-se diante de Frederico.

Elle a conteve e dice-lhe docemente:

— O passado morreo: no altar donde viemos hoje, eu te purifiquei e Deos nos abençoou.

E abraçando a noiva, beijou-a na fronte.

II.

Alguns dias depois os noivos e seos paes preparavão-se para voltar á seos lares, quando um agente policial, ou interesseiro procurador se apresentou na casa de Florencio da Silva, annunciando que se achavão detidos e presos na casa de correcção, um pagem, e uma negra creoula que se confessavão, escravos, dando o nome de Florencio, como o de seo senhor.

Frederico avançou para o agente policial, e tomando a palavra ao sogro, dice:

— Nossos escravos ou não, nós os abandonamos ao seo destino; pois que de nós fugirão, regeitamo-los.

— Então... como ficão elles?...

— Pouco nos importa isso: a liberdade,

como premio, elles a não merecem; como direito, a sociedade ou o governo, que lh'os outorgue. Elles nos fugirão, nós os abandonamos.

O agente policial retirou-se confundido.

Frederico voltou-se para a familia estupefacta e dice:

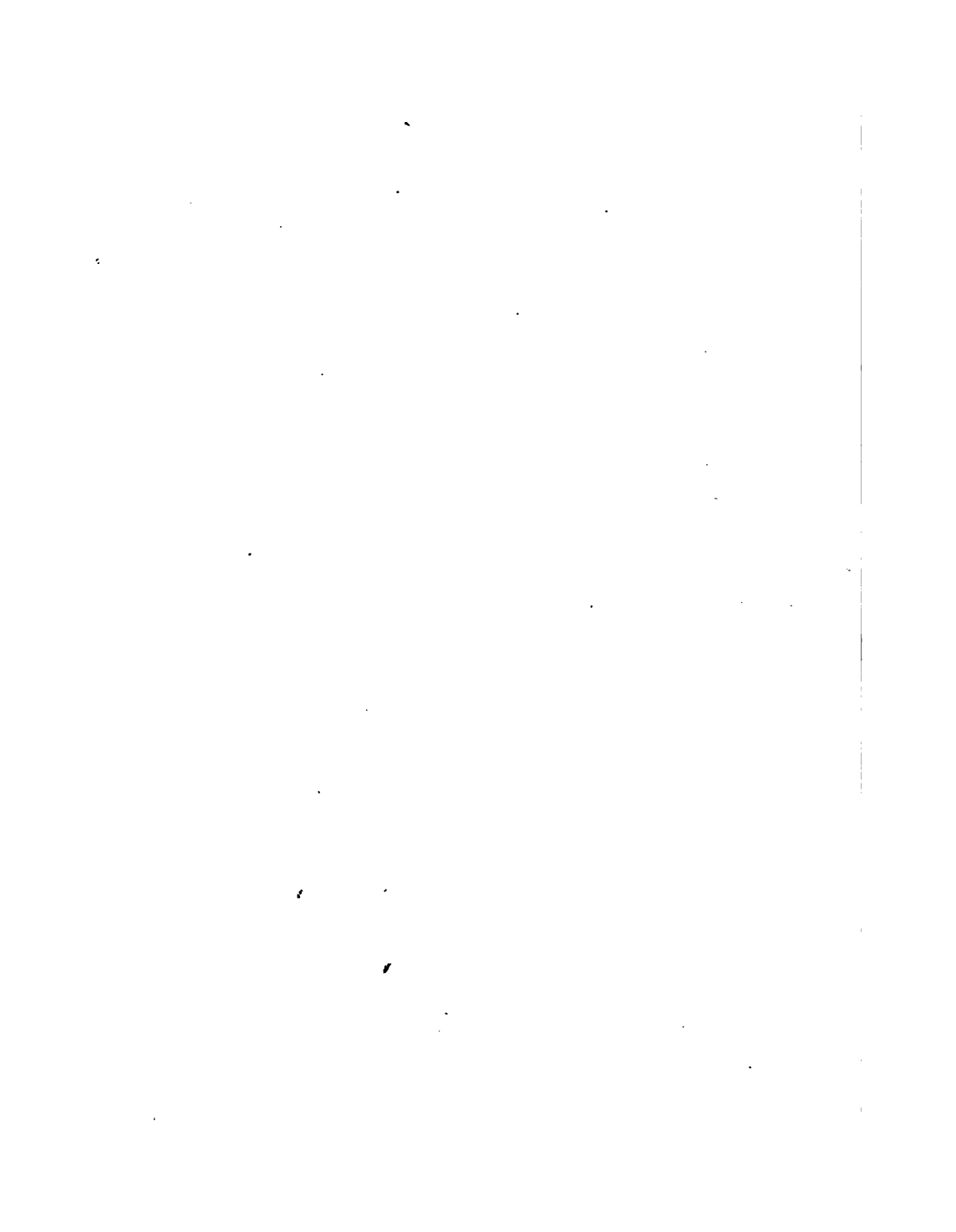
— A escravidão é peste: porque não nos havemos de libertar da peste?... que fariamos dessa mucama e desse pagem?... mata-os?... fora um crime hediondo: conserval-os em captiveiro?... uma vergonha da familia em constante martyrio, considerando, vendo, e soffrendo diante desses escravos: vendelos?... vingança ignobil que mancharia a mão que recebesse o dinheiro, preço da venda dos criminosos empurrados impunes...

— Mas esses dous traidores e perversos...

— Arvore da escravidão derão seos fructos. Quem pede ao charco agoa pura, saude á peste, vida ao veneno que mata, moralidade á depravação, é louco. Dizeis que com os escravos, e pelo seo trabalho vos enriqueceis: que sejá assim; mas em primeiro lugar donde tirais o direito da oppressão?... em face de que Deos vos direis senhores de homens, que são homens como vós, e de que vos intitulaes donos, senhores, arbitros abso-

lutos?.. e depois com esses escravos ao pé de vós, em torno de vós, com esses miseraveis degradados pela condição violentada, engolphados nos vícios mais torpes, materializados, corruptos, apodrecidos na escravidão, pestíferos pelo viver no patanal da peste e tão vis tão perigosos póstos em contacto comvosco, com vossas esposas, com vossas filhas, que podeis esperar desses escravos, do seo contacto obrigado, da sua influencia fatal?.. Oh! bani a escravidão!.. a escravidão é um crime da sociedade escravagista, e a escravidão se vinga desmoralizando, evenenando, deshonorando, empestando, assassinando seos oppressores. Oh!.. bani a escravidão! bani a escravidão! bani a escravidão!...

FIM.



2nd

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
LOAN DEPT.

This book is due on the last date stamped below, or
on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

APR 13 1967 6 0

IN STACKS

MAR 30 1967

RECEIVED

APR 7 '67 -12 AM

LOAN DEPT.

DEC 2 1980

RECEIVED BY

SEP 25 1980

CIRCULATION DEPT.

AUG 27 1981 9 0

REC. CL. AUG 27 1981

LD 21A-60m-2,'67
(H241s10)476B

General Library
University of California
Berkeley

U. C. BERKELEY LIBRARIES



C042588618

